

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Clarice Soares França Silva

DEMONSTRATIVOS NA ROMÂNIA NOVA:
ESPAÑHOL DE LIMA E ESPAÑHOL DE BUENOS AIRES

Belo Horizonte

2013

Clarice Soares França Silva

DEMONSTRATIVOS NA ROMÂNIA NOVA:
ESPAÑHOL DE LIMA E ESPAÑHOL DE BUENOS AIRES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em Estudos linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística teórica e descritiva.

Linha de pesquisa: Variação e mudança linguística.

Orientador: Prof. Dr. César Nardelli Cambraia.

Belo Horizonte

2013

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

S586d	<p>Silva, Clarice Soares França.</p> <p>Demonstrativos na România nova [manuscrito] : espanhol de Lima e espanhol de Buenos Aires / Clarice Soares França Silva. – 2013.</p> <p>142 f., enc.: il., tabs, (p&b), grafs (color)</p> <p>Orientador: César Nardelli Cambraia.</p> <p>Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.</p> <p>Linha de Pesquisa: Variação e Mudança Linguística.</p> <p>Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.</p> <p>Bibliografia: f. 139-142.</p> <p>1. Língua espanhola – Pronomes – Teses. 2. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 3. Língua espanhola – Variação – Teses. 4. Mudanças linguísticas – Teses. I. Cambraia, César Nardelli. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.</p> <p>CDD: 415</p>
-------	--

AGRADECIMENTOS

Ao prof. Dr. César Nardelli Cambraia, por ser um verdadeiro orientador.

À Faculdade de Letras da UFMG, incluindo tudo e todos que a conformam, por haver propiciado que eu encontrasse em seu seio, desde a graduação, um pouco de mim mesma e mais para me desenvolver e crescer.

Aos professores e colegas do Poslin pelos ensinamentos, assessoramento e companhia nos anos de mestrado.

Ao meu marido, pais e irmãos, por seu apoio e amor incondicionais, me oferecendo uma sólida estrutura para a vida e respeito às minhas opções.

Aos meus filhos por serem fonte de estímulo na busca do conhecimento.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO

Demonstrativos na România Nova: espanhol de Lima e espanhol de Buenos Aires

CLARICE SOARES FRANÇA SILVA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Linha B - Estudo da Variação e Mudança Lingüística.

Aprovada em 02 de setembro de 2013, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Cesar Nardelli Cambráia - Orientador
UFMG

Prof(a). Evelyne Jeanne A. A. Madeleine Dogliani
UFMG

Prof(a). Manoel Mourivaldo Santiago Almeida
USP

Belo Horizonte, 2 de setembro de 2013.

SUMÁRIO

RESUMO	08
ABSTRACT	09
LISTA DE ABREVIATURAS	10
LISTA DE QUADROS	12
LISTA DE TABELAS	13
LISTA DE GRÁFICOS.....	16
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 - DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	19
1.1. Dêixis	19
1.1.1. Definição.....	19
1.1.2. Classificação.....	19
1.2. Demonstrativos.....	21
1.2.1. Definição e funções.....	21
1.2.2. Demonstrativos na Romênia.....	35
1.2.2.1. Visão geral.....	35
1.2.2.2. Demonstrativos no espanhol: abordagem tradicional.....	38
1.2.2.3. Demonstrativos no espanhol: estudos recentes.....	39
CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	44
2.1. Introdução.....	44
2.2. Funcionalismo.....	44
2.2.1. Fundamentos.....	44
2.2.2. Gramaticalização.....	49
2.2.2.1. Gramaticalização nos demonstrativos.....	51
2.3. Variação linguística.....	53
CAPÍTULO 3 - OBJETIVOS, HIPÓTESES DE TRABALHO E METODOLOGIA	57
3.1. Objetivos	57
3.2. Hipóteses de trabalho.....	57
3.3. Metodologia.....	58
3.3.1. <i>Corpus</i> e coleta de dados.....	58
3.3.2. Tratamento dos dados.....	61

CAPÍTULO 4 - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	63
4.1. Caracterização geral dos dados: fóricos, truncados e fáticos.....	63
4.2. Fóricos	66
4.2.1. Forma.....	66
4.2.2. Fatores intra-linguísticos.....	68
4.2.2.1. Morfologia.....	68
4.2.2.1.1. Gênero.....	68
4.2.2.1.2. Número.....	70
4.2.2.1.3. Classe de palavra.....	72
4.2.2.3. Sintaxe.....	75
4.2.2.3.1. Tipo de margem.....	75
4.2.2.4. Semântica.....	78
4.2.2.4.1. Valor referencial.....	78
4.2.2.4.1.1. Explicitude do referente.....	85
4.2.2.4.1.2. Anáforas claras: relação formal entre referente e fórico.....	89
4.2.2.4.1.2.1. Natureza do determinante.....	90
4.2.2.4.1.2.2. Natureza do núcleo nominal.....	94
4.2.2.4.1.2.3. Natureza do modificador.....	99
4.2.2.4.1.2.4. Número do núcleo.....	104
4.2.2.4.1.2.5. Relação não-substantiva.....	106
4.2.2.4.1.3. Anáforas escuras: relação formal entre referente e fórico.....	107
4.2.2.4.1.4. Dêixis textual.....	112
4.2.2.5. Pragmática.....	112
4.2.2.4.2. Participantes do ato de fala.....	112
4.2.3. Fatores extra-linguísticos.....	115
4.2.3.1. Geração e entrevista.....	115
4.2.4. Variação.....	119
4.3. Truncados.....	128
4.4. Fáticos.....	131
4.5. Avaliando as hipóteses.....	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
REFERÊNCIAS.....	139

RESUMO

Este trabalho, de cunho descritivo, partiu das perspectivas funcionalista e variacionista para estudar o funcionamento dos demonstrativos no espanhol de Lima e de Buenos Aires, com base nos dados no projeto NURC. CAMBRAIA & BIANCHET (2008) postulam que algumas línguas românicas apresentam a tendência de passar de um sistema ternário a um sistema binário, o que, sendo verificado, precisa ser entendido para que fiquem estabelecidas as novas regras que estão regendo o sistema. Com essa finalidade, nos baseamos no sistema de classificação de GONZÁLEZ ÁLVAREZ (2006) para elaborar o nosso próprio sistema de classificação para testar quatro hipóteses, a saber: (a) a escolha das formas de demonstrativo é sensível à função que o demonstrativo cumpre na frase, assim como identificado por GONZÁLEZ ÁLVAREZ (2006) para o espanhol mexicano, sendo possível identificar padrões de uso comuns às variantes do espanhol americano; (b) o sistema de demonstrativos do espanhol de Lima e o de Buenos Aires apresentam tendência ao binarismo, estando em desaparecimento *aquel* em detrimento de *ese*, como já constatado por alguns autores para o espanhol latino-americano, como CAMBRAIA (2009, 2012) e STRADIOTO (2012) sobre o espanhol mexicano; (c) o processo de binarização do sistema de demonstrativos de Lima e Buenos Aires deve envolver variação entre formas, pois as mudanças linguísticas são precedidas de variação entre formas concorrentes, como assinala LABOV (1972, 1995, 2001); e (d) dada a semelhança entre diferentes variedades do espanhol latino-americano, a gramaticalização do uso fático deve se manifestar nos dados de Buenos Aires, como sugere o estudo de COLANTONI (2000), e nos dados de Lima.

Foi constatado que os dois sistemas estudados apresentam padrão predominantemente binário, tendo a forma de segunda pessoa amplo escopo, com desempenho de papéis normalmente atribuídos às demais formas, e havendo uma baixa ocorrência para a forma de terceira pessoa. O uso das formas é regido por suas funções no discurso e, apesar de, para algumas funções, haver usos categóricos de primeira ou segunda pessoa, para outras funções foi identificado um processo de variação, coexistindo duas ou três formas para a mesma função estabelecida por nosso sistema de classificação. Tanto no espanhol de Lima como no de Buenos Aires foi observado o uso do demonstrativo de primeira pessoa masculino com função fática, sendo que em Buenos Aires o seu uso é mais frequente.

ABSTRACT

This work is descriptive and it is based on the Variationist and Functionalist perspectives to study the functioning of the demonstratives in Spanish spoken in Lima and Buenos Aires, based on NURC project data. CAMBRAIA & BIANCHET (2008) state that some Romance languages have a tendency to transform a ternary system into a binary system. This adaptation has to be understood so that the new rules that are governing the system can be established. With this purpose, we rely on the GONZÁLEZ ÁLVAREZ (2006) classification system to develop our own classification system to test four hypotheses, namely: a) the choice of demonstratives forms is sensitive to the function the demonstratives complies in the sentence, as identified by GONZÁLEZ ÁLVAREZ (2006) for Mexican Spanish, being possible to identify common patterns for the variants of the American Spanish; (b) the demonstrative system of the Spanish of Lima and Buenos Aires have a tendency to become binary, disappearing *aquel* with the enforcement of *ese*, as has been seen by some authors for Latin American Spanish, like CAMBRAIA (2009, 2012) and STRADIOTO (2012) on the Mexican Spanish; (c) the process to become binary of the Lima and Buenos Aires Spanish demonstrative system should involve variation between forms, because the changes are preceded by linguistic variation between competing forms, as pointed out by LABOV (1972, 1995, 2001); and (d) given the similarity between different varieties of Latin American Spanish, the grammaticalized use should be present in Buenos Aires, as suggested by the COLANTONI (2000) study, and also in the Lima data.

It was found that the studied two systems present mainly binary patterns, having the second person form broad scope, with roles usually assigned to other forms, and existing a low occurrence of the form of the third person. The use of forms is governed by their functions in discourse and, although, for some functions there are some categorical uses to the first or second person, for other functions, it was identified a variation process, with two or three coexisting forms for the same function established by our rating system. In both varieties, Lima Spanish and Buenos Aires Spanish, it was observed the use of masculine first person singular with the grammaticalized use, but in Buenos Aires this use is more frequent.

LISTA DE ABREVIATURAS

- Ad-D** – Artigo definido > demonstrativo
- Ai-D** – Artigo indefinido > demonstrativo
- Aj** – Adjetival
- BA** – Buenos Aires
- D-Ai** – Demonstrativo > artigo indefinido
- D-D** – Demonstrativo > demonstrativo
- Dp** – Diferente pleno
- Dps** – Diferente plural > singular
- Dpv** – Diferente pleno > vazio
- Dsn** – Diferente singular > neutro
- Dsp** – Diferente singular > plural
- Dvp** – Diferente vazio > pleno
- ED** – Expressão Demonstrativa
- EM** – Espanhol Mexicano
- Enc.** – *Encuestador*
- F** – Feminino
- F1** – Forma de primeira pessoa do demonstrativo
- F2** – Forma de segunda pessoa do demonstrativo
- F3** – Forma de terceira pessoa do demonstrativo
- H** – Hiperônimo intrínseco
- Hp** – Hipônimo
- Im** – Referente implícito
- In-D** – Indefinido > demonstrativo
- Inf.** – Informante
- Ip** – Igual plural
- Is** – Igual singular
- LI** – Lima
- M** – Masculino
- Mt** – Metonímia
- N** – Neutro
- N-D** – Numeral > demonstrativo

P – Plural

PB – Português Brasileiro

P-D – Possessivo > demonstrativo

PE – Português Europeu

R – Reiterado

Re – Reiterado elíptico

Rp – Reiterado parcial

Rt – Reiterado total

Rv – Reiterado vazio

S – Singular

Sa – Sintetizador amplificante

Sn – Sinônimo

SN – Sintagma Nominal

So – Sintetizador de orações

Ssn – Sintetizador de sintagma nominal

V-D – Vazio > demonstrativo

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Paradigma dos demonstrativos do espanhol.....	38
QUADRO 2 – Paradigma formal x Paradigma funcional.....	45
QUADRO 3 – Caracterização dos inquéritos – LI.....	60
QUADRO 4 – Caracterização dos inquéritos – BA.....	61

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Frequência por tipo – LI e BA.....	65
TABELA 2 – Frequência por forma– LI e BA.....	66
TABELA 3 – Frequência por gênero – LI e BA.....	68
TABELA 4 – Frequência por gênero e por forma – LI.....	69
TABELA 5 – Frequência por gênero e por forma – BA.....	70
TABELA 6 – Frequência por número – LI e BA.....	70
TABELA 7 – Frequência por número e por forma – LI.....	71
TABELA 8 – Frequência por número e por forma – BA.....	72
TABELA 9 – Frequência por classe de palavra – LI e BA.....	73
TABELA 10 – Frequência de classe de palavra por forma – LI.....	74
TABELA 11 – Frequência de classe de palavra por forma – BA.....	74
TABELA 12 – Frequência por tipo de margem – LI e BA.....	76
TABELA 13 – Frequência por tipo de margem e por forma – LI.....	77
TABELA 14 – Frequência por tipo de margem e por forma – BA.....	77
TABELA 15a – Frequência por valor referencial (geral) – LI e BA.....	79
TABELA 15b – Frequência por valor referencial (detalhado) – LI e BA.....	82
TABELA 16a – Frequência por valor referencial e por forma– LI.....	83
TABELA 16b – Frequência por valor referencial e por forma– LI.....	83
TABELA 17a – Frequência por valor referencial e por forma– BA.....	84
TABELA 17b – Frequência por valor referencial e por forma– BA.....	84
TABELA 18 – Frequência de anáfora por explicitude do referente – LI e BA.....	86
TABELA 19 – Frequência de anáfora por explicitude do referente e por classe de palavra – LI e BA.....	87
TABELA 20a – Frequência de anáfora por explicitude do referente, por classe de palavra e por forma – LI.....	87
TABELA 20b – Frequência de anáfora por explicitude do referente, por classe de palavra e por forma – LI	87
TABELA 21a – Frequência de anáfora por explicitude do referente, por classe de palavra e por forma – BA	88

TABELA 21b – Frequência de anáfora por explicitude do referente, por classe de palavra e por forma – BA	88
TABELA 22 – Frequência de anáforas claras por natureza do determinante – LI e BA	93
TABELA 23 – Frequência de anáforas claras por natureza do determinante e por forma – LI	93
TABELA 24 – Frequência de anáforas claras por natureza do determinante e por forma – BA	94
TABELA 25 – Frequência de anáforas claras por natureza do núcleo nominal – LI e BA	98
TABELA 26 – Frequência de anáforas claras por natureza do núcleo nominal e por forma – LI	99
TABELA 27 – Frequência de anáforas claras por natureza do núcleo nominal e por forma – BA	99
TABELA 28 – Frequência de anáforas claras por natureza do modificador – LI e BA	102
TABELA 29 – Frequência de anáforas claras por natureza do modificador e por forma – LI.....	103
TABELA 30 – Frequência de anáforas claras por natureza do modificador e por forma – BA.....	103
TABELA 31 – Frequência de anáforas claras por número do núcleo e por forma – LI e BA.....	105
TABELA 32 – Frequência de anáforas claras por número do núcleo e por forma – LI	106
TABELA 33 – Frequência de anáforas claras por número do núcleo e por forma – BA	106
TABELA 34 – Frequência por tipo de anáfora escura – LI e BA.....	109
TABELA 35a – Frequência por tipo de anáfora escura e por forma – LI.....	109
TABELA 35b – Frequência por tipo de anáfora escura e por forma – LI.....	110
TABELA 36a – Frequência por tipo de anáfora escura e por forma – BA.....	110
TABELA 36b – Frequência por tipo de anáfora escura e por forma – BA.....	110
TABELA 37a – Frequência por tipo de anáfora escura e por classe morfológica – LI	111
TABELA 37b – Frequência por tipo de anáfora escura e por classe morfológica – LI	111
TABELA 38a – Frequência por tipo de anáfora escura e por classe morfológica – BA	111
TABELA 38b – Frequência por tipo de anáfora escura e por classe morfológica – BA	111
TABELA 39 – Frequência de endóforas por participante de ato de fala – LI e BA.....	113

TABELA 40a – Frequência de endóforas por participante de ato de fala e por forma – LI	114
TABELA 40b – Frequência de endóforas por participante de ato de fala e por forma – LI.....	114
TABELA 41a – Frequência de endóforas por participante de ato de fala e por forma – BA	114
TABELA 41b – Frequência de endóforas por participante de ato de fala e por forma – BA	114
TABELA 42 – Frequência de fóricos por forma e por geração – LI.....	115
TABELA 43 – Frequência de fóricos por forma e por geração – BA.....	116
TABELA 44 – Frequência de fóricos por forma, por geração e por entrevista – LI	117
TABELA 45 – Frequência de fóricos por forma, por geração e por entrevista – BA.....	118
TABELA 46 – Frequência de anáfora clara por classe de palavra, por participante do ato de fala e por forma– LI.....	119
TABELA 47 – Frequência de anáfora clara por classe de palavra, por participante do ato de fala e por forma– BA.....	121
TABELA 48 – Frequência de anáfora escura adjetival por participante do ato de fala, por valor e por forma– LI.....	123
TABELA 49 – Frequência de anáfora escura adjetival por participante do ato de fala, por valor e por forma– BA.....	124
TABELA 50 – Frequência de anáfora escura pronominal por participante do ato de fala, por valor e por forma– LI.....	126
TABELA 51 – Frequência de anáfora escura pronominal por participante do ato de fala, por valor e por forma– BA.....	127
TABELA 52 – Frequência de truncados por forma – LI e BA.....	128
TABELA 53 – Frequência de truncados por geração – LI e BA.....	129
TABELA 54 – Frequência de truncados por geração e por entrevista – LI.....	130
TABELA 55 – Frequência de truncados por geração e por entrevista – BA.....	131
TABELA 56 – Frequência de fáticos por geração – LI e BA.....	132
TABELA 57 – Frequência de fáticos por entrevista – LI.....	133
TABELA 58 – Frequência de fáticos por entrevista – BA.....	133

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Frequência por tipo – LI e BA.....	65
GRÁFICO 2 – Frequência por forma – LI e BA.....	66
GRÁFICO 3 – Frequência por gênero – LI e BA.....	68
GRÁFICO 4 – Frequência por gênero e por forma – LI.....	69
GRÁFICO 5 – Frequência por gênero e por forma – BA.....	70
GRÁFICO 6 – Frequência por número – LI e BA.....	71
GRÁFICO 7 – Frequência por número e por forma – LI.....	71
GRÁFICO 8 – Frequência por número e por forma – BA.....	72
GRÁFICO 9 – Frequência por classe de palavra – LI e BA.....	73
GRÁFICO 10 – Frequência de classe de palavra por forma – LI.....	74
GRÁFICO 11 – Frequência de classe de palavra por forma – BA.....	75
GRÁFICO 12 – Frequência por tipo de margem – LI e BA.....	76
GRÁFICO 13 – Frequência por tipo de margem e por forma – LI.....	77
GRÁFICO 14 – Frequência por tipo de margem e por forma – BA.....	77
GRÁFICO 15 – Frequência de fóricos por forma e por geração – LI.....	115
GRÁFICO 16 – Frequência de fóricos por forma e por geração – BA.....	116
GRÁFICO 17 – Frequência de fóricos por forma, por geração e por entrevista – LI.....	117
GRÁFICO 18 – Frequência de fóricos por forma, por geração e por entrevista – BA	118
GRÁFICO 19 – Frequência de truncados por forma – LI e BA.....	129
GRÁFICO 20 – Frequência de truncados por geração – LI e BA.....	129
GRÁFICO 21 – Frequência de truncados por geração e por entrevista – LI.....	130
GRÁFICO 22 – Frequência de truncados por geração e por entrevista – BA....	131
GRÁFICO 23 – Frequência de fáticos por geração – LI e BA.....	132
GRÁFICO 24 – Frequência de fáticos por entrevista – LI.....	133
GRÁFICO 25 – Frequência de fáticos por entrevista – BA.....	134

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foca-se nos demonstrativos do espanhol de Lima (Peru) e de Buenos Aires (Argentina), analisando o material do projeto NURC dessas cidades. Os referenciais teóricos escolhidos para a realização desta pesquisa - funcionalismo e variacionismo - levaram à escolha de um *corpus* que representasse a língua em uso. Os materiais das localidades escolhidas oferecem número semelhante de amostras de informantes com as mesmas características (sexo, faixa etária, classe econômico-social) e seguem, de maneira geral, as mesmas orientações metodológicas, visto que fazem parte de um mesmo projeto: o NURC. Essas questões tornaram possível a realização de um estudo comparativo entre duas variantes.

A escolha dessas variantes também deveu-se ao fato de já existirem inúmeras pesquisas sobre processos de variação e mudança no paradigma dos demonstrativos nas línguas neolatinas, sem, no entanto, se referirem especificamente às duas variedades do espanhol citadas. Cabe ressaltar que as pesquisas já realizadas demonstraram ser esse um tema de sumo interesse, pois existem diferentes tendências seguidas pelas línguas e, ao mesmo tempo, tem sido difícil determinar quais são os aspectos que têm papel preponderante na definição do caminho seguido pelas variantes. De forma geral, apenas a título de breve esclarecimento nesta introdução, grande parte das línguas neolatinas tem tendido ao binarismo, ou seja, um sistema de três formas de demonstrativos passa a ser composto basicamente de duas. Este estudo contribuirá para a formação uma imagem ampla do sistema de demonstrativos nas línguas românicas através da determinação das formas que permanecem e das que desaparecem nas variantes estudadas.

Nesta pesquisa, trabalhou-se com um total de 1.478 dados, sendo 741 de Lima e 737 de Buenos Aires. Tendo sido feita sua coleta, cada um desses dados foi devidamente categorizado e analisado de acordo com determinados critérios de forma qualitativa e quantitativa, com o objetivo de identificar quais deles estariam determinando as escolhas dos falantes. Foram estabelecidas quatro hipóteses de trabalho. A primeira se refere ao fato de que a escolha das formas de demonstrativo é sensível à função que ele cumpre na frase. A segunda refere-se ao processo de binarismo já citado, pelo qual estariam passando tanto a variante de Lima como a de Buenos Aires. A terceira trata do fato de que o processo de binarização envolve

variação entre as formas. E, por último, a quarta trata do processo de gramaticalização de um dos usos dos demonstrativos - o uso fático.

O estudo está dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo realizamos a delimitação do problema, trazendo o conceito de dêixis e inserindo os demonstrativos nesse universo. São trazidas algumas das definições e classificações já existentes sobre demonstrativos mais relevantes no panorama de estudo atual. Apresentamos ainda o resultado de algumas investigações sobre o sistema de demonstrativos de algumas línguas – sobretudo o português e espanhol – demonstrando a constatação do processo de binarização em parte de suas variantes.

No capítulo 2, apresentamos aspectos da fundamentação teórica utilizada neste trabalho, em especial sobre o funcionalismo, o modelo tipológico-funcional de GIVÓN (2001) e o variacionismo de LABOV (1972, 1995, 2001).

No capítulo 3, são discutidos os objetivos, hipóteses e questões metodológicas do trabalho. Apresentamos as características do nosso *corpus* de maneira detalhada e também de maneira breve o tratamento dado a ele, com base em um sistema de classificação definido por nós a partir de outros estudos e que será amplamente explicado no capítulo seguinte.

No capítulo 4, apresentamos com maior aprofundamento o sistema de classificação definido pelos autores, sendo feita uma ampla explicação sobre cada categoria que o compõe. É feita paralelamente a essa apresentação a análise qualitativa e quantitativa dos dados recolhidos do *corpus*.

Por último, realizamos considerações finais, apresentando o que foi possível observar e concluir de mais relevante em nosso trabalho.

CAPÍTULO 1

DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1. Dêixis

1.1.1. Definição

O fenômeno da dêixis está presente em quase todas as gramáticas e tratados de linguística, tendo sido percebido desde a época grega e romana. Trata-se de um fenômeno extremamente complexo e que, por isso, merece amplo estudo. A palavra grega *dêixis* significava simplesmente “indicar”, “mostrar”, mas com o passar do tempo se transformou em um termo técnico da teoria gramatical (CARBONERO CANO, 1979, p. 11). LÁZARO CARRETER (1987, p. 130) define a dêixis como “função desempenhada por alguns elementos da língua chamados dêiticos (...) que consiste em assinalar algo que está presente ante nossos olhos: *aqui, ali, tu, isto*, etc. Quando a função dêitica não consiste em fazer uma *demonstratio ad oculos*, mas que assinala um termo da frase já anunciado, recebe o nome de anáfora.” (tradução nossa). Cabe ressaltar que essa é uma definição objetiva, mas, ao mesmo tempo, abrangente do fenômeno, pois, para alguns autores, a dêixis se refere apenas aos termos que remetem a algo que está na realidade extralinguística (exófora). Em nosso trabalho, adotaremos a definição ampla de dêixis, englobando também os casos de endófora (referência intralinguística). Aqui, trataremos em especial dos elementos dêiticos chamados demonstrativos; porém, cabe ressaltar que há diferentes tipos de dêiticos, como os pronomes pessoais, os possessivos, alguns adjetivos (*primeiro, último*), etc.

1.1.2. Classificação

Há diferentes formas de classificar o fenômeno da dêixis. Aqui traremos de algumas classificações historicamente importantes e mais adiante nos referiremos a outras relevantes para a realização deste trabalho, associando-as já ao tema específico dos demonstrativos.

Um importante estudioso do fenômeno da dêixis foi BRUGMANN (1904), que falou de quatro modos de indicação: (a) *Der-Deixis*, como uma forma mais geral e indiferenciada, que equivaleria ao uso dos artigos em alemão; (b) *Ich-Deixis*, forma em que o falante chama o ouvinte para sua própria esfera, ou seja, vincula-se ao conceito de proximidade; (c) *Du-Deixis*, quando o falante faz remissão ao ouvinte e à sua esfera; e (d) *Jener-Deixis*, que de maneira geral faz referência a algo que está distante, seja no espaço ou tempo. WACKERNAGEL (1928), também autor reconhecido, estabeleceu outra terminologia para categorias correspondentes às de Brugmann: respectivamente, *tó-deixis*, *hic-deixis*, *iste-deixis* e *ille-deixis*.

BÜHLER (1934) apresentou outra forma de sistematizar o estudo do universo dêitico. O autor separou a linguagem em dois campos: o campo *simbólico*, composto pelos nomes e em relação ao qual o completamento e a precisão do significado ocorre em função do entorno *sinsemântico*, e o campo *mostrativo*, cuja formação do significado depende do momento da situação e cujos elementos servem para apontar, indicar, ou seja, os elementos dêiticos – neste segundo campo, o eixo *aqui-agora-eu* é o ponto de partida, constituindo um sistema de orientação subjetiva.

CARBONERO CANO (1979, p. 21-26) estabeleceu, por sua vez, diferentes classificações de acordo com critérios distintos. Considerando a experiência do falante/ouvinte, os elementos podem funcionar em três âmbitos: *espacial*, *temporal* e *modal*. De acordo com o tipo de entorno ao qual o elemento dêitico faz referência, ele pode ser: (a) *mostrativo*, relacionado à situação extralinguística; (b) *contextual* ou *fórico*, faz referência ao contexto discursivo, podendo ser anafórica ou catafórica; (c) *evocador*, que diz respeito a um conhecimento presumido entre falante e ouvinte; e (d) *pessoal*, fazendo remissão aos participantes do ato de fala (ao falante, ao ouvinte ou a um terceiro). Ele reconhece ainda a classificação de CHARADEAU (1971), dividindo a dêixis segundo o critério de identificação, sendo a dêixis *com identificação* aquela cujo referente é claro e identificável, e *sem identificação*, aquela cujo referente é muito genérico e deve ser inferido do discurso. No que diz respeito às possibilidades referenciais, o autor divide os elementos dêiticos com base na oposição *proximidade* e *distância* e a oposição entre as pessoas do discurso (*falante*, *ouvinte* e *ausente*). Por último, ele considera o nível morfossintático, estabelecendo as categorias dêiticas com função de *referência nominal*, como os demonstrativos e possessivos, e as categorias dêiticas com função de *referência verbal*, como alguns advérbios e preposições.

Outro aspecto importante da caracterização do fenômeno da dêixis é estabelecido por LEVINSON (2007, p. 74) ao fazer três distinções entre os tipos de dêixis: *pessoal*, *temporal* e *espacial*. A pessoal diz respeito aos elementos que assinalam os papéis dos participantes da comunicação, como, por exemplo, os pronomes pessoais. A temporal se relaciona a expressões de tempo como *amanhã* e *ontem*, dependendo do contexto comunicativo para serem interpretadas corretamente. E, por último, a espacial trata da referência a lugares que também dependem do contexto de comunicação para serem compreendidas.

Mais adiante contemplaremos outras formas de caracterizar a dêixis, com um foco especial na classificação dos demonstrativos.

1.2. Demonstrativos

1.2.1. Definição e funções

Estabelecer as características que determinam os integrantes da classe dos demonstrativos de forma a conceituá-los objetivamente tem sido um desafio para os estudiosos que com ela trabalham. Por esse motivo, normalmente encontramos muitas diferenças entre as conceituações existentes, sejam as das gramáticas tradicionais sejam as de estudos científicos como dissertações e teses. Apresentaremos a seguir algumas dessas conceituações e classificações.

DIESSEL (1999, p. 2) estabelece três critérios relevantes para a noção de demonstrativo: (a) os demonstrativos são expressões dêíticas que servem a funções sintáticas específicas; (b) normalmente servem a funções pragmáticas específicas, sendo a mais comum delas a de orientar o ouvinte para um ponto da situação circundante fora do discurso; e (c) são caracterizados por traços semânticos específicos, marcando, frequentemente, a distância espacial, sendo que na maioria das línguas existem, pelo menos, duas formas de demonstrativos deitivamente contrastivas: uma proximal, ou seja, que se refere a uma entidade que se localiza próxima ao centro dêítico; e outra distal, referente a algo localizado a uma certa distância desse centro.

Cabe ressaltar que segundo esse critério são considerados demonstrativos expressões como *aqui* e *lá*. Aqui, no entanto, trabalharemos com o conceito de CAMBRAIA (2012, p. 8), que apresenta os demonstrativos como “formais nominais

que podem desempenhar função *exofórica* (referência à situação de fala) e função *endofórica* (referência ao contexto linguístico).”

As funções *exofórica* e *endofórica* foram definidas anteriormente por HALLIDAY E HASSAN (1976, p. 57-76), cabendo ainda assinalar que dentro da função endofórica estão os usos *anafóricos* (quando o demonstrativo se refere a algo já citado), *catafóricos* (quando se refere a algo que ainda será mencionado) e o uso *dêitico discursivo* (quando diz respeito a um grupo de informações que se extrai do discurso).

A classificação de HIMMELMAN (1996, p. 218-239), bastante utilizada, quatro categorias: (a) *rastreamento*, que, de forma geral corresponde aos usos apresentados aqui como anafóricos e catafóricos acima; (b) uso *de reconhecimento* ou *anamnésico*, em que o demonstrativo tem a função de indicar uma entidade que faz parte da experiência compartilhada entre falante e o ouvinte; (c) *dêitico-discursivo*; e (d) *situacional* – os três primeiros estariam relacionados à endófora e o quarto à exófora.

Uma forma de classificar as anáforas também muito utilizada é a divisão entre *anáfora clara*, quando o antecedente é facilmente identificável e, assim, a relação entre eles é evidente, e *anáfora escura*, quando ela se refere a um fragmento anterior que não é tão claramente definido e identificável (EGUREN, 1999, p. 933).

Para a classificação utilizada neste trabalho, partimos da divisão proposta por GONZÁLEZ ÁLVAREZ (2006), feita sobre o espanhol da Cidade do México, por apresentar um grande grau de especificidade na tentativa de descrever de maneira detalhada a organização e o funcionamento dos demonstrativos. Nesse sentido, trata-se de uma boa classificação, mas tivemos, porém, que fazer adaptações no intuito de superar algumas falhas identificadas. A primeira delas diz respeito à mistura de critérios utilizados – semânticos e sintáticos – para estabelecer as categorias. Um exemplo dessa questão é que, ao tratar das *anáforas adjetivais escuras*, o autor estabelece duas subcategorias, a de *participante implícito* e a de *sintetizador*, critérios claramente semânticos, baseados na função que a expressão demonstrativa, doravante ED, desempenha no discurso. No entanto, ao apresentar as *anáforas pronominais escuras*, o autor define as subcategorias de *pronome breve*, *pronome com predicativo explicativo* e *pronome com oração subordinada explicativa*, tendo como base critérios essencialmente sintáticos. Dessa maneira, os mesmos dados poderiam acabar sendo classificados de maneiras diferentes, caso as categorias utilizadas para as anáforas adjetivais tivessem sido também consideradas para as pronominais e vice-versa. Essa

alternância de critérios leva a uma certa inconsistência nas categorias criadas, o que pode ter ocorrido porque o autor parece tê-las estabelecido de acordo com as ocorrências do seu *corpus*. Quando o autor trata por exemplo das *ana-catáforas*, ao apresentar as EDs adjetivais distribui seus dados em categorias que levam em conta a facilidade de identificação de antecedente e subsequente. Entretanto, as EDs pronominais são simplesmente divididas em pronomes neutros e concordados. Além disso, deparamos nesse momento com outra questão relevante, que é a da subjetividade para estabelecer a facilidade ou dificuldade com que se identifica um referente, uma vez que no estabelecimento de categorias que tivessem esse aspecto como critério não foi usado nenhum critério objetivo.

Abaixo apresentamos as categorias utilizadas por GONZÁLEZ ÁLVAREZ (2006) seguidas de suas definições e exemplos. A classificação leva em consideração a função que o demonstrativo desempenha como adjetivo ou pronome, de forma que em alguns casos existem categorias idênticas, apenas com a diferença de o demonstrativo ser adjetivo ou pronome. Nesses casos, não repetiremos a explicação sobre a categoria, apresentando apenas o exemplo. Cabe ressaltar que os exemplos com suas devidas marcações foram retirados da própria seção em que o autor trata cada categoria e foram representados aqui de maneira idêntica (reproduzindo-se o sublinhado colocado por ele).

a) Uso endofórico

a.1) Anáfora

São consideradas anafóricas as construções que remetem a uma parte já mencionada do próprio discurso.

a.1.1) Adjetivo

a.1.1.1) Clara

A anáfora é clara quando seu referente é facilmente identificável e apresenta referência clara.

- (1) En Lógica Mayor se estudiaba la capacidad que tenga el entendimiento para conocer; o sea, lo que se llama el problema crítico. Ése es el... eje – digamos – de la Lógica Mayor. Este problema crítico no tenía sentido... sino hasta que vinieron los modernos, a negar la capacidad del entendimiento humano para pensar. (p. 48)

a.1.1.1.1) Reiteração nominal da base

O núcleo nominal do referente é retomado na ED.

a.1.1.1.1.1) Menção breve e reiteração do nominal

O referente é apenas um nome, que pode vir acompanhado de um artigo.

- (2) Hay una situación muy importante... en la manera como la madre está en relación con su hijo. Si esta madre tiene mucha confianza en ella,... (p. 51)

a.1.1.1.1.2) Reiteração do nominal sem modificador

O referente é um nome acompanhado de modificador, porém a ED retoma apenas o nome.

- (3) Entonces, la última competencia en la que ella participó fue en la olimpiada de Londres, en mil novecientos cuarenta y ocho. Posteriormente a esa competencia, creo que tuvo una competencia más, que fue en Barranquilla. (p. 52)

a.1.1.1.1.3) Reiteração do nominal e seus modificadores

O referente é formado por nome e modificadores e ambos são retomados na ED.

- (4) Adonde ella empezó a trabajar, se formó el equipo de natación y, también, se formó el equipo de ballet acuático. De ese... ese equipo de ballet acuático se formó con los mismos muchachos y muchachas que formaban el equipo de natación. (p. 53)

a.1.1.1.1.4) Reiteração do nominal com diferentes modificadores

O referente apresenta um ou mais modificadores, mas a ED os elimina e/ ou acrescenta outros.

(5) Escritos de la época faraónica nosotros los... los leemos y los podemos recibir como una herencia cultural de esa remota época. (p. 55)

a.1.1.1.1.5) Reiteração do nominal com número diferente

A reiteração do nominal é feita com número (singular/ plural) diferente.

(6) Como en esto no hay una base histórica – en realidad no la hay- entonces la Secretaría de Gobernación ha permitido que ya se establezcan estas bases. (p. 56)

a.1.1.1.1.6) Reiteração do nominal com seleção de modificadores

O referente apresenta mais de um modificador, mas nem todos são retomados na ED.

(7) La Universidad Gregoriana de Roma que es una institución académica de mucha categoría... entonces, esta Universidad Gregoriana... se fundó... es el... el primitivo Colegio Romano. (p. 57)

a.1.1.1.1.6) Um referente é nomeado com vários demonstrativos

Um referente é desmembrado em dois, sendo retomado dividido em duas EDs.

(8) Una madre segura, segura de su papel maternal, da una calidad de confianza muy grande. Esta calidad y esta confianza que se desarrolla, entonces, a través de esa relación constante, es lo que después va a permitir una evolución muy adecuada. (p. 58)

a.1.1.1.2) Uso de outros nominais

O referente é outro nominal que não o retomado pela ED.

a.1.1.1.2.1) Nominais superordenados (possíveis predicções)

A ED se vale de um nominal superordenado em relação ao referente, ou seja um nominal que de alguma maneira o engloba e generaliza o nominal, para retomá-lo.

- (9) Pablo Dezza era el rector de la Universidad Gregoriana. Este hombre tenía... un talento extraordinario. (p. 59)

a.1.1.1.2.2) Vários referentes são retomados com uma frase nominal correferente

A ED engloba ou sintetiza dois ou mais nominais.

- (10) El doctor Fromm, la doctora Frida Fromm Ryman y la doctora Kain (...) fue muy importante porque, por aquel tiempo, Freud tuvo que salir también de Alemania por la misma razón, por la persecución judía, y salió con Ana Freud y algunas gentes, y él fundó una escuela, claro, dependiendo de la Internacional; era el creador del Psicoanálisis, en Inglaterra y en Estados Unidos; estos tres médicos se encontraron... no médicos, porque no eran médicos; el doctor Fromm no es médico. (p. 60)

a.1.1.1.2.3) Nominais sinônimos

O referente é retomado através de um sinônimo.

- (11) Para mí era un problema... hacerles ciertas preguntas a los médicos, a los médicos... dijera yo... eh... psiquiatras. A los que están... los que entienden la mente de los hombres ¿no?. Yo quería decirles a estos doctores, términos como, por ejemplo... (p. 61)

a.1.1.2) Escura

As anáforas escuras não apresentam seus referentes com tanta simplicidade, sendo esses muitas vezes construídos, sendo a ED uma forma de resumí-los ou generalizá-los.

- (12) Se llama organicista una gente que piensa más bien en el desarrollo que yo diría *corporal*, orgánico, familiar, y encontraste con el proceso dinámico, es en donde se trata de entender al niño en función de todas las gentes que lo rodean en relación constante, dinámicamente, es decir, actuando el niño sobre los padres y los padres sobre el niño, y los hermanos, los abuelos, etcétera. Esto se llama más dinámico; la expresión más dinámica de esto sería realmente el psicoanálisis. (p. 48)

a.1.1.2.1) Participante implícito

A base de referência da ED está clara para o interlocutor, no entanto, não se encontra explícita, isso porque nesse caso a ED se refere a um elemento que o falante supõe ser do conhecimento do seu interlocutor, ainda que não tenha mencionado diretamente no discurso.

- (13) En el hotel que estuvimos nosotros, como está en lo alto, en una colina, que dicen que es... pues continuación del Monte de los Olivos, muy retirado adonde está el Huerto, bastante retirado pero que está allá, en la orilla, pero está así, en lo alto, así es que desde allí desde esa terraza se domina la... todo... la Jerusalén antigua. (p. 68)

a.1.1.2.1) Nominais sintetizadores

A ED resume uma parte do discurso já mencionada.

- (14) Primero, para el niño, lo interno y lo externo es exactamente lo mismo; pero lentamente va haciendo una diferencia entre lo que él es. El hambre es interna; el alimento es externo; lo que él oye es algo que viene de fuera; lo que él siente es algo que viene de fuera; el frío es algo que puede solucionarse, si viene una manta de fuera; si lo levantan es de fuera(...) pero el sentimiento de confianza básico que es poder esperar, el tener toda esta serie de recuerdos de satisfacción que un mundo externo le puede proporcionar, va dejando en el niño una sensación de confianza que es muy importante. (p. 69)

a.1.2) Pronome

a.1.2.1) Clara

a.1.2.1.1) Apresentação breve do pronome

O pronome aparece sozinho e pode retomar um trecho do discurso ou um referente pessoal, o que será exemplificado abaixo.

a.1.2.1.1.1) Correferente de um discurso

O referente é uma fração do discurso.

- (15) Pero se hacen estadísticas. Esto sirve para cuántos trabajos de... del gobierno ¿no?. (p. 73)

a.1.2.1.1.2) Pronomes com referentes pessoais

O pronome remete a pessoa.

(16) Allá me eché... me eché diferentes... medio mundo de enemistades. Pero luego... hay un tipo, una... un hombre que la pretende; éste es un técnico. (p. 74)

a.1.2.1.2) Pronome com predicativo

O pronome demonstrativo é o sujeito de uma construção com predicado nominal.

a.1.2.1.2.1) Predicativo reiterado do nominal da base de correferência

O predicativo reitera o referente.

(17) Me estoy refiriendo a los cuerpos celestes. No sé si posiblemente esto se podría extender al mismo campo de la biología. Éste es un campo ajeno a... a mí. (p. 76)

a.1.2.1.2.2) Pronome com predicativo nominal superordenado

O predicativo apresenta um nominal superordenado em relação ao referente.

(18) Te digo que yo crecí un poco divorciado de mi mamá. Ése es otro problemazo que me boto ahora... este... alejado de mi mamá. (p. 75)

a.1.2.2) Escura

a.1.2.2.1) Pronome breve

A construção da correferência se dá apenas através do pronome.

(19) Tienes que nadar por ejemplo, si es cuatro por veinte, son veinte metros de cada estilo; entonces vas primero con un estilo, te regresas con otro, vas en un tercero y un cuarto. Ahora, para eso debe existir un orden, que primero mariposa, después viene dorso, luego pecho y luego libre o crawl (crol) (p. 80)

a.1.2.2.2) Pronome com predicativo explicativo

O pronome aparece acompanhado de um predicativo explicativo, o que facilita a construção da correferência.

(20) Pero cuando el hombre se acerca al umbral de la muerte y hay quien le dice: 'tú no te vas a morir; yo te voy a salvar', y si lo logra... pues, a este hombre le dan todo lo que quiera y éste es el caso del médico. (p. 81)

a.1.2.2.3) Pronome com oração subordinada explicativa

O pronome demonstrativo vem acompanhado de oração subordinada explicativa.

(21) Y puede separarse totalmente de la madre, cuando él tiene la imagen interna, ya desde el punto de vista psicológico, completa, de que tiene una madre para él mismo, una madre... la madre que todos siempre celebramos el día de las madres, la madre como lo máximo que nosotros siempre queremos, esto que es para nosotros el símbolo 'madre'. (p. 83)

a.2) Catáfora

O referente se encontra posteriormente à ED.

a.2.1) Adjetivo

a.2.1.1) Nominais

O demonstrativo vem acompanhado de um nome.

a.2.1.1.1) Nominais superordenados

O nominal utilizado é um hiperônimo do referente.

(22) Esta obra, Los Poseídos, no tuvo mucho éxito (p. 91)

a.2.1.1.1) Um nominal para dois ou mais subsequentes

Um nominal superordenado é dividido em dois ou mais subsequentes.

(23) ...preparándonos; pero si llevaran aquellas materias que son adaptables al medio militar como es... es... psicología, lógica... (p. 92)

a.2.1.1.2) Reiteração do nominal

O nome presente no subsequente aparece na ED.

(24) Entonces lógicamente, todos los estudios fueron orientados hacia... estudiar estos aspectos: los aspectos infantiles. (p. 93)

a.2.1.2) Construções

As catáforas foram encontradas em construções que o autor dividiu em três grupos.

a.2.1.2.1) Com aposição

O subsequente se apresenta em forma de aposição.

(25) Sí, además de él guardo este magnífico recuerdo: su latín exquisito, y al mismo tiempo muy claro. (p. 94)

a.2.1.2.2) Com frase explicativa

O subsequente está dado em uma frase explicativa.

(26) Digo, pero eso... eso está, si no está aceptado, eso se hace ahora en la actualidad; así se estila. Digo, yo no me asusto de esas cosas ni mucho menos ¿no?. La... la orgía que tienen allí y que está fumando... –digo- para mí no me... eso me es inclusive... me importa un camino. (p. 97)

a.2.1.2.3) Catáfora estrutural

Há uma construção catafórica que apresenta ao subseqüente em um complemento adnominal.

(27) Entonces se puede viajar, ya viviendo allí, se puede viajar por las carreteras, a conocer todas esas partes de la Costa Brava que le llaman. (p. 100)

a.2.2) Pronome

a.2.2.1) Com aposição

O referente é uma construção com aposição que tem o objetivo de esclarecer ou explicar o que o pronome quis transmitir.

a.2.2.1.1) Neutro

O pronome utilizado é neutro.

(28) Una maestría, un doctorado, no se debe hacer sino después de haber efectuado la carrera de uno durante cuatro o cinco años. Saber lo que realmente... por lo que uno estudió ¿no?. Pero eso, saliendo de la escuela dedicarse a un doctorado, a una maestría, no tiene el menor caso. (p. 103)

a.2.2.1.1) Concordado

O pronome utilizado é masculino ou feminino.

(29) ...o sea, que estaban demostrando que ciertas... cierta parte de la cara estimulaba en los niños una serie de reacciones. La importancia de esto, la importancia de la sonrisa es ésta: es la primera reacción que va del niño hacia su ambiente, en las otras, ustedes recordarán que el niño es capaz de succionar. (p. 103)

a.2.2.2) Com frase explicativa

O referente se encontra em uma frase explicativa.

a.2.2.2.1) Neutro

- (30) Un gran humanista mexicano, que fue su compañero en la Universidad gregoriana, y, precisamente, en esas materias de lógica. Y decía... me recordaba esto; que... en... en ese tiempo, el padre Méndez Plancarte había hecho un... compendio, unos apuntes –digamos- de esa materia, que les sirvieron mucho a él y a todos sus compañeros. (p. 106)

a.2.2.2.2) Concordado

- (31) Si un individuo es el primer mandatario contra el que se hace un movimiento armado, y... y se va, entonces...vamos a tomar el ejemplo de Cuba: se fue Batista, y ¿qué dijo Castro Ruz? ‘Se llevó todo el tesoro de la Nación’. Se lo llevaría en realidad o no se lo llevaría; no sabemos. Pero el fenómeno que puede suceder es éste: vamos a suponer que el individuo sale huyendo; no tiene tiempo... pues los que suben tienen la oportunidad de quedarse con todo. (p. 105)

a.2.2.3) Estructural

O referente está presente em uma construção adnominal.

a.2.2.3.1) Neutro

- (32) Bueno, yo para comprender cómo sigue evolucionando la situación del niño... esto de la confianza básica y la... todo el proceso de separación. Porque entre las madres y entre las personas existe un error común:.. (p. 108)

a.2.2.3.2) Concordado

- (33) Sí, yo fui a un cabaret también. No recuerdo si fue en Atenas o... en la Isla de Creta. Nos llevaron a un cabaret donde estaban tocando la música griega. Tocarón ése que se usó mucho aquí, de la... de ‘Zorba el Griego’. (p. 108)

a.2.2.4) Incidental

É a catáfora em que o pronome demonstrativo integra uma frase incidental, ou seja, uma frase que não altera muito o sentido da comunicação.

a.2.2.4.1) Neutro

- (34) ...no fue ni contra don Porfirio, porque él se va en once. Él sale... sale en mayo de mil novecientos once, y es cuando se arma el relajo. Entonces, es natural... (...eh, esto sería muy bueno que se lo dijeras a tus alumnos) todo movimiento armando, todo movimiento social, trae muchos beneficios dentro de un país; en cualquier país del mundo en que se vea. (p. 110)

a.2.2.4.2) Concordado

- (35) El doctor Fromm se divorció de la doctora Fromm Ryman, y ella siguió trabajando en Nueva York. Hizo trabajos, sobre todo en psicóticos, muy buenos; se casó con una señora que estaba enferma del corazón, y los médicos –por lo menos ésa es la versión que yo me sé- le recomendaron que se viniera a Cuernavaca. (p. 110)

a.3) Ana-catafóra

É o uso em que a ED tem tanto antecedente como subsecente.

a.3.1) Adjetivo

Os usos ana-catafóricos em função adjetiva encontrados foram de três tipos.

a.3.1.1) Antecedente e subsecente são claros e definidos, com reiteração nominal de base de correferência.

- (36) Pero hay muchas mujeres también vestidas todavía como de... a la antigua, como... este... a mí me impresionaban mucho esas mujeres: unas mujeres tapadas hasta acá. (p. 114)

a.3.1.2) Anáfora e catáfora são menos claras, construídas a partir da frase nominal com demonstrativo.

- (37) ...y le llamó súper yo, a la parte que..., del aparato psíquico, que... que está constituido por todas las órdenes y vivencias de regulación que el niño tiene. Entonces, él habló sobre estos aspectos generales, de cómo está constituido... entonces... el ser humano. (p. 115)

a.3.1.3) Sem clara identificação do antecedente e do subsequente

- (38) Dice mi marido que lo ideal, dentro del matrimonio, es que los dos marchen de común acuerdo; que nadie mande. Pero que si alguien debe ser ese alguien que mande, debe de ser el hombre. (p. 115)

a.3.2) Pronome

a.3.2.1) Pronome concordado

- (39) *A* No, ella dice que hay que amueblar el espíritu.
 B Entonces, creo que ése es el caso: tener inquietudes. El día de mañana... (p. 116)¹

a.3.2.2) Pronome neutro

- (40) *A* Y luego, los enmascarados, que eran los actores, salían en la parte del frontispicio a representar las obras de Esquilo, de Aristófanes, de Sófocles y... este... luego también es muy interesante ver las Cariátides.
 B Eso les iba a decir: las Cariátides que tienen... este... sus col... cada una está... sobre una columna ¿verdad? (p. 117)

b) Uso endo-exofórico

São os casos em que há referência tanto ao texto como ao espaço físico onde está o falante.

b.1) Referência a lugar no contexto do falante e no texto

- (41) No. Nada más a los que tenían cédula. Nada más. Entonces, este puesto, que es este que me dieron... porque lo compré... porque lo compré. Por eso es que fue mío. (p. 200)

b.2) Referência temporal ao tempo que se vive e no texto

- (42) *A* Ahorita, en este mes de cuaresma, que es de Semana Santa... (p. 201)

¹ *A* e *B* indicam diferentes falantes.

b.3) Referência a pessoas dentro de um discurso direto enunciado pelo falante ao recordar algum evento.

- (43) Otro dice: ‘Pues déjalos’. –‘Qué déjalos ¡Cabrones! No te dejes, también-. Ayúdame, mm... ¡qué... qué talacha! Vamos a agarrar cubetas de agua fría... échenle a esos; están durmiendo’. Estaba un racimo de plátanos. (p. 201)

b.4) Referência a objetos

- (44) Y ya a otros colores, pues ya les ponen... como aquellos, vea usted: hay amarillos, hay salmón, hay lilas... ya éstos, ya tienen esos ingredientes. (p. 202)

1.2.2. Demonstrativos na România

1.2.2.1. Visão geral

Nas línguas românicas, os sistemas de demonstrativos se dividem, sobretudo, em dois tipos – ternários e binários (LAUSBERG, 1981, p. 346-350). Segundo CAMBRAIA E BIANCHET (2008), os demonstrativos na România têm a tendência de passar do sistema ternário para o binário, ainda que os caminhos de mudança seguidos e os resultados obtidos não estejam sendo exatamente os mesmos. São algumas das questões propostas pelos autores: Qual o motivo dessa mudança? Por que o sistema de demonstrativos do português brasileiro (PB) e também o de outras variedades românicas tendem ao binarismo? Seria essa uma tendência geral?

CAMBRAIA E BIANCHET (2008) afirmam que esse processo ocorreu já no latim. Em princípio, eram três as formas tradicionalmente vinculadas às pessoas do discurso (*hic*, *iste* e *ille*), que, por sua vez, se flexionavam em caso, número e gênero. Esse sistema foi alterado, tendo o *hic* desaparecido, o *iste* passado a ser usado também como 1ª pessoa no lugar do *hic*, e o *ille*, na sua forma simples, sendo usado como artigo definido e pronome pessoal, e ficando em seu lugar como demonstrativo a forma *ecce* (e variantes). Em algumas regiões de domínio latino, *ipse*, originalmente um marcador de reforço (= “o mesmo”), entrou em concorrência com *iste*, ocupando, por fim, o posto relativo à segunda pessoa do discurso. Ocorreu, assim, a redução, já no latim, de um sistema ternário para um binário. Tal mudança deu origem a diferentes sistemas

românicos, alguns binários – francês, reto-romano e romeno - e outros ternários – português, espanhol, catalão, occitânico, sardo e italiano. Entretanto, atualmente, muitos estudos apontam para um processo de passagem do sistema ternário para o binário em algumas variedades vernaculares românicas, de forma que a mudança ocorrida no latim parece estar se repetindo. CAMBRAIA (2009) assinala como variedades vernaculares com forte tendência ao binarismo: português brasileiro (*esse* x *aquela*), catalão central (*aquest* x *aquell*), occitânico (*aqueste* x *aquel*) e italiano (*questo* x *quello*).

Dando destaque ao PB antes de abordar o assunto especificamente na língua espanhola, cabe ressaltar que neste a tendência ao binarismo é evidente e muitos estudos já foram feitos a respeito. Segundo CID, COSTA E OLIVEIRA (1986), Nascentes, em 1953 na obra *O linguajar carioca*, já tinha afirmado não haver “a menor distinção entre os demonstrativos *este* e *esse*.” O estudo realizado por esses autores constatou a predominância da forma *esse*, confirmando a tendência para o sistema binário. PAVANI (1987) observou uma alternância entre *este* e *esse* como equivalentes exofóricos e endofóricos, mas constatou uma prevalência considerável do *esse* (84%) em relação ao *este* (16%) e concluiu existir, portanto, a tendência de redução do esquema dos demonstrativos, com perspectiva de desaparecimento da forma *este*. CASTILHO (1991) encontrou em seus dados uma preferência ainda maior pelo uso de *esse* (91%) sobre a forma *este* (9%), apesar de considerar prematuro o desaparecimento do *este*, devido ao seu uso na escrita. RONCARATI (2003) observou uma frequência mais alta de *esse* (99,6%) em relação a *este* (0,4%) em dados de 2000 e também constatou uma frequência superior de *esse* na fala dos mais jovens em comparação à dos mais velhos, o que seria um forte indício de uma mudança em curso. Apesar dessas constatações tão claras, JUNGBLUTH (1998) faz uma ressalva sobre a importância de se considerar os gêneros discursivos nesse tipo de pesquisa, pois estudando a literatura de cordel, encontrou alta frequência de *este* e flexões. Outra ressalva é feita, mais recentemente, por MARINE (2004), que, realizando pesquisa diacrônica a partir de *corpus* de revistas femininas voltada ao público adolescente, caracteriza o processo de mudança do sistema demonstrativo do PB como um caso de "especialização de formas". Nessa perspectiva, *esse* se especializou nas referências endofóricas, enquanto *este* nas referências exofóricas.

No entanto, PEREIRA (2005) constata que essa hipótese foi levantada a despeito dos dados coletados por ela e afirma não haver indícios de tal especialização no PB². PEREIRA (2005) apresenta reflexões interessantes a respeito do tipo de binarismo que o PB estaria seguindo. Ele apresenta algumas características da oposição *this* x *that* do inglês e conclui que, mesmo estando o português evoluindo para um sistema binário, esse é diferente do apresentado pelo inglês. No uso exofórico, a forma *this* é usada para tudo que está próximo do falante, enquanto *that* é usado para aquilo que está longe dele, estando próximo ou não do destinatário. Isso não acontece no PB, pois a forma *esse* pode ser usada tanto para o que está perto do destinatário como do emissor como para algo distante de ambos. No que diz respeito ao tempo no uso exofórico, o inglês se vale de *this* para o tempo presente e *that* para o tempo passado, o que também não é observado no PB, já que *esse* pode ser usado para o presente e também para o passado mais próximo. Nos usos endofóricos, em situação de diálogo, há uma tendência do falante usar *this* para se referir a algo dito por ele e *that* a algo dito por seu interlocutor. Mais uma vez não observamos no PB essa oposição entre as duas formas de demonstrativo. Por último, no uso temporal anafórico, no inglês *that* está associado a menções de futuro, enquanto no português a forma *aquela* se associa sempre ao passado. Através dessa comparação entre dois sistemas binários, fica clara a necessidade de não só estabelecer se se trata de um sistema binário ou ternário, mas de definir com clareza como funciona o sistema. O *corpus* de língua escrita de Pereira (2005) foi constituído por dois romances traduzidos do inglês para o PB e PE e material jornalístico de Brasil e Portugal. O *corpus* de língua oral foi formado por filmes dos dois países. O autor, entre aspectos já mencionados, também testou a hipótese de que a hierarquia referencial influencia a escolha do falante pela forma a ser usada, ou seja, se o fato de um item ser mais ou menos referencial afeta na escolha do demonstrativo. Na análise do *corpus* de língua escrita, o autor verificou uma maior conservação do sistema tripartido no PE, apesar de no brasileiro ele também se encontrar preservado. Observou ainda a atuação da hierarquia referencial: conteúdos de maior carga referencial aumentam a produtividade de *este*, enquanto *esse* é favorecido em contextos de menor referencialidade. No *corpus* de língua oral do PB, o autor notou a tendência contrária ao que diz respeito à hierarquia referencial observada na língua escrita pelo bloqueio do

² Mencionamos a hipótese aqui para apresentá-la como possibilidade em outras variantes, inclusive do espanhol.

uso de *este* e o acentuado uso de *esse* na língua oral. Dessa maneira, o autor confirmou que a forma *esse* incorporou as áreas tradicionais da forma *este*, mostrando o sistema uma configuração binária na oralidade. No PE, porém, o sistema tripartido ainda se mostrou atuante e bem definido, apesar de ser notada uma preferência pela forma *este*, em detrimento de *esse*.

Por fim, MARINE (2009) estuda novamente o sistema do PB e PE (português europeu) através de revistas femininas para adolescentes e constata que o sistema do PB já está definido como binário (*este* e *aquela*, com as respectivas flexões), enquanto o sistema do PE também está tendendo a se tornar também binário, passando por um período de variação, com as formas de 2ª pessoa, substituindo as de 1ª. Cabe ressaltar o que a própria autora destaca que seus resultados são divergentes do de PEREIRA (2005) em relação ao PE.

1.2.2.2. Demonstrativos no espanhol: abordagem tradicional

As gramáticas costumam se limitar a apresentar o paradigma e as funções básicas desses elementos. De forma geral, o paradigma dos demonstrativos em espanhol que encontramos nas gramáticas tradicionais é ternário, seguindo o quadro abaixo que se encontra em MATTE BON (1995 [2001, p. 224]), em tradução nossa:

QUADRO 1

Paradigma dos demonstrativos do espanhol

Gênero	Demonstrativo	Pessoa a que diz respeito o âmbito do demonstrativo
Masc.	<i>Este</i>	<i>Yo</i> (falante)
Fem.	<i>Esta</i>	
Neutro	<i>Esto</i>	
Masc.	<i>Ese</i>	<i>Tú</i> (destinatário)
Fem.	<i>Esa</i>	
Neutro	<i>Eso</i>	
Masc.	<i>Aquel</i>	<i>Él</i> (não-pessoa, ausente)
Fem.	<i>Aquella</i>	
Neutro	<i>Aquello</i>	

Algumas gramáticas consideram que o sistema tripartido dos demonstrativos se refere aos três graus de distância (perto do falante, perto do interlocutor e distante de ambos) e outras o associam às pessoas do discurso (falante, ouvinte e outros). Apresentamos abaixo, como exemplo, a definição de GÓMEZ TORREGO (1997 [2007, p. 74]), em tradução nossa:

Os três demonstrativos (*este, ese, aquel* e suas variantes) relacionam-se às pessoas do ato comunicativo (falante e ouvinte) de maneira diferente.

□ *Este* (e suas variantes) → aponta algo (ou alguém) que está próximo do falante seja no espaço seja no tempo. Exemplo: *Esta casa es cómoda.*

□ *Ese* (e suas variantes) → mostra algo (ou alguém) que está próximo ao ouvinte tanto no espaço quanto no tempo, ou que está a uma distância intermediária entre *este* e *aquel*. Exemplo: *Esa casa es cómoda.*

□ *Aquel* (e suas variantes) → usa-se para mostrar algo (ou alguém) que está distanciado do falante e do ouvinte tanto no tempo quanto no espaço. Exemplo: *Aquellos años son inolvidables.*

KANY (1994, p. 170) reconhece o sistema tripartido; no entanto, aponta para uma tendência no espanhol americano para a substituição do *aquel* pelo *ese*. O autor também registra o uso de “*este de relleno*”, ou seja, o uso de *este* como um preenchedor de pausa. Segundo ele, esse uso é típico do espanhol americano e se dá quando o falante está em dúvida da expressão a ser usada em seguida, por pobreza de vocabulário ou por não saber o que dizer em situação embaraçosa.

Os demonstrativos podem assumir no espanhol a função de adjetivos ou pronomes, sendo que as formas neutras só podem desempenhar o papel de pronomes. Na escrita, frequentemente essa diferença é marcada através da acentuação das formas pronominais, apesar da acentuação diferencial não ser mais obrigatória.

1.2.2.3. Demonstrativos no espanhol: estudos recentes

Nesta seção apresentaremos de maneira resumida algumas das investigações que foram realizadas mais recentemente sobre os demonstrativos na língua espanhola.

KOCH E GÓMEZ MOLINA (1992) realizaram pesquisa para comparar a distribuição dos pronomes demonstrativos em quatro *corpora* de natureza e origem diferentes, tanto de língua escrita como de língua falada. Nos *corpora* analisados o uso dos demonstrativos não correspondeu ao paradigma da norma culta em que os três pronomes distinguem sistematicamente três campos temporais ou espaciais. Os autores encontraram dificuldade para encontrar uma norma que valha para os *corpora* de forma

geral, havendo uma mistura entre as regras válidas para a língua escrita e a falada. Na língua escrita e na fala culta, notaram um uso mais sistematizado e contrastivo de *este*, *ese* e *aquel*, o que não aconteceu na fala coloquial. Nessa, constataram certa confusão entre *este* e *ese*, sendo *ese* utilizada para qualquer circunstância. Observaram ainda que das três formas, sempre pelo menos duas se especializam na função discursiva, saindo do campo mostrativo, o que, segundo eles, deve deixar a função como a mais representativa da classe dos demonstrativos ao invés de ser mais valorizada a função dêitica, como normalmente acontece.

GONZÁLEZ ÁLVAREZ (2006) procurou identificar as funções básicas dos demonstrativos no espanhol culto e popular da Cidade do México. O autor, após classificar e analisar o seu *corpus*, chega a um ordenamento próprio dos demonstrativos no seu material. O elemento identificado como marcado e que indica proximidade, seja temporal ou espacial, e que faz referência ao falante é o *este*. Outro elemento bem definido é o *aquel*; porém, ele não faz referência locativa, apenas referência temporal, sendo usado para remeter a referentes distantes no tempo. Por último, ele identificou um espaço que não tem marca, que está fora de uma sinalização concreta, sendo que o único aspecto que está claro é de que é um espaço que está fora da zona do falante. É representada pelo *ese*, principalmente, mas também pelo *aquel*, em mostrações *ad óculos* (exófora). Sendo assim, de forma geral, o autor identificou dois espaços dêiticos nas variantes estudadas: o que está próximo ao falante e o que não está próximo a ele. Ficou confirmado também o grande desuso da série de *aquel*.

BENÍTEZ ROSETE (2011) realizou tese sobre o comportamento dos demonstrativos no espanhol da Cidade do México, valendo-se de entrevistas extraídas de dois *corpora* de língua oral: *El habla culta y popular de la ciudad de México. Materiales para su estudio* (UNAM) e o *Corpus sociolingüístico de la ciudad de México* (COLMEX). A autora procurou identificar em diferentes tipos de interação entre informante e informador – *muestras monológicas*, *muestras estables* e *muestras activas* – uma lógica na frequência com que aparecem os usos dos demonstrativos – exofórico, dêitico-discursivo, anafórico e de reconhecimento, separando o uso de *este* como *muletilla* (o que KANY (1994) chamou de *preenchimento*) e os casos-limite, ou seja, aqueles que deixam dúvidas à hora de classificar. Através dessa análise, a autora conclui que a incidência de demonstrativos varia de acordo com o tipo de interação entre falantes e também que o uso feito dos demonstrativos é sensível a essa variante.

Nos monólogos, o uso mais comum foi o anafórico, sendo que nos dois outros tipos esse uso é menos comum, talvez porque a intensidade da interação favoreça a identificação dos antecedentes, diminuindo a necessidade de recursos anafóricos. Nesses dois tipos de discurso, o tipo mais comum de demonstrativo é o de uso dêitico-discursivo. Outro aspecto que chama a atenção é a alta porcentagem da ocorrência do demonstrativo *este* como *muletilla* (30%). A autora também analisa seus dados do ponto de vista da Teoria da Acessibilidade (GIVÓN, 1983). Nessa teoria, se usa o parâmetro de distância referencial, que descreve o fenômeno de que menor o conteúdo léxico da expressão referencial, maior continuidade topical e, assim, maior ativação do referente no discurso. Foi confirmado que o parâmetro textual opera na maior parte das expressões com demonstrativos, sendo que a maioria das anáforas demonstrativas recuperam antecedentes que estão a menos de 10 cláusulas. Outra conclusão importante desse trabalho é a de que no âmbito dos demonstrativos interagem vários fatores, destacando, a autora, os seguintes: (i) as funções pragmáticas no marco da referencialidade nominal; (ii) os graus de complexidade sintática das expressões com demonstrativos, tendo sido identificados sete padrões; (iii) a distância referencial associada à continuidade topical e carga léxica das expressões referenciais; e (iv) os níveis de ativação dos referentes (ativo, acessível, inativo, novo).

STRADIOTO (2012) realizou dissertação sobre os demonstrativos no português de Belo Horizonte e no espanhol da Cidade do México, com ênfase na construção dos demonstrativos com função dêitica associados a locativos. Para isso aplicou em falantes dessas localidades um experimento e um questionário. Com relação ao português, suas conclusões se assemelham às dos estudos referidos no item anterior, tendo sido constatada a baixa frequência de *este*, tendo *esse* assumido o papel anteriormente de *este*, o que significa que o sistema se adaptou gerando uma neutralização da oposição *perto do falante* – antes representada por *este* - e *perto do ouvinte* – antes representada por *esse*. Foi ainda constatado que a ocorrência de *esse* é muito superior à de *aquela* (e flexões), o que faria possível o levantamento da hipótese de que o português de Belo Horizonte caminha para ter apenas uma forma de demonstrativo, como o francês. No espanhol, a autora constata a baixa frequência de *aquel*. Ela conclui ainda que no português de Belo Horizonte o uso de locativos associados aos demonstrativos funciona como mecanismo compensatório da diminuição de formas, o que, por sua vez, não ocorre no espanhol da Cidade do México.

RAMALHO (2012) estudou o fenômeno da posposição dos demonstrativos no espanhol e no português, um fenômeno raro, mas possível nas duas línguas. No espanhol, a posposição pode vir acompanhada de artigo, o que não ocorre em português (*El chico este*). O autor constata que esse uso é expressivamente mais comum na língua falada e que é mais antigo que o uso sem artigo. O uso sem artigo, por sua vez, é característico da língua escrita, tanto em português como em espanhol. Com o objetivo de melhor conhecer os sistemas das línguas estudadas, o autor se propõe a testar hipóteses relacionadas (a) ao aparecimento do uso posposto dos demonstrativos, podendo ser advinda de um processo de gramaticalização e, no português, especificamente, de um processo de reanálise de frases exclamativas, (b) ao surgimento da posposição como fruto de necessidades comunicativas específicas, e (c) à existência de diferença de uso dos dois tipos de estruturas de demonstrativos pospostas existentes no espanhol, com artigo ou sem. Com relação à primeira hipótese, o aparecimento das estruturas em espanhol não pôde ser confirmado, apesar de confirmado um processo de gramaticalização. Confirmou-se, porém, no português, o processo de reanálise de frases exclamativas, dando origem às estruturas de posposição de demonstrativos. Pôde ser constatado o processo de gramaticalização no português em um estágio mais avançado que no espanhol. Sobre a segunda e a terceira hipótese, foi possível concluir que as construções com e sem artigo no espanhol são construções diferentes entre si e que as construções sem artigo do português e do espanhol se assemelham, tratando-se, portanto, do mesmo processo. Os dados sugeriram ainda que, no espanhol, haveria uma tendência nas variedades contemporâneas de empregar a forma com artigo para expressar retomada de referente em distância média ou grande, ou seja, com baixo grau de acessibilidade, enquanto a forma sem artigo seria usada para expressar retomada de referente com distância pequena e, conseqüentemente, com alto grau de acessibilidade. Associada a essa tendência, os dados confirmam o que afirmou LAVRIC (1995) de que a função comunicativa da estrutura com artigo seria a de atuar como um recurso do falante para verificar se um conhecimento que ele supõe partilhar com o ouvinte realmente o é (conceito de indexicalidade).

CAMBRAIA (2012) realizou estudo histórico e comparado sobre os demonstrativos no PB e EM (espanhol mexicano) a partir de textos teatrais, preferencialmente, de comédia do século XVI ao XXI. A descrição realizada por ele permitiu constatar que o sistema das duas variantes tende a passar de ternário para

binário, com prevalência de *esse* no português em detrimento de *este* e no espanhol com prevalência de *ese* em detrimento de *aquel*. Tratando-se de um estudo diacrônico foi possível identificar o momento em que a mudança se deu, sendo o momento chave para o PB o período entre a 2ª metade do século XIX e a 1ª metade do século XX e o momento chave para o EM o período entre a 2ª metade do século XVIII e a 1ª metade do século XIX.

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Introdução

Este trabalho teve como pressuposto epistemológico o *funcionalismo* e se baseou mais especificamente no modelo tipológico-funcional de GIVÓN (2001) por sua capacidade de integrar a visão funcionalista, que enfatiza a função comunicativa da linguagem e estuda a língua em uso, com uma orientação tipológica, ou seja, que procura dar conta da diversidade linguística. Segundo CAMBRAIA (2012) trata-se de um modelo que apresenta uma noção de estrutura sintática mais rica, uma vez que considera dentro do código gramatical *recursos específicos de codificação* (morfologia, entonação, ritmo e ordem sequencial de palavras e morfemas) e também *níveis mais abstratos de organização gramatical* (organização de constituência hierárquica, etiquetas categoriais gramaticais, relações de relevância e escopo, e relações de controle e governo). Conceitos derivados do *variacionismo* laboviano também foram invocados para servir de base para a análise dos demonstrativos.

2.2. Funcionalismo

2.2.1 Fundamentos

O funcionalismo é uma importante corrente do pensamento linguístico que se opõe ao formalismo por considerar essencial a relação entre a estrutura gramatical e o contexto comunicativo em que ela é usada. São típicos representantes do funcionalismo a Escola de Praga e os modelos de Halliday, Dik e Givón. O formalismo, por sua vez, é representado por expoentes do estruturalismo americano (como Bloch, Bloomfield, Trager, Harris e Fries) e ainda pelos diferentes modelos do gerativismo, como o de Chomsky (NEVES, 2004, p. 40).

O paradigma formalista considera a linguagem como objeto autônomo e investiga a estrutura linguística independentemente do uso, de maneira descontextualizada, preocupando-se com suas características internas, ou seja, o

privilégio é dado à análise das formas linguísticas. Já no paradigma funcionalista a linguagem é entendida como um instrumento de interação social e, por isso, as pesquisas trabalham com dados reais de fala ou escrita retirados de contextos reais de comunicação, evitando frases inventadas, o que, por sua vez, é feito pelos formalistas.

O principal objetivo do funcionalismo é entender como a comunicação se dá através da língua, isto é, como essa se organiza para que seus usuários cheguem a se comunicar. Para isso, a investigação deve ir além da estrutura gramatical, envolvendo também a situação comunicativa, que opera como motivação para os fatos da língua, assumindo o contexto um papel essencial. Dessa maneira, a língua não é vista como um sistema autônomo, devendo seu estudo incluir referência a parâmetros como cognição, comunicação, processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação, aquisição e evolução (GIVÓN, 1995). Isso não quer dizer que o estudo da estrutura da língua deixe de ser relevante, mas ele não é suficiente e a maior importância é dada à relação entre forma e função. Uma descrição completa deve incluir referências ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e seu estatuto dentro da situação de interação determinada socioculturalmente (NEVES, 2004, p. 23).

Com relação à questão da aquisição da linguagem também há divergência entre formalistas e funcionalistas. Os gerativistas, por exemplo, consideram que os seres humanos têm uma capacidade inata para aprender a língua. Já os funcionalistas veem a aquisição da língua dentro do processo de desenvolvimento cognitivo da criança, pois consideram que a linguagem não é um tipo de conhecimento específico, mas resultante de um conjunto de atividades comunicativas, sociais e cognitivas.

DIK (1978, p. 4-5) analisa os dois paradigmas, especificando oito tópicos de confronto resumidos por NEVES (2004, p. 47) em um quadro, que apresentamos a seguir:

QUADRO 2

Paradigma formal x Paradigma funcional

	PARADIGMA FORMAL	PARADIGMA FUNCIONAL
Como definir a língua	Conjunto de orações.	Instrumento de interação social.
Principal função da língua	Expressão dos pensamentos.	Comunicação.
Correlato psicológico	Competência: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações.	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua.
O sistema e seu uso	O estudo da competência tem prioridade sobre o da atuação.	O estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro do uso.
Língua e contexto/situação	As orações da língua devem descrever-se independentemente do contexto/ situação.	A descrição das expressões devem fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto.

Aquisição da linguagem	Faz-se uso de propriedades inatas, com base em um <i>input</i> restrito e não-estruturado de dados.	Faz-se com a ajuda de um <i>input</i> extenso e estruturado de dados apresentado no contexto natural.
Universais linguísticos	Propriedades inatas do organismo humano.	Explicados em função de restrições: comunicativas, biológicas ou psicológicas; contextuais.
Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática, via semântica.	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas; as prioridades vão da pragmática à sintaxe, via semântica.

Na verdade, o que comumente se denomina funcionalismo abrange uma série de modelos diferentes, mas que guardam entre si, em maior ou menor grau, pressupostos teóricos em comum. Inicialmente o termo *funcionalismo* foi associado à Escola Linguística de Praga, mas pode ser aplicado a qualquer abordagem ligada aos fins que as unidades linguísticas servem (NEVES, 2004, p. 17). NICHOLS (1984) *apud* NEVES (2004, p. 55) estabelece três tipos de funcionalismo, o conservador, que é aquele que apenas aponta para a inadequação do formalismo, o moderado que chega a propor uma análise funcionalista da estrutura e o extremado que nega a existência de uma estrutura, declarando a ausência de restrições sintáticas e considerando que as regras se baseiam na função. NEVES (2010, p. 43) assinala as seguintes características do paradigma funcional estabelecidas por DIK (1989) em oposição ao paradigma formalista, os quais de certa forma foram apresentados no Quadro de 2, mas que apresentamos mais detalhadamente neste momento: (1) a língua é um instrumento de interação social e existe em virtude de seu uso para o propósito de interação entre seres humanos; (2) a principal função da língua é a comunicação, sendo essa um padrão interativo dinâmico de atividades através das quais os usuários efetuam certas mudanças na informação pragmática de seus parceiros; (3) tem como correlato psicológico a competência comunicada, entendida como a habilidade de interagir socialmente por meio da língua; (4) defende que o sistema linguístico deve ser estudado dentro do quadro das regras, princípios e estratégias que governam seu uso comunicativo natural, ou seja, as expressões linguísticas precisam ser estudadas dentro do contexto; (5) a aquisição da linguagem se desenvolve na interação comunicativa entre a criança e seu ambiente, sendo fortemente influenciada pelo *input* de dados apresentados à criança em contexto natural; (6) os universais linguísticos são fruto das restrições inerentes aos fins da comunicação, às propriedades biológicas e psicológicas dos falantes e aos contextos e

circunstâncias nos quais a língua é usada; e (7) a pragmática como o quadro abrangente no qual a sintaxe e a semântica devem ser estudadas.

Outra característica importante do paradigma é que a língua é vista como entidade dinâmica, existindo uma constante instabilidade na relação entre estrutura e função, sendo essa a força responsável pelo desenvolvimento constante da linguagem (NEVES, 2004, p. 3). A gramática está sujeita às *pressões funcionais em competição*. Esse é um conceito fundamental para o paradigma e que se apresenta como resposta à pergunta sobre como todas as informações a serem passadas pelo falante se codificam no sistema linguístico, muitas vezes se sobrepondo. O resultado é um compromisso adaptativo entre as pressões funcionais em adaptação (GIVÓN, 2001, vol. I, p. 19).

O foco no usuário da língua leva a gramática funcional a considerar aspectos cognitivos para a realização de seus estudos, o que define aspectos relevantes desse modelo. Um dos princípios centrais é o da *iconicidade*, o que significa dizer que existe uma relação não-arbitrária entre forma e função, isto é, existe uma relação de motivação entre forma e significado. GIVÓN (1984, p. 30) *apud* NEVES (2004, p.104) define os princípios de iconicidade como os "princípios que governam as correlações naturais entre forma e função." De acordo com CROFT (1990, p. 164) *apud* NEVES (2004, p. 104), "a estrutura da língua reflete de algum modo a estrutura da experiência, ou seja, a estrutura do mundo, incluindo (na maior parte das visões funcionalistas) a perspectiva importa sobre o mundo pelo falante." Essa identificação entre forma e significado se dá frequentemente através de metáfora, processo muito produtivo linguisticamente. Sendo a metáfora um tipo de transferência semântica em que a palavra ou expressão produz sentidos figurados por meio de comparações implícitas, ela é considerada icônica, já que a forma final guarda semelhança com a forma que lhe deu origem. Por meio desse caminho, muitas vezes surgem novos usos para a mesma forma, sendo a polissemia facilmente verificável no trajeto evolutivo das línguas. A sinonímia, por sua vez, não é aceita por parte dos funcionalistas, que alegam não existirem sinônimos perfeitos, no sentido de que as formas sempre carregam nuances de significado que não estão presentes de maneira total em outras formas.

Muitos tipos de iconicidade têm sido estudados. Um deles é o princípio da quantidade, que implica dizer que quanto maior um texto mais informação ele carrega. Outro princípio é o de distância, que indica que a relação entre a distância entre formas linguísticas implica em distância conceptual entre elas. A iconicidade de independência

é o princípio pelo qual a separação linguística de uma expressão corresponde à independência conceptual do que ela representa. A iconicidade de ordenação rege que a importância dos elementos que aparecem no discurso do falante está refletida na ordem em que aparecem.

A aceitação do princípio de iconicidade se dá em maior ou menor grau pelos autores, já que muitas vezes a relação entre forma e significado é bastante opaca e de difícil rastreamento. No entanto, essa opacidade, mais frequente que a transparência na relação de forma e significado, segundo autores funcionalistas, poderia ser explicada através dos processos de mudança sofridos pela forma linguística, que, gradualmente, ao longo do tempo, faz com que a semelhança entre forma e significado diminua, chegando a ser irreconhecível. O processo de gramaticalização, conceito importante no paradigma funcional e que será explicado mais adiante, é frequentemente o responsável por essa diminuição e até completa perda da transparência do significado nas formas linguísticas.

Além da iconicidade, outro princípio importante é o da *informatividade*, que trata do conhecimento que os interlocutores compartilham. Com base nisso, um sintagma nominal (SN) é classificado em termos do status informacional dos seus referentes como *dado*, *novo*, *disponível* e *inferível*. Um referente é *dado* quando já ocorreu no texto ou está disponível na situação de fala, é *novo* quando aparece pela primeira vez no discurso, *disponível* quando está presente na mente do ouvinte, geralmente por ser um referente único, e *inferível* quando pode ser identificado através de inferência.

O conceito de *marcação*, introduzido pela Escola de Praga, também é muito considerado pelos funcionalistas. Os termos *marcado* e *não-marcado* estabelecem a oposição entre dois elementos em relação a uma determinada característica fonológica, morfológica ou sintática. As formas não-marcadas são aquelas que apresentam contexto de ocorrência mais amplo, sendo mais frequentes na língua, e também são mais simples.

Finalmente é importante tratar do conceito de *transitividade* para o paradigma funcionalista, assumindo uma forma diferente da aceita pela gramática tradicional. HOPPER E THOMPSON (1980) *apud* MARTELOTTA (2008, p. 171) tratam a transitividade como uma "propriedade escalar que focaliza diferentes ângulos da transferência da ação de um agente para um paciente em diferentes porções da oração." Dessa maneira a transitividade é vista como um continuum e o grau de transitividade de uma oração reflete sua função discursiva característica. As orações com alta

transitividade assinalam porções centrais do texto enquanto as de baixa transitividade marcam as porções periféricas.

2.2.2. Gramaticalização

Um conceito central e que tem merecido muitas investigações dentro do funcionalismo é o de gramaticalização. A língua é uma entidade viva e adaptável às necessidades dos falantes e, por isso, é preciso entender de que maneira isso ocorre, quais são os mecanismos de que ela se vale para que isso seja possível. A gramaticalização surge como uma explicação para a mudança linguística.

O termo *gramaticalização* é introduzido no século XX por Meillet que definiu o processo como "a atribuição de um carácter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma" (MEILLET, 1912/1948, p. 131 *apud* NEVES, 2004, p. 113). MARTELOTTA (2008, p. 173) define a gramaticalização como "processo unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais." No entanto, alguns autores, como HEINE ET AL. (1991) *apud* NEVES (2004, p. 120) consideram gramaticalização tanto um morfema que passa do estatuto lexical para o gramatical como aquele que passa de menos gramatical a mais gramatical.

CUNHA (2008, p. 174) exemplifica da seguinte maneira o processo de gramaticalização:

Considerando que substantivos, verbos e adjetivos são elementos lexicais e que preposições, artigos, morfemas derivacionais e flexionais, entre outros, têm valor gramatical, são exemplos de gramaticalização: 1) A trajetória de substantivos e verbos para conjunções - É o que ocorre com o verbo "querer", que passa a ser utilizado como conjunção alternativa em "*Quer* chova *quer* faça sol", ou como o elemento "logo", que no português arcaico tinha valor de substantivo e que atualmente pode ser empregado como conjunção conclusiva em cláusulas como "Penso, logo existo". 2) A trajetória de nomes e verbos para morfemas - É o que se dá em passagens como a que ocorre com a expressão "tranquilamente", em que o substantivo "mente" ("intelecto") passa a desempenhar papel de sufixo formador de advérbio: "tranquilamente". Ou em trajetórias como a que acontece com a locução "amar hei", em que a forma do verbo "haver" ("hei") se *incorpora* ao verbo, passando a funcionar como desinência de futuro: "amarei".

A unidirecionalidade do processo é uma característica essencial. HEINE ET AL. (1991b) *apud* NEVES (2004, p. 121) apresentam essa característica de forma mais detalhada:

- a) precedência do desvio funcional (conceptual ou semântico), sobre o formal (morfofossintático e fonológico);
- b) descategorização de categorias lexicais prototípicas;
- c) possibilidade de recategorização, com restabelecimento da iconicidade entre forma e significado;
- d) perda de autonomia de um elemento (uma palavra autônoma passa a clítica, um clítico passa a afixo);
- e) erosão ou enfraquecimento formal.

HEINE E REH (1984) *apud* NEVES (2004, p. 121) mostram que os níveis funcional, morfofossintático e fonético são afetados pela gramaticalização, exatamente nessa ordem. As alterações num nível são acompanhadas alterações no outro, de modo que quanto mais avançado o processo de gramaticalização mais é possível notar as características abaixo:

- a) perda na complexidade semântica, na significação funcional, no valor expressivo;
- b) perda pragmática com ganho na significação sintática;
- c) diminuição de membros num mesmo paradigma sintático;
- d) diminuição na variabilidade sintática, com maior fixidez da ordem;
- e) obrigatoriedade de uso em determinados contextos, com proibição de uso em outros;
- f) coalescência semântica, morfofossintática e fonética com outra(s) unidade(s);
- g) perda de substância fonética.

HOPPER (1991, pp. 17-35) *apud* NEVES (2004, pp. 123-126) explicita cinco princípios que regem a gramaticalização:

- 1) estratificação: coexistência das diferentes formas, representando diferentes graus do processo.
- 2) divergência: caso particular da estratificação em que a forma lexical original do processo de gramaticalização continua existindo como elemento autônomo, podendo sofrer as mesmas mudanças que os itens lexicais comuns.

3) especialização: possibilidade de que um item se torne obrigatório, pela diminuição de possibilidades de escolha.

4) persistência: permanência de vestígios do significado lexical original, podendo se encontrar refletidos em restrições sobre sua distribuição gramatical.

5) descategorização: diminuição do estatuto categorial de itens gramaticalizados (as formas tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e as características sintáticas plenas nome e verbo para assumir atributos de categorias secundárias como adjetivo, particípio, preposição, etc.).

2.2.2.1. Gramaticalização nos demonstrativos

Na bibliografia a respeito dos demonstrativos existe uma discussão em torno de qual seria o seu uso básico. Para DIESSEL (1999, p. 110) esse uso é o exofórico, tendo os demais derivados dele, através de gramaticalização. O autor apresenta três argumentos a favor dessa hipótese: (a) é o primeiro a surgir no processo de aquisição da linguagem; (b) os demonstrativos exofóricos são menos marcados morfológica e distributivamente; e (c) o processo de gramaticalização mostra que as formas exofóricas não se reanalisam como marcadores gramaticais –pronomes de terceira pessoa, conectores, adnominais – e estes últimos, de forma geral, se originam a partir do uso endofórico.

GIVÓN (2001) estabelece também que os demonstrativos cumprem o percurso de *determinante demonstrativo* > *pronome demonstrativo* > *pronome anafórico*, o que indicaria que os demonstrativos passam da dêixis espacial para o domínio discursivo. Esses dados sugerem, segundo CAMBRAIA (2012), que a matriz da configuração dos demonstrativos está em sua função exofórica, a partir da qual sofre extensão para a anáfora. Esse ponto é importante porque CAMBRAIA (2012) estabelece uma hipótese para a gênese do binarismo dos demonstrativos associada à sua função exofórica. Parece haver justamente nessa função um ambiente propício à neutralização da distinção entre os participantes do ato de fala.

COLANTONI (2000) pesquisou, através de estudo qualitativo, dois casos de gramaticalização dos demonstrativos do espanhol da Argentina: o *este* de uso fático, ou seja, como continuador discursivo e o *eso* como marcador de conclusão de discurso. Primeiramente a autora identificou que os demonstrativos de *este* e *ese* têm uma

distribuição quase que complementar, pois as formas de *este* em seu *corpus* estavam praticamente só associadas a formas extra-discursivas, enquanto *ese*, por sua vez, se associava a formas intradiscursivas. Cabe ressaltar que ela não registrou nenhuma ocorrência de *aquel*. No caso de *este* a autora propõe que o uso extradiscursivo evoluiu para o uso fático em que a forma *este* é utilizada como continuador discursivo, o que ocorreu inicialmente por ser o lugar de corte do discurso gerando uma pausa para que o falante ganhe tempo para continuar e até reestruturar, em alguns casos, sua fala sem perder o seu turno para o interlocutor. Através desse processo a forma de primeira pessoa masculina singular passa a ter esse novo uso, tendo sofrido alongamento da segunda vocal, o que redundou no deslocamento da sílaba tônica. Segundo a autora, algumas características desse processo confirmam um estado avançado de gramaticalização: coexistência da forma antiga (*este* como demonstrativo) e da nova (*este* como continuador discursivo), a evolução separada das duas formas (o que pode ser constatado através do alongamento da segunda sílaba e o deslocamento da sílaba tônica na forma gramaticalizada), perda das marcas morfológicas na forma gramaticalizada (está fixada no masculino singular) e ausência da referência dêitica da forma gramaticalizada. Abaixo um exemplo da autora para a forma gramaticalizada.

(45) Itatí proviene de diversas este cómo podríamos decir diversas traducciones. Itatí es una palabra guaraní. (COLANTONI, 2000, p. 75)

Com relação ao processo de gramaticalização de *eso* como marcador de término do discurso, a autora apresenta que a partir do uso prototípico de *ese* que é o intradiscursivo, surge outro tipo de uso em que o demonstrativo não tem um referente específico, podendo funcionar como hiperônimo do referente, incluindo-o dentro de um campo mais amplo e, em alguns casos, remetendo o interlocutor a uma expansão do referente para outros elementos não presentes no discurso, mas que fazem parte da mesma hierarquia léxica do referente. Esse tipo de uso teria dado origem por gramaticalização ao *eso* como marcador discursivo, o que foi favorecido pelo fato do pronome neutro favorecer uma generalização ou ampliação do sentido do seu referente por ser menos específico. Nesse novo uso o pronome demonstrativo funciona como marcador de término de discurso, podendo, em alguns exemplos da autora, dar lugar à passagem para o turno do interlocutor. Um exemplo da autora para esse uso é o seguinte.

(46) Poco y nada hablamos nosotros en mi casa, al menos. Mi familia, mi mamá. Esq. No entiende guaraní. (COLANTONI, 2000, p. 79)

2.3. Variação linguística

Nosso trabalho visa detectar processos de variação no sistema de demonstrativos do espanhol de Lima e de Buenos Aires, para o qual vamos nos valer da perspectiva laboviana.

A variação e a mudança linguística são fenômenos presentes em todas as línguas naturais. A variação se caracteriza pela existência de formas linguísticas alternativas, chamadas de *variantes*, que constituem, por sua vez, um fenômeno variável. Isso significa que para um mesmo fenômeno da língua é possível existir mais de uma forma de realização possível que coexiste sincronicamente. As variantes podem permanecer estáveis no sistema durante um breve período ou até durante séculos. Quando uma das variantes desaparece se dá, então, o que se chama mudança linguística.

A variação e a mudança linguística não ocorrem de maneira aleatória, sendo controladas por fatores de natureza social - extralinguística - e estrutural - intralinguística. Afirma MOLLICA (2004, p. 11):

No conjunto de variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza fonomorfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais. Eles dizem respeito a características da língua em várias dimensões, levando-se em conta o nível do significante e do significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua. No conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade tensão discursiva).

Essas variáveis, sejam internas ou externas, não atuam de maneira isolada, mas formam um complexo de múltiplas interferências que se sobrepõem, levando a um resultado final. E tudo isso ocorre de maneira que a língua se mantenha coesa. Os processos de variação e mudança ocorrem de maneira que a unidade da língua seja mantida, pois, do contrário, seus usuários deixariam de se entender. Isto quer dizer que a língua encontra-se sob a pressão de uma força que atua no sentido da variedade e outra no sentido da unidade, de forma a propiciar a heterogeneidade, mantendo a unidade. É isso que torna possível, por exemplo, a variação diatópica - entre regiões - e a diastrática - entre estratos sociais.

Para fazer a análise dessas variações, as variantes linguísticas não podem ser rigidamente caracterizadas. Apesar de serem feitas certas generalizações nos estudos linguísticos, é importante recordar que as fronteiras dos fenômenos não são estanques. Também não é possível mais falar em superioridade de uma variedade ou de outra em termos linguísticos, apesar de algumas variedades gozarem de mais prestígio que outras, o que interfere nos processos de variação e mudança, sendo assim um aspecto a ser considerado nos estudos linguísticos.

Uma vez identificados os fatores internos e externos que participam da variação e mudança fica claro que, ao contrário do que possa parecer, esses processos não se dão de maneira aleatória. Apenas aparentemente desorganizada e caótica, é possível identificar na língua, sob a aparência de irregularidade, os fatores que a controlam, provando que ela é regular, sistemática e previsível. Ao estudar os fenômenos de variação e mudança, os linguistas querem justamente descobrir de que maneira esses fatores interagem, ocasionando o estado em que a língua se encontra. Dessa maneira, é importante trabalhar com o falante real, baseando-se em mostras linguísticas concretas, ao invés de se valer de exemplos supostamente verdadeiros, mas, na verdade, criados pela intuição do linguista.

WEINREICH, LABOV E HERZOG (1968) *apud* MARTELOTTA (2008, p. 149-150) estabeleceram cinco questões a serem consideradas para a explicação de processos de variação e mudança linguística:

- 1) os fatores universais limitadores da mudança (e variação), que podem ser sociais ou linguísticos;
- 2) o encaixamento das mudanças no sistema linguístico e social da comunidade;
- 3) a avaliação das mudanças em termos dos possíveis efeitos sobre a estrutura linguística e sobre a eficiência comunicativa;
- 4) a transição, momento em que há mudanças intermediárias;
- 5) a implementação da mudança: estudo dos fatores responsáveis pela implementação de uma determinada mudança; explicação para o fato de a mudança ocorrer numa língua e não em outras, ou na mesma língua em outros momentos.

A análise das variantes linguísticas pode levar à conclusão de que existe uma estabilidade entre elas, o que se chama variação, ou à constatação de que estão em competição, o que se dá quando uma das variantes tem o seu uso aumentado, e se chama mudança em curso. Para diferenciar se o fenômeno estudado é um caso de variação ou

de mudança em curso, normalmente o estudo de um momento temporal não é suficiente. Há duas estratégias para essa verificação, a realização de um estudo em tempo aparente ou em tempo real. O tempo real é observado através da pesquisa de duas ou mais épocas e o tempo aparente é quando o linguista realiza sua investigação com base em amostras de informantes de diferentes faixas etárias. A utilização do tempo aparente é frequente e válida, mas ainda há algumas dúvidas quanto a seu grau de confiabilidade. Afirmando PAIVA E DUARTE (2004, p. 179):

O estudo da mudança no tempo aparente, ainda que teoricamente sustentável, se depara com dificuldades nem sempre contornáveis com os recursos heurísticos disponíveis. A primeira se refere à própria validade da hipótese clássica acerca da aquisição da linguagem. A segunda dificuldade está no fato de que correlações sistemáticas com a variável idade não são, muitas vezes, índices conclusivos de uma mudança em progresso na língua. A predominância de uma determinada variante linguística na fala de pessoas mais jovens coloca o pesquisador frente a duas possibilidades: a) trata-se da instalação gradual de uma nova variante na língua (mudança linguística propriamente); b) trata-se de uma diferenciação linguística etária que se repete a cada geração.

Para as autoras, a utilização do tempo aparente é válida, mas deve estar associada a evidências obtidas através do estudo em tempo real. O estudo em tempo real, no entanto, apresenta dificuldades metodológicas. Uma delas é a ausência de material autêntico de fala de épocas passadas. Para suprir essa falta, o pesquisador pode se valer de documentos escritos considerando a natureza diferente entre fala e escrita. Para solucionar, pelo menos em parte, essa questão, os estudiosos muitas vezes optam por trabalhar com textos de teatro popular, uma vez que, a princípio, esses espelhariam com mais lealdade a fala. Outro problema da utilização dos documentos escritos de épocas passadas é que muitos deles chegam até o presente através de copistas que, frequentemente, cometiam erros ou até realizavam conscientemente alterações nos textos originais, inclusive no intento de corrigir aspectos linguísticos que consideravam inadequados, o que compromete a viabilidade do uso do documento para o estudo linguístico. Para suprir as dificuldades apresentadas para os estudos em tempo real e tempo aparente, outra estratégia é o uso do tempo real de curta duração. Há duas formas de realizar esse tipo de estudo. A primeira, do tipo "painel", consiste em analisar a fala do mesmo indivíduo com uma diferença de tempo, o que equivale assumir a estabilização do sistema linguístico do falante, ou seja, que o seu comportamento linguístico a partir de uma certa idade é estável. A segunda forma, do tipo "tendência",

se dá através da comparação de amostras aleatórias da mesma comunidade de fala em dois momentos do tempo.

A teoria variacionista tem enfrentado também algumas dificuldades teóricas. Inicialmente, ao focar sua atenção nos fenômenos fonológicos, o conceito de variável se aplicou muito bem e foi facilmente verificado. No entanto, ao passar para a análise dos fenômenos sintáticos ele não se encaixou tão tranquilamente. Também o estabelecimento da correlação entre os fatores extralinguísticos e as estruturas sintáticas escolhidas não se dá de maneira tão clara quando no nível fonológico.

CAPÍTULO 3

OBJETIVOS, HIPÓTESES DE TRABALHO E METODOLOGIA

3.1. Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é realizar uma descrição linguística detalhada dos sistemas de demonstrativos do espanhol de Lima, doravante LI, e de Buenos Aires, BA, e, assim, contribuir para um maior conhecimento da constituição histórica dos sistemas de demonstrativos no domínio linguístico românico. Nossos objetivos específicos são (a) coletar, de forma sistemática, dados sobre o uso dos demonstrativos na fala culta do espanhol de LI e de BA no material do projeto NURC; (b) classificar os dados segundo critérios linguísticos pertinentes; e (c) realizar análise quantitativa e qualitativa dos dados.

3.2. Hipóteses de trabalho

Neste estudo serão testadas as seguintes hipóteses de trabalho:

(a) **Hipótese 1:** a escolha das formas de demonstrativo é sensível à função que o demonstrativo cumpre na frase, assim como identificado por GONZÁLEZ ÁLVAREZ (2006) para o EM, sendo possível identificar padrões de uso comuns às variantes do espanhol americano.

(b) **Hipótese 2:** o sistema de demonstrativos do espanhol de LI e o de BA apresentam tendência ao binarismo, estando em desaparecimento *aquel* em detrimento de *ese*, como já constatado por alguns autores para o espanhol latino-americano, como CAMBRAIA (2009, 2012) e STRADIOTO (2012) sobre o EM.

(c) **Hipótese 3:** o processo de binarização do sistema de demonstrativos de LI e BA deve envolver variação entre formas, pois as mudanças linguísticas são precedidas de variação entre formas concorrentes, como assinala LABOV (1972, 1995, 2001).

(d) **Hipótese 4:** dada a semelhança entre diferentes variedades do espanhol latino-americano, a gramaticalização do uso fático deve se manifestar nos dados de BA, como sugere o estudo de COLANTONI (2000), e ainda nos dados de LI.

3.3. Metodologia

3.3.1. *Corpus* e coleta de dados

Nesta pesquisa, serão investigados os dados referentes aos demonstrativos no espanhol de LI e de BA recolhidos dos materiais do projeto NURC (Norma Urbana Culta) dessas duas cidades. Esse é um projeto ibero-americano que estabeleceu regras precisas para a coleta de dados, independente da localidade, o que permite o estabelecimento de estudos comparativos satisfatórios. Cabe recordar, a guisa de explicação, que o projeto NURC trabalha com informantes da parcela culta da população, uma vez que o projeto visa a levantar os dados linguísticos da variante culta. Também é importante ressaltar que os dados desse projeto são de língua oral. Outro aspecto relevante para esta pesquisa é que as entrevistas encontram-se divididas de acordo com:

- sexo dos informantes, masculino e feminino.
- faixa etária dos informantes, constituindo-se os seguintes grupos: 1ª geração - entre 25 e 35 anos; 2ª geração – entre 36 e 55 anos e 3ª geração – entre 56 e 70 anos, aproximadamente.
- tipo de material coletado: a) diálogos dirigidos; b) elocuições formais; c) diálogos livres e d) gravações secretas.

A escolha por trabalhar com dados de *corpus* de língua falada, mais especificamente o *corpus* do projeto NURC, se deve ao referencial teórico escolhido para a realização desta pesquisa, baseado no estudo de língua em uso. É importante ressaltar que os materiais de ambas as localidades - LI e BA - oferecem um número semelhante de amostras de informantes com as mesmas características (sexo, faixa etária, classe econômico-social, etc.). Como se verá a seguir, foi analisado o total de entrevistas com falantes masculinos de cada localidade, o que, a princípio, pareceria gerar uma assimetria entre o material de LI e BA, posto que são 13 entrevistas em LI e 9 em BA. No entanto, escolhemos utilizar todas as entrevistas, visto que ao final obtivemos um número de ocorrência de demonstrativos muito semelhante nos dois materiais.

Para realizar a análise das entrevistas a fim de investigar sobre o uso dos demonstrativos, foi escolhido um grupo específico de informantes entre os que integram

o conjunto de entrevistas feitas em LI e BA. Em relação à faixa etária: serão analisadas e contrastadas as entrevistas feitas com informantes das três gerações no intuito de identificar, caso exista, uma mudança em curso. Por exemplo, se os resultados observados na terceira geração forem diferentes dos encontrados na primeira geração, poderiam representar indícios de que há/houve uma mudança em curso no que diz respeito ao tema estudado. Com relação ao sexo, escolheu-se não analisar essa variável, sendo escolhidas entrevistas apenas dos informantes masculinos, no intuito de favorecer a comparação com outras pesquisas realizadas anteriormente (sobretudo por causa de dados do passado, cujos autores são quase sempre homens), como no caso de CAMBRAIA (2009) e CAMBRAIA (2012). A respeito do tipo de material, foram escolhidos os diálogos dirigidos (ou seja, entre informante e documentador) por permitirem uma comparação mais precisa entre os dados de LI e BA, uma vez que no material de BA só há esse tipo de material. Dessa maneira, duas variáveis serão pesquisadas: a *localidade* (LI e BA) e a *faixa etária* (1^a, 2^a e 3^a geração).

Foram analisadas todas as entrevistas que atendem aos critérios definidos – diálogos dirigidos de informantes do sexo masculino de três gerações diferentes – do *corpus* de BA e LI, pois, como um total, verificamos uma certa homogeneidade entre os dados dos dois.

Não há informação sobre a data exata de realização de cada entrevista, nem no material de LI nem no de BA. No entanto, pode-se supor que as entrevistas foram realizadas em Buenos Aires entre 1967 e 1975, período mencionado na apresentação como aquele em que ocorreu a maior parte do desenvolvimento do projeto. Na entrevista II, o entrevistado afirma ter ido ver no cinema o filme “O bebê de Rosemary”, cuja estreia ocorreu em 1968, o que sugere que a entrevista também teria ocorrido nesse ano. No material de LI, encontra-se a informação de que as entrevistas foram realizadas entre 1977 e 1980. Tais informações demonstram uma pequena assimetria nas datas dos dois *corpora* deste trabalho, mas sua proximidade nos leva a pensar que, ainda assim, o estudo contrastivo é possível, sem prejuízo para as conclusões alcançadas.

QUADRO 3
Caracterização dos inquiridos – LI

Primeira Geração				
Encuesta	Idade	Profissão	Tema³	Extensão (linhas)⁴
1	28	Antropólogo e professor universitário.	Lugares onde morou e suas recordações desses, antropologia.	278
2	24	Estudante de direito.	Sua vida, seus estudos, direito, suas viagens, situação do país.	505
3	23	Estudante de educação com ênfase em ciências histórico-sociais	Suas viagens e sua família.	235
4	29	Estudante de administração de empresas	Sua família, recordações de sua infância, suas atividades e recordações de estudante, sua viagens nos Estados Unidos e Peru.	234
5	26	Engenheiro industrial	Suas recordações da faculdade, seu trabalho atual, situação do país, esportes, sua família.	353
6	34	Engenheiro civil	Recordações dos lugares onde morou, suas viagens, seus estudos, hobbies e trabalhos, sua família.	338
Segunda Geração				
Encuesta	Idade	Profissão	Tema	Extensão (linhas)
11	36/37	Historiador, professor universitário e pesquisador	Seus trabalhos, sua família, suas viagens.	247
12	43	Advogado	Sua vida, seu trabalho atual e os anteriores, suas viagens, seus estudos, leituras, línguas que domina, sua família.	425
13	46	Advogado, funcionário público e professor	Sua família, seu trabalho, suas viagens, o período em que morou na Alemanha, situação política da época no Peru, sua infância.	376
14	45	Historiador e professor universitário	Sua vida, sua infância, suas viagens, sua profissão e trabalho.	391
Terceira Geração				
Encuesta	Idade	Profissão	Tema	Extensão (linhas)
18	70	Escritor, professor universitário de literatura e jornalista	Reflexões sobre as línguas, em especial a espanhola, sua vida, suas viagens, recordações de sua experiência como professor e aluno na faculdade, suas atividades profissionais atuais.	434
19	59	Desempenhou cargos diplomáticos e outras atividades profissionais	Sua vida, suas atividades profissionais passadas e atuais, sua família.	289
20	73	Bibliotecário	Seu trabalho, sua vida profissional, biblioteca, sua família, igualdade feminina, recordações de Lima.	313

³ A identificação do tema dessas entrevistas é de nossa autoria, a partir da leitura dos diálogos.

⁴ Não há informação sobre a duração dessas entrevistas; por esse motivo, para delimitar a extensão das entrevistas, contamos o número de linhas de cada uma delas.

QUADRO 4
Caracterização dos inquéritos- BA

Primeira Geração					
Muestra	Idade	Profissão	Tema⁵	Duração⁶	Extensão (linhas)
I (Encuesta 77)	29	Contador	Experiências universitárias e de trabalho, cinema, futebol, música, amigos, viagens.	36 min.	609
II (Encuesta 78)	35	Advogado	O morador de BA, profissão, música e viagens.	36 min.	395
III (Encuesta 42)	32	Escrivão	O bairro, a vida em BA, a moda.	34 min.	297
Segunda Geração					
Muestra	Idade	Profissão	Tema*	Duração	Extensão (linhas)
VI (Encuesta 122)	49	Médico	Sua profissão, a pesquisa em medicina de forma geral, como se investiga nesse campo.	32 min.	368
VII (Encuesta 29)	39	Diretor/ Televisão	Seu trabalho na televisão, seu tempo livre, BA.	30 min.	296
VIII (Encuesta 47)	41	Contador público	Importação e exportação de gado.	40 min.	527
IX (Encuesta 51)	42	Professor de desenho	Projetos de viagens, vocação, estudos, pintura, geração atual.	42 min.	266
Terceira Geração					
Muestra	Idade	Profissão	Tema*	Duração	Extensão (linhas)
XIII (Encuesta 33)	69	Engenheiro agrônomo	Suas viagens a França, recordações de sua vida de estudante e juventude, recordações da família.	40 min.	497
XIV (Encuesta 54)	62	Psiquiatra	Seu trabalho de psiquiatra, psicanálise, seus estudos atuais de filosofia.	35 min.	359

3.3.2. Tratamento dos dados

Os dados coletados serão classificados e analisados segundo alguns critérios estabelecidos por estudos anteriores, como o de CAMBRAIA (2012, p. 32-51) a respeito do PB e do EM. A adoção dos mesmos critérios permitirá uma comparação efetiva entre os trabalhos.

Apresentamos abaixo as categorias adotadas para análise formal e semântica dos dados, que serão amplamente discutidas e exemplificadas no capítulo 4. Primeiramente os dados foram classificados de acordo com o tipo de uso feito - fórico, truncado ou fático. Para a análise dos fóricos, foram definidos os seguintes critérios de análise:

⁵ O tema dessas entrevistas foi indicado pela própria publicação do projeto NURC.

⁶ Tempo real da entrevista transcrita, ainda que o tempo considerado para efeitos do regulamento do projeto NURC seja inferior a esse.

- a) Forma
- b) Morfossintaxe
 - b.1 Gênero
 - b.2 Número
 - b.3 Classe de palavra
- c) Sintaxe
 - c.1 Tipo de margem
- d) Semântica
 - d.1 Valor referencial
 - d.2 Explicitude do antecedente
 - d.2.1 Anáforas claras: relação formal entre antecedente e fórico
 - Natureza do determinante
 - Natureza do núcleo nominal
 - Natureza do modificador
 - Número do núcleo
 - Relação não-substantiva
 - d.2.2 Anáforas escuras: relação formal entre antecedente e fórico
 - Referente implícito
 - Sintetizador amplificante
 - Sintetizador oracional
- e) Pragmática
 - e.1 Participantes do ato de fala

CAPÍTULO 4

DESCRIBÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1. Caracterização geral dos dados: fóricos, truncados e fáticos

No *corpus* do nosso trabalho foi encontrado o total de 1.478 dados, sendo 741 de LI e 737 de BA.

Inicialmente foram separados os dados que se caracterizaram por ter um uso fático ou truncado, pois esses representam o esforço do falante na elaboração de seu discurso e, por esse motivo, não é possível aplicar a eles os critérios de análise dos demais demonstrativos, chamados neste trabalho de demonstrativos de uso fórico, sendo estes o foco maior da nossa investigação. Entretanto, ao final da análise das ocorrências de uso fórico, será feita uma breve apresentação dos dados de uso fático e truncado.

Foram considerados como fóricos todos aqueles demonstrativos que desempenham função endofórica ou exofórica. No exemplo abaixo o demonstrativo *este* está em função exofórica, pois diz respeito ao tempo presente, e *eso* é endofórico, uma vez que remete a *oficina*, um elemento do discurso:

(47) **Inf.** Bueno, es una idea de oficina. En *este* momento no... no es nada *eso*, ¿no? Directamente no tengo ni un mueble... ni nada. (BA - 19g/19h, itálicos nossos)⁷

O uso do demonstrativo como fático é um uso específico, também conhecido em espanhol como *muletilla*. Ele aparece na forma do demonstrativo masculino de primeira pessoa (*este*) e se caracteriza por sua função de organizador do discurso ou preenchedor de pausas. Segundo COLANTONI (2000) é uma forma não prototípica de uso dos demonstrativos e funciona como um elemento que dá tempo ao falante para regular seu discurso. A autora identificou que esse uso é proveniente de um processo de

⁷ Para referência aos dados usa-se a sigla BA para os dados extraídos do NURC de Buenos Aires (BARRENECHEA, 1987) e a sigla LI para os dados extraídos do NURC de LI (CARAVEDO, 1989). O número que se segue refere-se à página em que aparece cada ocorrência de demonstrativo e a letra que segue ao número à ordem em que os demonstrativos apareceram na página. Para evitar a transcrição de trechos muito longos, escolhemos colocar em alguns casos apenas uma parte da fala do entrevistado em que a expressão demonstrativa apareceu. Nessas situações foram colocadas reticências (...) no início da transcrição do trecho. Nos exemplos transcritos neste trabalho, as falas entre parênteses junto da fala do entrevistado são falas do documentador.

gramaticalização que redundou no deslocamento da sílaba tônica e no alongamento da última sílaba.

- (48) **Inf. A** Está bien que es un poco excep... especial, pero que vive en Flores, tarda una hora para llegar a la escribanía se va a recorrer las galerías, después... *esté* se reúne en el Moderno o en la Comedia o en ¿eh? (BA - 64a, itálico nosso)

As classificações feitas neste trabalho para os demonstrativos fóricos não se aplicam aos fáticos, uma vez que esses desempenham função diferente no discurso. Por esse motivo, foi feita a separação entre fáticos e fóricos.

Também foram consideradas separadamente as ocorrências classificadas como truncadas. São esses os dados que fazem parte de discurso interrompido por algum motivo, como, por exemplo, mudança no rumo do discurso ou hesitação do falante.

- (49) **Inf. A** Bueno, yo extendería la pregunta un poco, encarada a *ese...* a *ese...* sobre ese aspecto, ¿no? (BA - 63a/63b, itálicos nossos)

Apesar de tanto os demonstrativos fáticos como os truncados poderem se caracterizar pela hesitação e interrupção do fluxo de fala do locutor, diferenciá-los é relativamente fácil, uma vez que os fáticos têm uma forma definida. No caso do *corpus* de BA, inclusive, a transcrição do demonstrativo fático foi feita com a acentuação na última sílaba (*esté*), o que facilita sua identificação. Em LI não se fez essa diferenciação no momento da transcrição, porém a relação entre o demonstrativo e o que lhe segue possibilita que não haja dúvidas na interpretação.⁸

Houve alguns dados que tiveram que ser excluídos por sua análise não ser viável⁹. É o caso, por exemplo, daqueles que se referem a um trecho da entrevista que, por ser ininteligível, não se encontra transcrito no *corpus*:

- (50) **Enc.** [.....]
Inf. Bueno, no, estuve bastante alejado también de *eso*; es decir, yo siempre tuve así un poco de temporada. (BA - 24c, itálico nosso)

Também foram separadas as formas que aparecem no discurso do documentador, uma vez que essas não atendem aos requisitos escolhidos para a

⁸ Em LI houve um caso ED F1 masculina singular cuja classificação como fático ou truncamento não foi possível porque o discurso que seguia o demonstrativo foi interrompido. Dessa maneira, o dado não foi considerado na análise.

⁹ Foram considerados como não-analisáveis 9 dados em BA e 4 dados em LI.

formação do *corpus*. Será apresentada a frequência de uso de demonstrativos na fala dos documentadores como evidência de que esses não apresentam o mesmo nível de interação em cada entrevista, o que, de alguma maneira, pode vir a influenciar a fala do informante.

Os dados referentes às ocorrências de demonstrativos cujo uso foi classificado como não-fórico, ou seja, fático e truncado, encontrados no *corpus* de LI e BA serão apresentados de maneira mais detalhada separadamente. Abaixo, porém, apresentamos, desde já, a relação entre os três tipos de dados - fórico, truncado e fático - em cada *corpus* e de forma geral, para que seja possível ter uma ideia da forma como se apresentam.

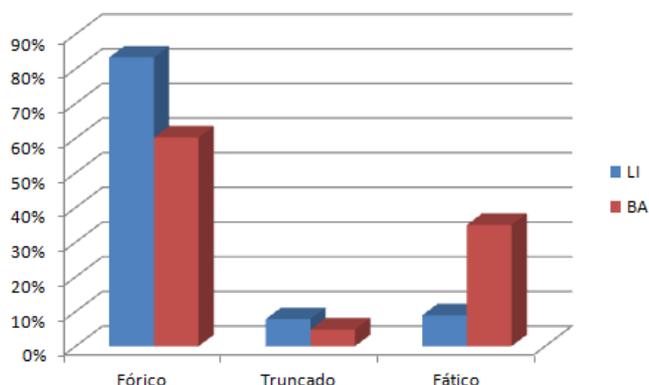
TABELA 1

Frequência por tipo – LI e BA

	Fórico	Truncado	Fático	Total
LI	610 (83,3%)	57 (7,8%)	65 (8,9%)	732 (100%)
BA	438 (60,2%)	35 (4,8%)	255 (35%)	728 (100%)

GRÁFICO 1

Frequência por tipo – LI e BA



Através dessa quantificação, é possível constatar que o uso fórico é o mais frequente nos dois *corpora* e também que, entre os usos fático e truncado, em ambas as localidades, o fático se sobressai. Um aspecto que chama a atenção, porém, é a clara diferença entre LI e BA em relação ao uso dos fáticos: enquanto em LI temos apenas 65 ocorrências, correspondendo a 8,9% do *corpus*, em BA temos 255 ocorrências, o que equivale a 35% do *corpus*. Isso sugere que em BA o demonstrativo – sendo que a forma que se especializou nesse uso é a forma *este* – é mais utilizado com esse objetivo. Outro

aspecto interessante é que o número de ocorrências de formas truncadas em LI é maior proporcionalmente do que em BA, chegando quase a se equivaler ao número de fáticos.

4.2. Fóricos

4.2.1. Forma

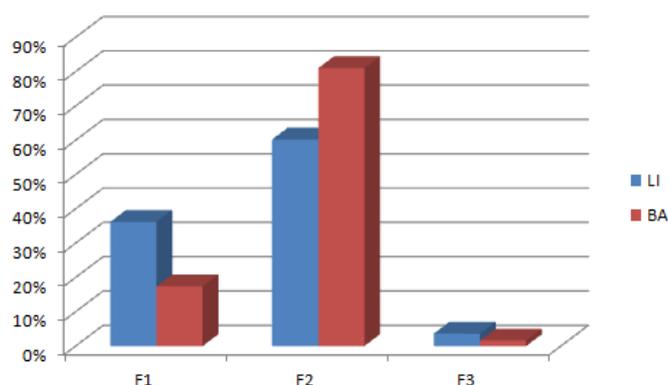
De maneira geral, estamos investigando se os sistemas linguísticos estudados são binários, ternários ou se encontram em fase de mudança. Um sistema passa de ternário a binário através do desaparecimento de uma das suas formas. Sendo assim, o primeiro passo é estabelecer quais são as formas que aparecem nos *corpora* escolhidos.

Colocamos abaixo as tabelas com a quantificação dos dados coletados de acordo com a frequência de cada forma de demonstrativo seguidas das devidas análises.¹⁰ Através dessas tabelas, é possível ter uma noção global de quais formas apareceram em cada *corpus* e sua frequência e hierarquia, sendo já possível estabelecer uma comparação entre eles. Para simplificar a referência às formas, adotamos a seguinte nomenclatura: F1 = *este* e flexões; F2 = *ese* e flexões; e F3 = *aquel* e flexões.

TABELA 2
Frequência por forma- LI e BA

Forma	F1	F2	F3	Total
LI	221 (36,2%)	367 (60,2%)	22 (3,6%)	610 (100%)
BA	75 (17,1%)	356 (81,3%)	7 (1,6%)	438 (100%)

GRÁFICO 2
Frequência por forma - LI e BA



¹⁰ Cabe ressaltar que a forma *ello* não foi computada para análise dos dados. Foram encontradas 5 ocorrências dessa forma em LI e nenhuma ocorrência em BA.

Analisando os dados de cada *corpus*, é possível constatar que em LI a forma mais frequente é F2 e a hierarquia das formas é $F2 > F1 > F3$. Esse mesmo padrão é observado nos dados de BA; porém, chama a atenção a grande predominância de F2 em relação a F1, bem mais acentuada que em LI. A alta representatividade de F2 e a menor representatividade de F1 em BA podem decorrer de diferença de funções presentes no texto (p. ex., mais anáfora que catáfora) ou ainda de diferenças na atribuição de funções por forma, o que deverá ser tratado mais adiante ao se realizar a análise semântica.

Observamos ainda uma ocorrência levemente maior de F3 em LI em relação a BA, apesar de, em ambas as localidades, essa forma ter uma baixa representação. A reduzida presença de F3 em nosso *corpus* é também observada em outros estudos semelhantes a respeito do EM (GONZÁLEZ ÁLVAREZ, 2006; CAMBRAIA, 2009). GONZÁLEZ ÁLVAREZ (2006) encontra para a fala culta do EM, F2 (62,5%) como a forma mais frequente, seguida de F1 (30,6%) e, por sua vez, de F3 (6,9%). É possível constatar que os dados desse autor para o EM se aproximam muito dos dados encontrados em nossa pesquisa, especialmente para LI. CAMBRAIA (2009), também sobre o EM, relata a mesma hierarquia de formas ($F2 > F1 > F3$), porém com relações diferentes entre elas, sendo que F2 corresponde a uma porção ainda maior das ocorrências do *corpus* (82%), seguido de F1 (17%) e de F3 (1%). Teríamos aqui uma grande semelhança com os números encontrados por nós em relação a BA. Uma hipótese para a diferença entre os resultados encontrados por GONZÁLEZ ÁLVAREZ (2006) e CAMBRAIA (2009) é o número de dados com que trabalhou cada um: GONZÁLEZ com 1.876 dados e CAMBRAIA com 136. Através da análise desses estudos e do nosso, é possível pensar que o tipo de *corpus* trabalhado por eles não favorece o uso de F3 pelos informantes ou ainda que essa forma seria realmente menos utilizada em relação às demais. Para entender essa questão, são úteis os resultados encontrados por STRADIOTO (2012), que também trabalhou com o EM, mas com um *corpus* diferente. A autora utilizou um experimento em que o informante deveria apontar para objetos estrategicamente dispostos. Por meio desse experimento, ela privilegiou, assim, o aparecimento do uso exofórico dos demonstrativos, o que não ocorre em um *corpus* como o do projeto NURC, em que o uso é quase que exclusivamente endofórico. Os resultados da autora são também diferentes, chegando ela à hierarquia de $F2 > F3 > F1$, correspondendo F2 a 58,8% das ocorrências, F3 a 30% e F1 a 11,3% (STRADIOTO, 2012, p. 63). Esses dados corroboram a hipótese já

mencionada através de JUNGBLUTH (1998) de que o tipo de *corpus* escolhido, por favorecer determinados tipos de usos dos demonstrativos, é determinante no que diz respeito às formas encontradas nele. A autora ressalta que a escolha do gênero discursivo determina o resultado obtido, o que ela constatou em estudo que teve como *corpus* a literatura de cordel, no qual, contrariando pesquisas anteriores, foi constatada alta frequência de F1.

Mais adiante, através da análise semântica, poderemos recolher novos elementos a esse respeito.

4.2.2. Fatores intra-linguísticos

4.2.2.1. Morfologia

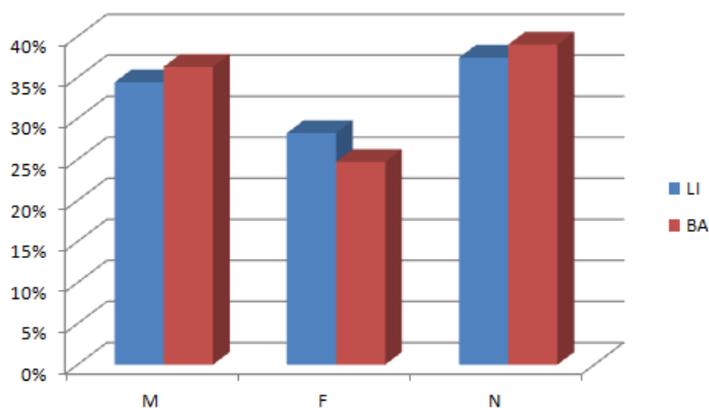
4.2.2.1.1. Gênero

Os demonstrativos do espanhol apresentam flexão em três gêneros: masculino, feminino e neutro. Dessa maneira, foi feita uma classificação dos dados nesses três gêneros. A divisão dos demonstrativos em gênero é importante para a verificação da interferência dessa característica na configuração do sistema.

TABELA 3
Frequência por gênero – LI e BA

	M	F	N	Total
LI	210 (34,4%)	172 (28,2%)	228 (37,4%)	610 (100%)
BA	159 (36,3%)	108 (24,7%)	171 (39%)	438 (100%)

GRÁFICO 3
Frequência por gênero – LI e BA



Analisando o padrão de ocorrência dos gêneros masculino, feminino e neutro nos dois *corpora*, não é possível identificar nada que se sobressaia, uma vez que há certa homogeneidade no número de demonstrativos por gênero e ainda entre os dados de um *corpus* e outro. Considerando todas as formas, temos que o gênero com maior número de ocorrências é o N, sendo a hierarquia $N > M > F$.

Apresentamos agora o cruzamento entre gênero e forma, com o objetivo de avaliar se alguma forma apresenta preferência por um determinado gênero, sendo esse uma variante pertinente na escolha do falante por F1, F2 ou F3.

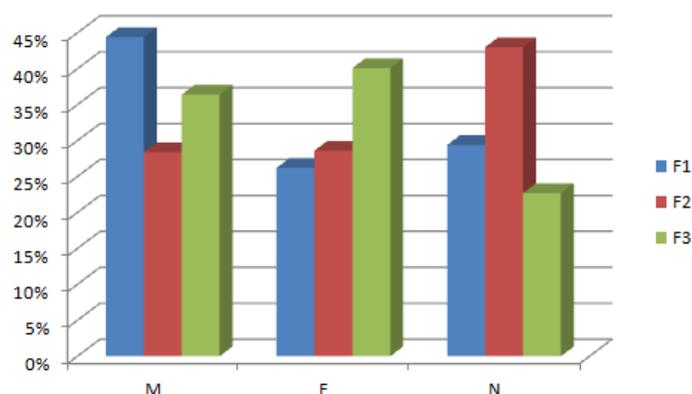
TABELA 4

Frequência por gênero e por forma - LI

	M	F	N	Total
F1	98 (44,4%)	58 (26,2%)	65 (29,4%)	221 (100%)
F2	104 (28,4%)	105 (28,6%)	158 (43%)	367 (100%)
F3	8 (36,4%)	9 (40,1%)	5 (22,7%)	22 (100%)

GRÁFICO 4

Frequência por gênero e por forma - LI

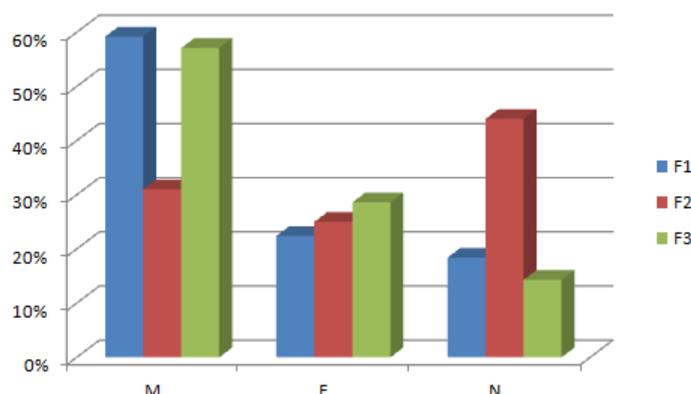


Em F1 de LI temos como gênero predominante o M, sendo a hierarquia encontrada $M > N > F$, apesar de uma grande proximidade entre ocorrências em F e N. Para F2, o gênero mais frequente é o N, sendo a hierarquia, $N > F > M$, sendo possível considerar uma equivalência entre o número de ocorrências de formas em M e F. O fato de N ser consideravelmente mais frequente em F2 provavelmente pode ser explicado pelo uso discursivo que F2 costuma assumir, referindo-se, assim, a um trecho do discurso. Por último, na F3 predomina o F, com a hierarquia de $F > M > N$.

TABELA 5
Frequência por gênero e por forma - BA

	M	F	N	Total
F1	45 (60%)	17 (22,7%)	13 (17,3%)	75 (100%)
F2	110 (30,9%)	89 (25%)	157 (44,1%)	356 (100%)
F3	4 (57,1%)	2 (28,6%)	1 (14,3%)	7 (100%)

GRÁFICO 5
Frequência por gênero e por forma - BA



Em F1 de BA, o gênero M é o mais frequente e a hierarquia é $M > F > N$. Em F2, já temos o N como o mais representado e a hierarquia é $N > M > F$. Em F3, novamente o M é o gênero com mais ocorrências e a hierarquia é $M > F > N$.

4.2.2.1.2. Número

Os demonstrativos do espanhol apresentam como flexão de número *singular* e *plural*, e serão classificados segundo esse critério. A análise desse fator também é importante para o caso de haver alguma influência desse na escolha por parte dos informantes.

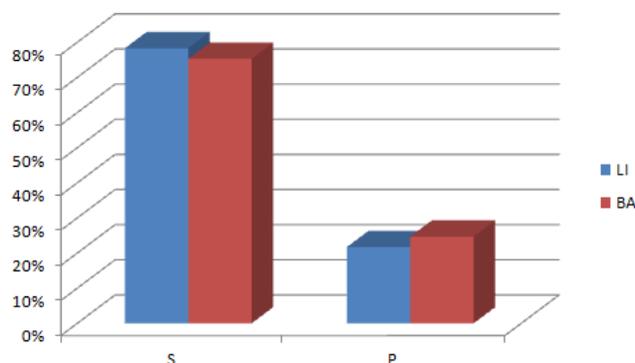
Cabe ressaltar que nesse aspecto ocorre a interferência da categoria *gênero*, uma vez que as formas neutras são invariáveis em número.

A seguir, colocamos os dados encontrados para os dois *corpora*.

TABELA 6
Frequência por número – LI e BA

Número	S	P	Total
LI	299 (78,3%)	83 (21,7%)	382 (100%)
BA	201 (75,3%)	66 (24,7%)	267 (100%)

GRÁFICO 6
Frequência por número – LI e BA

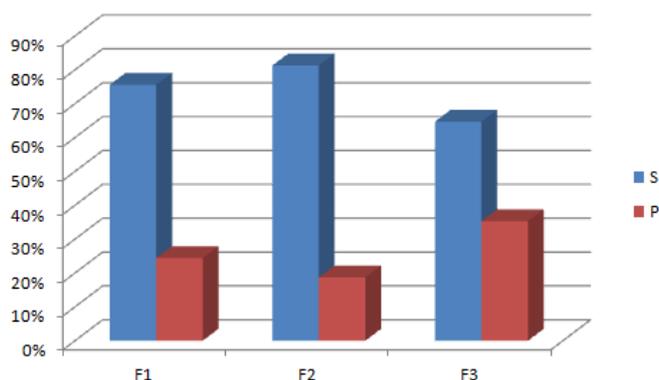


Analisando os dados encontrados para LI e BA, é possível observar a predominância das formas em singular em ambas as localidades e uma homogeneidade entre os dados, o que sugere uma neutralidade em relação a influência do fator número.

TABELA 7
Frequência por número e por forma - LI

	S	P	Total
F1	118 (75,6%)	38 (24,4%)	156 (100%)
F2	170 (81,3%)	39 (18,7%)	209 (100%)
F3	11 (64,7%)	6 (35,3%)	17 (100%)

GRÁFICO 7
Frequência por número e por forma - LI



Na análise de todas as formas para LI, prevalece o singular com grande diferença em relação ao plural, o que coincide com os dados gerais do *corpus*.

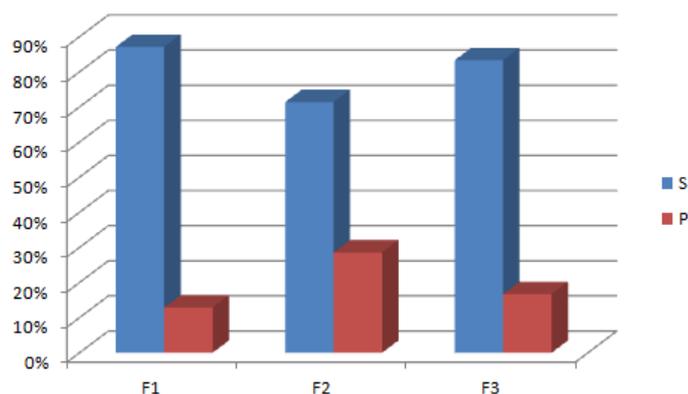
TABELA 8

Frequência por número e por forma - BA

	S	P	Total
F1	54 (87,1%)	8 (12,9%)	62 (100%)
F2	142 (71,4%)	57 (28,6%)	199 (100%)
F3	5 (83,3%)	1 (16,7%)	6 (100%)

GRÁFICO 8

Frequência por número e por forma - BA



Também em BA, o singular é predominante em todas as formas.

Através das análises feitas, constata-se que o número não é um fator relevante para a escolha da forma do demonstrativo, tendo sido observado um padrão no estudo feito sobre cada *corpus* de maneira separada e na comparação entre os dois.

4.2.2.1.3. Classe de palavra

Os demonstrativos podem ocorrer como adjetivos (determinantes, acompanhando um nome e, assim, ocupando a margem do SN) ou como pronomes (substituindo nomes e, assim, ocupando o núcleo do SN). Entretanto, cabe recordar que as formas do neutro, no espanhol, ocorrem apenas como pronome.

Segundo MARINE (2004) e PEREIRA (2005), em estudos sobre o português brasileiro, F1 apresentou mais resistência frente à concorrência com F2 quando ocorria como pronome. Por esse motivo, faz-se importante a inclusão desse aspecto, sendo os dados classificados como *adjetivo* ou *pronome*. Abaixo colocamos um exemplo do nosso *corpus* para o demonstrativo em função de adjetivo (51) e outro em função de pronome (52).

(51) **Inf.** Sí, estaba extendido y tengo entendido de que... de vez en cuando e... *este problema* e... vuelve a surgir entonces cierra la frontera atoo lo ques alimentos, en especial fruta porque parece que ataca má a la fruta. (LI - 58c, itálico nosso)

(52) **Inf.** Bueno es muy bonito, ¿no? Es *este* un paisaje, bueno, serrano, e... (LI - 29a, itálico nosso)

Uma dúvida surgida durante a classificação foi a de considerar como adjetivo ou pronome os casos em que o demonstrativo vem acompanhado de um adjetivo. Nesses casos, foi feita a opção por classificar o demonstrativo como adjetivo, uma vez que esse foi o critério adotado em outras pesquisas sobre demonstrativos que serviram como referência para esta - por exemplo, CAMBRAIA (2012).

(53) **Inf.** (...) fuimos a visitar pes a los de allá, a conectarlos, a formarlos, (ah *tus viajes* son así de índole, política) no, *éstos últimos que tenido* (LI - 47d, itálicos nossos)

Como será visto mais adiante, essa categoria - classe de palavra - foi retomada na análise semântica, uma vez que se tornou pertinente para tal análise e é recorrente nos estudos da área.

Apresentamos abaixo os resultados encontrados para a relação de frequência de adjetivos e pronomes em cada *corpus*.

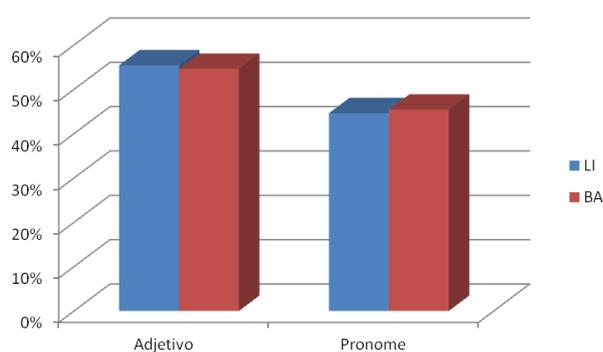
TABELA 9

Frequência por classe de palavra - LI e BA

	Adjetivo	Pronome	Total
LI	337 (55,2%)	273 (44,8%)	610 (100%)
BA	239 (54,6%)	199 (45,4%)	438 (100%)

GRÁFICO 9

Frequência por classe de palavra- LI e BA



Nos dados acima chama a atenção a homogeneidade entre LI e BA, apresentando ambos uma frequência muito semelhante na quantificação dos adjetivos e pronomes. Também se destaca a distribuição homogênea entre adjetivos e pronomes em cada *corpus*, ocorrendo apenas uma leve predominância dos adjetivos.

Apresentamos agora a relação entre classe de palavra por forma em cada *corpus* com o objetivo de observar se há uma preferência de forma por classe de palavra.

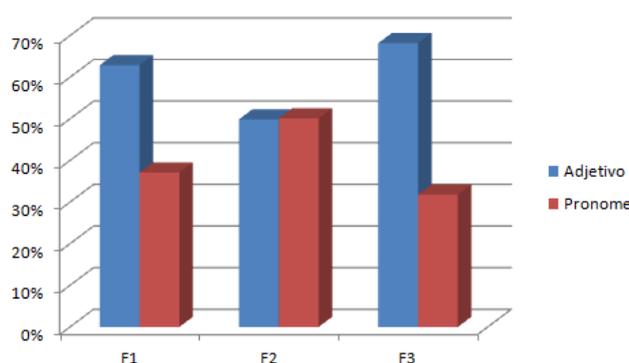
TABELA 10

Frequência de classe de palavra por forma - LI

	Adjetivo	Pronome	Total
F1	139 (62,9%)	82 (37,1%)	221 (100%)
F2	183 (49,9%)	184 (50,1%)	367 (100%)
F3	15 (68,2%)	7 (31,8%)	22 (100%)

GRÁFICO 10

Frequência de classe de palavra por forma - LI



A partir da tabela e gráfico acima, observamos a predominância de adjetivos em F1 e F3, enquanto em F2 podemos considerar a equivalência entre a ocorrência de adjetivos e pronomes. A diferença nos dados de F2 em relação aos demais deverá ser avaliada posteriormente junto à análise semântica, buscando uma correlação entre a função do demonstrativo no discurso e a opção pela forma de F2 em posição de pronome.

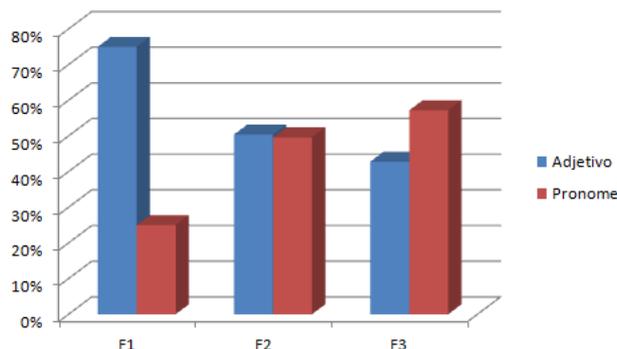
TABELA 11

Frequência de classe de palavra por forma - BA

	Adjetivo	Pronome	Total
F1	57 (76%)	18 (24%)	75 (100%)
F2	179 (50,3%)	177 (49,7%)	356 (100%)
F3	3 (42,8%)	4 (57,2%)	7 (100%)

GRÁFICO 11

Frequência de classe de palavra por forma - BA



Em BA, temos para a F1 a prevalência de demonstrativos como adjetivos, em F2 a equivalência entre a quantidade de adjetivos e pronomes e em F3 a superioridade do número de pronomes. Esses dados nos levam a pensar, da mesma forma que em LI, em alguma especialização do uso de F2 como pronome, o que levaria à elevação desse tipo de dado. Com relação à maior frequência de pronomes em F3, ressaltamos a peculiaridade desses dados, sendo praticamente todos de um único falante (como se verá mais adiante, na seção em que os dados serão considerados por falante).

4.2.2.3. Sintaxe

4.2.2.3.1. Tipo de margem

Em espanhol, os demonstrativos que têm função adjetiva podem aparecer antepostos (exemplo 54) ou pospostos (exemplo 55) ao núcleo da expressão demonstrativa.

(54) **Inf.** (...) es *un colegio*, uno de los más antiguos, creo, en el Callao, y eh... todo mis hermano han estudiado ahí, debio a que i... padre tenía... es exalumno de *ese colegio*, y tenía amigos, y él quería que nosotros tuviéramos su educación, creo. (LI - 66a, itálicos nossos)

(55) **Inf.** Bonitoés muy bonitoe Ayacucho, un poco aburrido, ¿ah? (¿sí?) sí un poco aburrido, las mujeres feas; pero nosotros nosacíamos pasar por, este... ingenieros de minas,... u, un gordo amigo mío, *el gordo Pepe... Pepe este que viven la Brasil...* (LI - 46f, itálicos nossos)

RAMALHO (2012), em trabalho sobre a posposição do demonstrativo, afirma que as gramáticas tradicionais documentam esse tipo de estrutura como tendo um *valor*

afetivo, em especial de conteúdos depreciativos ou irônicos, normalmente em relação a pessoas, mas podendo também significar apenas um realce emotivo. Em seu estudo, o autor chega à conclusão que a posposição dos demonstrativos é um tipo de estrutura marcada em relação à anteposição, uma vez que são menos frequentes e apresentam uma ordenação incomum para os determinantes. Ele também apresenta que há dois tipos de posposição no espanhol, a articulada e a não-articulada, sendo a primeira a que, junto do substantivo, vem acompanhado um artigo determinado e a segunda não. As duas estruturas teriam usos diferenciados, sendo a articulada para expressar retomada de referente em distância média ou grande e, conseqüentemente, com baixo grau de acessibilidade, enquanto a não-articulada seria usada para expressar retomada de referente com distância pequena e, conseqüentemente, com alto grau de acessibilidade. Dessa maneira, esses tipos de estruturas serviriam para checar a recuperabilidade do referente por parte do interlocutor. No entanto, não entraremos nesse tipo de investigação, pois ultrapassa nosso objetivo.

Apresentamos abaixo os dados de acordo com o tipo de margem por forma.

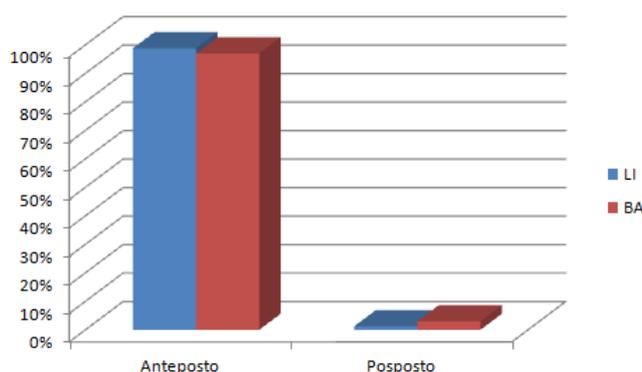
TABELA 12

Frequência por tipo de margem - LI e BA

	Anteposto	Posposto	Total
LI	333 (98,8%)	4 (1,2%)	337 (100%)
BA	232 (97%)	7 (3%)	239 (100%)

GRÁFICO 12

Frequência por tipo de margem - LI e BA



Os dados encontrados confirmam as informações extraídas de RAMALHO (2012) a respeito da baixa frequência da posposição do demonstrativo.

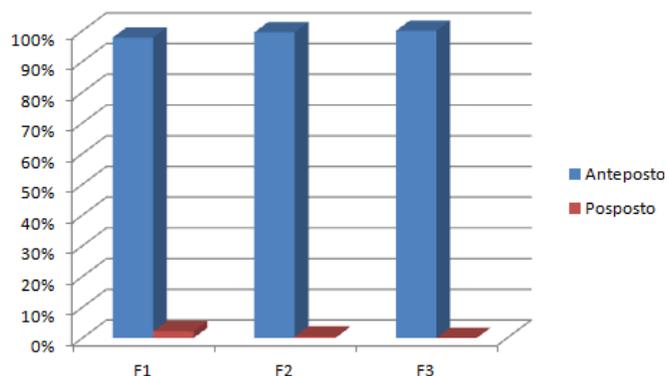
TABELA 13

Frequência por tipo de margem e por forma – LI

	Anteposto	Posposto	Total
F1	136 (97,8%)	3 (2,2%)	139 (100%)
F2	182 (99,5%)	1 (0,5%)	183 (100%)
F3	15 (100%)	0 (0%)	15 (100%)

GRÁFICO 13

Frequência por tipo de margem e por forma – LI



Em LI temos a posposição acontecendo com F1 e F2, ainda que em baixíssima quantidade em relação à anteposição, mas nenhuma ocorrência com F3. No entanto, como o *corpus* apresenta baixa frequência de F3 não é possível afirmar sobre a impossibilidade de que isso ocorra.

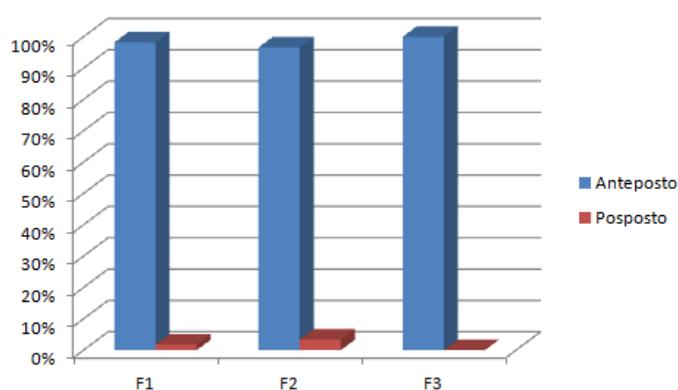
TABELA 14

Frequência por tipo de margem e por forma – BA

	Anteposto	Posposto	Total
F1	56 (98,2%)	1 (1,8%)	57 (100%)
F2	173 (96,6%)	6 (3,4%)	179 (100%)
F3	3 (100%)	0 (0%)	3 (100%)

GRÁFICO 14

Frequência por tipo de margem e por forma – BA



O mesmo padrão de LI é observado em BA, podendo ser extraídas as mesmas conclusões.

4.2.2.4. Semântica

Apresentamos abaixo cada uma das categorias utilizadas em nossa classificação, seguidas de explicações, exemplos e análise dos dados encontrados. Dentre as muitas classificações existentes, algumas já apresentadas em capítulos anteriores, partimos da classificação formulada por GONZÁLEZ ÁLVAREZ (2006), uma classificação bem detalhada, com o objetivo de conseguir estabelecer a comparação dos resultados entre nossos trabalhos. Chegamos às categorias a seguir, que foram utilizadas em nossa análise semântica, e que serão agora apresentadas e analisadas de acordo com os dados de nosso *corpus*.

4.2.2.4.1. Valor referencial

Os demonstrativos exercem dois tipos de função referencial basicamente: *exofórica*, remetendo a um elemento fora do universo discursivo-textual, exemplo 56 a seguir, e *endofórica*, remetendo a um elemento do universo discursivo-textual, exemplo 57. Em estudos já realizados no português brasileiro, ficou clara uma participação determinante desse critério na escolha dos demonstrativos a serem usados. No entanto, pelo tipo de material analisado neste trabalho, é sabido que encontraremos mais ocorrências de demonstrativos em função endofórica que exofórica (BENÍTEZ ROSETE, 2011, p. 74-75 e PAVANI, 1987, p.52). Além disso, há alguns casos considerados como endo-exófora, que são aqueles em que o entrevistado apresenta o discurso de outra pessoa e nesse há a presença de um exofórico que é compreendido a partir do que o próprio entrevistado disse anteriormente. No exemplo apresentado (58), o entrevistado está relatando uma vez em que presenciou uma briga de namorados quando fazia uma viagem ao exterior e repete a fala do namorado para a namorada tendo antes explicado a situação ao documentador. Houve um caso em LI em que o uso de demonstrativos foi considerado indefinido. Demonstrativos com valor indefinido são aqueles utilizados sem que se faça remissão a um referente específico, ocorrendo geralmente no gênero neutro com o par *esto* opondo-se a *aquello*. No *corpus*, a única

ocorrência, exemplo 59, no entanto, apesar de estar no neutro, não vem acompanhada do segundo elemento do par. Na parte precedente ao trecho do exemplo, há referência aos estudos de células mais diferenciadas e menos diferenciadas e o informante tenta então defender a tese de que esses estudos só foram possíveis em função dos estudos prévios. Quando o informante usa a expressão “esa idea de de buscar eso”, refere-se à ideia de investigar qualquer coisa que seja.

- (56) **Inf.** (...) yo creo questamos muy bien ¿ah?. yo creo que vamos a ganar *estas elecciones* con... amplio margen (LI 49a, itálico nosso)
- (57) **Inf.** Pero queda ya cerca al *valle de la Convención* (ya), tú no *conocesazona*, ¿no? (LI - 44h, itálicos nossos)
- (58) **Inf.** (...) Y les escuchaba todo y ello creían que no entendía nadie, pero es escuchaba, y hablaba uno de... parece que la novia quería romper la boda, y él... él la reprochaba y le decía... Grancina tal cosa yahora *esto* y que tengo la casa recién fraguada. (LI - 241a, itálico nosso)
- (59) **Inf.** (...) Siempre todas estas investigaciones inclusive la de Ochoa ... eh... por supuesto, está basada en en miles de otras investigaciones previas... eh ... que han permitido que él tuviera esa idea, que le sugieran esa idea; él no la puede sacar de la nada esa idea sino que tiene que haber suge... algo tiene que haber sugerido esa idea de de buscar *eso* (BA – 103g, itálico nosso)

TABELA 15a

Frequência por valor referencial (geral) - LI e BA

	Endófora	Exófora	Endo-exófora	Indefinido	Total
LI	572 (93,7%)	33 (5,5%)	4 (0,6%)	1(0,2%)	610
BA	405 (92,5%)	28 (6,4%)	5 (1,1%)	0 (0%)	438

De acordo com os números acima, vemos confirmar-se a hipótese de que o número de dados de endófora seria muito superior aos demais em ambos os *corpora*. Ao mesmo tempo, vemos uma grande semelhança na distribuição dos dados de LI e BA.

Detalhamos melhor, a seguir, as categorias anteriormente explicitadas de endófora, exófora e endo-exófora:

(a) **Endófora**(a1) **Anáfora**

São considerados anafóricas em nosso trabalho as EDs que retomam uma informação discurso já mencionada. No caso do exemplo abaixo temos que a expressão *esa zona* retoma a expressão *valle de la Convención*.

(60) **Inf.** Pero queda ya cerca al *valle de la Convención* (ya), tú no conoces *azona*, ¿no? (LI - 44h, itálicos nossos)

(a2) **Catáfora**

São catafóricas as EDs que se referem a uma informação do universo linguístico ainda a ser mencionado. O falante faz uma referência catafórica quando utiliza o elemento dêitico no discurso que somente será esclarecido posteriormente no discurso, é assim uma antecipação da referência. Na bibliografia sobre o assunto temos dois tipos de catáfora normalmente considerados, a não-estrutural e a estrutural.

(a2.1) **Catáfora não-estrutural**

É a catáfora em que o referente se encontra em uma frase explicativa ou aposto.

(61) **Inf.** (...) era muy interesante, ver *esto*, *cómo eran distintas ambas sociedades*, y espero que el Perú no siga pues los pasos de Chile ¿no? finalmente. (LI - 162a, itálicos nossos)

(a2.2) **Catáfora estrutural**

É a catáfora que apresenta o referente em uma expressão adnominal.

(62) **Inf.** Sí... e... seha conservao, lo importante es que seha conservao, a pesar de de incluir material noble, la traición siempre las paredes de blanco y los techos rojos, de calamina y... *eso sí ya no son las calles angostas como antes ahora son anchas* incluso una novedá que tienen alcantarillado que pocas suidades de la sierra lo tienen, o sea seha tratao de introducir lo moderno, pero siempre conservando lo típico lo tradicional. (LI - 54e, itálico nosso)

(a3) Ana-catáfora

Considerou-se como ana-catáfora as EDs que tinham parte do seu referente em trecho anterior do discurso e parte em trecho posterior. Nesses casos, a classificação feita aos dados ficava restrita uma vez que há que considerar dois referentes e não um só como na maioria dos casos de endófora. No exemplo abaixo temos a menção a Asia antes da ED e depois da ED. Cabe ressaltar que neste exemplo há uma coincidência entre referentes, porém, não é sempre assim.

(63) **Inf.** como *Asia* ques un pueblo que me dijeron un compañero me dijo de que... antes que se fundara el N.N. ya toos eran ahí, *el pueblo este Asia* que... debes haber pasado por ahí (unas playas) playa Asia (Asia, claro) allí hay un pueblo... (LI 47i, itálicos nossos)

(b) Exófora

Foram considerados como exofóricos todos os demonstrativos que faziam referência a algo presente no universo extralinguístico. A maioria desses dados pôde ainda ser subdividida em exofóricos temporais, fazendo referência ao tempo - presente, passado e futuro - ou espaciais, referindo-se a algum lugar. Em alguns casos, porém, o dado não se encaixou em nenhuma dessas subdivisões sendo categorizado apenas como exofórico (exemplo 56). A ED *estas elecciones* foi classificada como exofórica, pois se refere a um aspecto do universo extra-linguístico, mas não se encaixa perfeitamente nem como um exofórico temporal ou espacial.

(b1) Exófora temporal

Abaixo temos o exemplo de *este año* como o ano presente, uma referência a um momento específico, sendo uma informação que se encontra fora do discurso.

(64) **Inf.** Sí, bueno, *este año* yo creo que ya las inversiones desde, de los industriales priváos ya no... no se van a cristalizar. Pero el próximo año, pienso de que... las cosas tienen que cambiar. (LI 79h, itálico nosso)

(b2) Exófora espacial

No trecho a seguir, a expressão este local se refere ao local em que a entrevista está acontecendo, por isso a classificação da ED como exofórica espacial.

(65) **Inf.** Yo desde antes ya estaba pensando en derecho, después vinimos a *este local* a derecho, y después con el terremoto tuvimos que irnos a Pando, porque este se quedó quedó muy mal, pes *este local*, ¿no? (LI 39a/ 39c) (itálicos nossos)

Na tabela e gráfico abaixo, apresentamos a frequência com que cada uma das classificações de valor referencial aparece em cada *corpus* - LI e BA - seguida de uma análise mais qualitativa.¹¹

TABELA 15b
Frequência por valor referencial - LI e BA

	Endófora			Exófora	Endo-exófora	Indefinido	Total
	Anáfora	Catáfora	Ana-catáfora				
LI	537 (88,1%)	28 (4,5%)	7 (1,1%)	33 (5,4%)	4 (0,7%)	1 (0,2%)	610 (100%)
BA	385 (87,9%)	16 (3,7%)	4 (0,9%)	28 (6,4%)	5 (1,1%)	0 (0%)	438 (100%)

Os resultados para LI e BA são bastante próximos em todas as categorias, sendo constatada uma grande homogeneidade entre eles em relação ao valor referencial. Como esperado, temos o maior número de dados referente a anáforas, o que pode ser, em parte, explicado pelo tipo de *corpus* utilizado, pelo menos no que diz respeito ao baixo número de exóforas encontrado. No caso de catáforas e ana-catáforas, é provável que sejam estratégias realmente menos utilizadas pelos falantes e, por isso, pouco representadas em nosso *corpus*. Em relação à endo-exófora, trata-se de uma situação muito específica do uso de EDs e daí sua baixa representatividade.

Vamos apresentar agora a frequência em que as categorias de valor referencial apareceram em cada um dos *corpora* separadamente de acordo com a forma (F1, F2 e

¹¹ Houve um dado de BA que foi classificado e quantificado na análise de caráter morfológico, mas não foi considerado na análise semântica, uma vez que se tratava de um uso gramaticalizado da ED, o que impede que esse tipo de análise seja feita da forma como a encaminhamos neste trabalho.

F3). Dessa maneira, podemos identificar se há a associação entre a escolha da forma e o valor referencial que a ED cumpre no discurso.

TABELA 16a
Frequência por valor referencial e por forma- LI

	Endófora			Exófora	Endo-exófora	Indefinido	Total
	Anáfora	Catáfora	Ana-catáfora				
F1	165 (74,6%)	15(6,8%)	3 (1,4%)	33 (14,9%)	4 (1,8%)	1 (0,5%)	221 (100%)
F2	351 (95,6%)	12 (3,3%)	4 (1,1%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	367 (100%)
F3	21 (95,5%)	1 (4,5%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	22 (100%)

TABELA 16b
Frequência por valor referencial e por forma- LI

	Endófora			Exófora	Endo-exófora	Indefinido
	Anáfora	Catáfora	Ana-catáfora			
F1	165 (30,7%)	15(53,6%)	3 (42,9%)	33 (100%)	4 (100%)	1 (%)
F2	351 (65,4%)	12 (42,9%)	4 (57,1%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
F3	21 (3,9%)	1 (3,5%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Total	537 (100%)	28 (100%)	7 (100%)	33 (100%)	4 (100%)	1 (100%)

Nos dados da tabela 16a, cujo foco está em verificar a distribuição das formas de acordo com o valor referencial, alguns aspectos chamam a atenção. Com relação a F1, encontramos a hierarquia anáfora > exófora > catáfora > endo-exófora > ana-catáfora, com uma grande prevalência do número de anáforas. Entretanto, se destaca um número considerável de exóforas e, especialmente, o fato de que só há exóforas em F1. Cabe refletir que, no *corpus*, a maior parte dos usos exofóricos são espaciais, referindo-se ao lugar em que os interlocutores se encontram, e temporais, dizendo respeito ao tempo presente. Para F2 temos a hierarquia anáfora > catáfora > ana-catáfora, sendo que não temos nenhuma ocorrência de exófora e endo-exófora e uma grande prevalência de anáforas. Em F3, temos quase 100% dos dados de anáforas, havendo apenas uma catáfora.

Na tabela 16b, o objetivo é verificar de que forma as formas se distribuem em cada categoria de valor referencial. Nesse sentido, destaca-se a predominância de F2 nas anáforas, um equilíbrio entre F1 e F2 nas catáforas e ana-catáforas e a prevalência total de F1 para as exóforas e endo-exóforas.

TABELA 17a

Frequência por valor referencial e por forma- BA

	Endófora			Exófora	Endo-exófora	Total
	Anáfora	Catáfora	Ana-catáfora			
F1	37 (49,3%)	5 (6,7%)	1 (1,3%)	27 (36%)	5 (6,7%)	75 (100%)
F2	342 (96,1%)	10 (2,8%)	3 (0,8%)	1 (0,3%)	0 (0%)	356 (100%)
F3	6 (85,7%)	1 (14,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	7 (100%)

TABELA 17b

Frequência por valor referencial e por forma- BA

	Endófora			Exófora	Endo-exófora
	Anáfora	Catáfora	Ana-catáfora		
F1	37 (9,6%)	5 (31,3%)	1 (25%)	27 (96,4%)	5 (100%)
F2	342 (88,9%)	10 (62,5%)	3 (75%)	1 (3,6%)	0 (0%)
F3	6 (1,5%)	1 (6,2%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Total	385 (100%)	16 (100%)	4 (100%)	28 (100%)	5 (100%)

Em BA, na tabela 17a, temos a seguinte hierarquia para F1: anáfora > exófora > catáfora = endo-exófora > ana-catáfora. Vemos, assim, uma semelhança aos resultados encontrados para LI, porém tendo a frequência de exófora ainda mais considerável. Em F2, a hierarquia encontrada é de anáfora > catáfora > ana-catáfora > exófora, não havendo nenhum caso de endo-exófora. Em F3, temos anáfora > catáfora, sendo que as demais categorias não aparecem.

Algo que chama a atenção por sair do padrão encontrado tanto em BA como em LI é o caso de exófora em F2, uma vez que todos os demais são de F1. Por se tratar de um caso anômalo, registramos abaixo a ocorrência. No exemplo, a expressão temporal parece fazer referência ao tempo presente pela lógica do discurso anterior e também porque nesse não há outra expressão de tempo que possa ser considerada como referente.

- (66) **Inf.** ...y Buenos Aires recibe siempre--- el impacto... eh extranjero... extranjero... mucho antes que el resto de la república, por ejemplo. Es decir, *en ese momento* todo el mundo se preocupa mucho por más por ve... vestirse bien... (BA - 62a, itálico nosso)

Na tabela 17b, destaca-se a prevalência de F2 para quase todas as categorias com exceção das exóforas e endo-exóforas. Isso nos leva a pensar que em BA o uso de F2 é ainda mais amplo do que em LI, o que pode, talvez, ser a causa para o caso de exófora com F2.

4.2.2.4.1.1. Explicitude do referente

Foram estabelecidas duas categorias com relação ao grau de explicitude do referente: *claro e escuro*.

As construções claras são aquelas em que o referente é facilmente identificável no discurso, sendo um SN, como no exemplo abaixo.

(67) **Inf.** (...) "Voy a mostrarle unas manchas... voy a mostrarle una serie de *láminas*. En *esas láminas* la gente ve distintas cosas. (BA - 222a, itálicos nossos)

As endóforas escuras, por sua vez, têm um referente pouco claro e de difícil identificação. Normalmente, o referente é uma ideia de um fragmento discursivo mais ou menos específico ou em distintos pontos do discurso, daí a relação de coesão textual ser escura. São esses os casos dos sintetizadores, que podem se dar por meio de demonstrativos neutros ou por meio de EDs com sintetizadores nominais, tais como *en ese sentido*, *de esa forma*, etc. Há também os casos em que o falante faz referência a algo que não é dito explicitamente no discurso, mas que é desencadeado por ele, podendo, assim, ser compreendido pelo interlocutor (GONZÁLEZ ÁLVAREZ, 2006, p. 49). Colocamos abaixo um exemplo de endófora escura, sendo que cada tipo será posteriormente abordado e exemplificado. Cabe ressaltar que nas endóforas escuras há referentes mais ou menos difíceis de serem identificados e delimitados, sendo o exemplo apresentado neste momento um trecho em que é relativamente fácil estabelecer a relação entre ED e referente.

(68) **Inf.** (...)¿*En qué consiste el Roscharch?* Yo después le voy a dar un pequeño trabajo mío sobre *eso*. (BA - 223a, itálicos nossos)

A princípio, a utilização desse critério trouxe muitas dificuldades, pois ao considerar como claros os referentes facilmente identificáveis e compreensíveis no discurso e como escuros aqueles que não eram evidentes e que exigiam maior esforço para a nossa compreensão, nos deparamos com um critério subjetivo e impreciso, especialmente nos casos dos sintetizadores. GONZÁLEZ ÁLVAREZ (2006), por exemplo, classificou como escuros todos os casos de sintetizadores, o que inicialmente, não fizemos. Ao final, optamos por considerar como claros os referentes que retomam

sintagma nominal e escuros os que retomam orações. No caso dos sintetizadores de trechos mais longos, a questão de classificar o referente é ainda mais complicada pela dificuldade de se definir a extensão exata do referente. Parte dessa dificuldade se deve ao fato de que, apesar de em alguns casos conseguirmos achar no discurso um trecho que poderia ser considerado como referente, esse trecho, por sua vez, para ser compreendido, dependia do que havia sido dito anteriormente. Observamos que em alguns casos a demarcação do referente se tornava aparentemente mais fácil, porque o documentador ou mesmo o informante faziam em um determinado momento uma síntese do que tinha sido dito e, então, a expressão demonstrativa, se relacionava a essa primeira síntese. No entanto, considerando o discurso como nossa unidade de análise, o antecedente, então, não poderia ser considerado apenas essa primeira síntese, mas sim todo o trecho do discurso que tratou do assunto em questão.

Considerando que a maioria absoluta das ocorrências de demonstrativos se deu na categoria de anáfora (94% para LI e 92,4% para BA), restringiremos nossa análise da explicitude do referente a essa categoria.

TABELA 18

Frequência de anáfora por explicitude do referente - LI e BA

	Clara	Escura	Total
LI	204 (38%)	333 (62%)	537 (100%)
BA	135 (35%)	250 (65%)	385 (100%)

Tanto em LI como em BA temos a maior ocorrência de anáforas escuras, sendo a porcentagem de escuras e claras muito semelhante nos dois *corpora*. Isso nos leva a concluir que o uso de anáforas em que o referente não é facilmente delimitável é mais comum do que o uso de anáforas com um referente nominal específico e delimitável.

Uma análise mais detida dos dados evidenciou que existe uma relação relevante entre o grau de explicitude e a classe de palavra (adjetivo ou pronome). Apresentamos a seguir a relação entre o número de anáforas claras e escuras de cada *corpus*, já separando os casos em que o demonstrativo é adjetivo ou pronome, visto que esse é um aspecto reconhecidamente importante.

TABELA 19

Frequência de anáfora por explicitude do referente e por classe de palavra - LI e BA

	Adjetival		Pronominal		Total
	Clara	Escura	Clara	Escura	
LI	149 (27,7%)	143 (26,7%)	55 (10,2%)	190 (35,4%)	537 (100%)
BA	103 (26,8%)	102 (26,5%)	32 (8,2%)	148 (38,5%)	385 (100%)

Na tabela apresentada acima fica evidente a grande homogeneidade entre o encontrado em LI e BA. Para LI, temos a hierarquia pronominal escura > adjetival clara > adjetival escura > pronominal clara. Em BA, encontramos pronominal escura > adjetival escura > adjetival clara > pronominal clara, mas podendo ser considerada uma equivalência entre os dados de adjetivais escuras e claras, assim como em LI. Já com relação às pronominais, observamos uma prevalência considerável das escuras sobre as claras. Também é considerável a maior frequência de pronominais escuras em relação aos demais tipos de anáforas. Para entender esse grande número de ocorrências, mais adiante deveremos relacionar esse dado com o restante da análise semântica.

Nossa próxima análise será o cruzamento entre os tipos de anáfora - adjetival ou pronominal, explicitude do referente - clara ou escura - e forma - F1, F2 ou F3, com o objetivo de encontrar se há uma relação entre essas variantes.

TABELA 20a

Frequência de anáfora por explicitude do referente, por classe de palavra e por forma - LI

	Adjetival		Pronominal		Total
	Clara	Escura	Clara	Escura	
F1	59 (35,8%)	41 (24,8%)	21 (12,7%)	44 (26,7%)	165 (100%)
F2	84 (23,9%)	92 (26,2%)	34 (9,7%)	141 (40,2%)	351 (100%)
F3	6 (28,6%)	10 (47,6%)	0 (0%)	5 (23,8%)	21 (100%)

TABELA 20b

Frequência de anáfora por explicitude do referente, por classe de palavra e por forma - LI

	Adjetival		Pronominal	
	Clara	Escura	Clara	Escura
F1	59 (39,6%)	41 (28,7%)	21 (38,2%)	44 (23,2%)
F2	84 (56,4%)	92 (64,3%)	34 (61,8%)	141 (74,2%)
F3	6 (4%)	10 (7%)	0 (0%)	5 (2,6%)
Total	149 (100%)	143 (100%)	55 (100%)	190 (100%)

Na tabela 20a, para F1 de LI, chegamos à hierarquia adjetival clara > pronominal escura > adjetival escura > pronominal clara. Nesse dado se destaca o fato de o tipo mais frequente de anáfora ser a adjetival clara e não a pronominal escura, como no

quadro global encontrado para LI. Em F2, temos pronominal escura > adjetival escura > adjetival clara > pronominal clara. Aqui sim temos uma grande predominância das pronominais escuras, o que deve ser melhor explicado no decorrer da análise semântica. Com relação a F3, temos adjetival escura > adjetival clara > pronominal escura > pronominal clara. Dessa maneira, observamos que novamente o tipo de anáfora mais comum não é o de pronominal escura e que esse, apesar de frequente também em F1 e F3 é mais utilizado em F2. Sua predominância nos dados globais do *corpus* de LI se deve, então, ao fato de o maior número de EDs ser de F2.

Na tabela 20b, chama a atenção o fato de F2 ser mais frequente em todas as categorias, o que vem de encontro com o dado de que nos dados de anáforas prevalece F2. Cabe ressaltar que nas anáforas escuras a diferença entre F2 e as demais formas é ainda mais acentuada do que nas anáforas claras.

TABELA 21a

Frequência de anáfora por explicitude do referente, por classe de palavra e por forma – BA

	Adjetival		Pronominal		Total
	Clara	Escura	Clara	Escura	
F1	10 (27,1%)	15 (40,5%)	5 (13,5%)	7 (18,9%)	37 (100%)
F2	93 (27,2%)	84 (24,6%)	24 (7%)	141 (41,2%)	342 (100%)
F3	0 (0%)	3 (50%)	3 (50%)	0 (0%)	6 (100%)

TABELA 21b

Frequência de anáfora por explicitude do referente, por classe de palavra e por forma – BA

	Adjetival		Pronominal	
	Clara	Escura	Clara	Escura
F1	10 (9,7%)	15 (14,7%)	5 (15,6%)	7 (4,7%)
F2	93 (90,3%)	84 (82,4%)	24 (75%)	141 (95,3%)
F3	0 (0%)	3 (2,9%)	3 (9,4%)	0 (0%)
Total	103 (100%)	102 (100%)	32 (100%)	148 (100%)

Na tabela 21a, referente aos dados de BA, para F1 temos a hierarquia de adjetival escura > adjetival clara > pronominal escura > pronominal clara. Observa-se, assim, a predominância das anáforas adjetivais nessa forma, o que contraria, como em LI, os dados encontrados para o *corpus* de uma forma geral. Em F2, a hierarquia encontrada é pronominal escura > adjetival clara > adjetival escura > pronominal clara. Em F3, temos o mesmo número de adjetivais escuras e pronominais claras, não havendo nenhum caso de adjetival clara e pronominal escura. Cabe lembrar que o número de dados é muito baixo, não nos permitindo uma análise muito adequada dessa forma.

Dessa maneira, assim como em LI, em BA temos que o grande número de dados de pronominais escuras está associado a F2, o que deverá ser investigado posteriormente quando passarmos às demais categorias utilizadas em nossa classificação. Já F1 parece estar mais relacionada a anáforas adjetivais, claras ou escuras.

Na tabela 21b, fica ainda mais evidente a enorme prevalência de F2 para todas as categorias, confirmando a tendência geral, de ser essa prevalência mais acentuada do que em LI.

4.2.2.4.1.2. Anáforas claras: relação formal entre referente e fórico

No caso das anáforas claras é possível estabelecer critérios bem detalhados para caracterizar a relação entre fórico e referente. Dessa maneira, foram criadas algumas categorias nesse sentido para descrevermos esse tipo de relação.

Entretanto, algumas dificuldades foram encontradas. Um aspecto que se mostrou complexo em alguns casos foi a decisão sobre a extensão ou mesmo a identificação do referente. Para solucionar essa questão, foram necessárias algumas decisões no estabelecimento dos referentes, seus modificadores e determinantes para que houvesse uma certa homogeneidade no tratamento dos dados. Colocamos abaixo um exemplo de uma situação que apareceu algumas vezes no *corpus* de BA em que o antecedente aparecia em meio a uma expressão, o que nos deixava a dúvida de que considerar como antecedente: somente o SN ou toda a expressão em que ele se encontra?

(69) **Inf.** (...) Eh... en Alemania han hecho unas cosas... hace poco en una revista vi un... *una figura de mujer* --- pero kilométrica, una cosa -- de... de... de... por lo menos debe tener veinte o treinta metros y se puede entrar a *la mujer ésa*... (BA - 152g, itálicos nossos)

Nesse exemplo, o antecedente seria *una figura de mujer* ou somente *mujer*? Optamos por considerar o antecedente apenas como *mujer*, uma vez que a sua retomada depois demonstrava que apenas essa parte havia sido considerada pelo falante.

4.2.2.4.1.2.1. Natureza do determinante

A primeira categoria considerada em nossa classificação nos dados de anáfora clara diz respeito à natureza do determinante presente no referente da ED. Foram encontrados casos em que os determinantes eram demonstrativos, artigos definidos, artigos indefinidos, indefinidos (como *muchos*, *algunos*, etc.), possessivos e numerais ou ainda casos em que o antecedente não possuía determinante. Apresentamos abaixo cada tipo em separado, seguido de alguma explicação, quando necessário, e exemplo.

(a) Demonstrativo > demonstrativo (D-D)

O referente é outra ED. Estão incluídos nessa categoria os casos mencionados anteriormente em que o modificador já era um demonstrativo.

(70) **Inf.** (...) tuvimos la desgracia pue yendo a Ayacucho como estáamos en Huancayo tomar *esa ruta de Huancavelica de Castrovirreina*, ¿no? una zona minera tamién, y no fuimos pues por *esa carretera*, en vez de haber ido por la de Nazca en fin, y resultó... (LI - 45b, itálicos nossos)

Dentro dessa categoria, surgiu uma questão teórica que exigiu de nós uma tomada de decisão. Em muitos desses casos temos toda uma cadeia referencial. A dúvida nessa situação é que antecedente considerar: o antecedente inicial que deu origem a cadeia ou a ED mais próxima? Para efeitos de objetividade, definiu-se escolher sempre a última menção, uma vez que essa, em princípio, é a que carrega todas as informações relativas ao referente no discurso. No entanto, houve algumas exceções em que as diferentes menções ocorreram muito próximas umas das outras e que, por isso, a análise mais adequada pareceu ser a que considerava a primeira menção como antecedente por apresentar a informação de maneira mais explícita. Colocamos abaixo um exemplo em que isso ocorre de maneira evidente. O trecho transcrito ocorre após o entrevistado descrever o caso de um marido que agride sua mulher.

(71) **Inf.** (...) estaban en aquellos días, en que yo estado en Salvador próximos a, a condenarlo. Pero, en aquellos días también un periodista, había dicho que, nuera posible, el caso de una mujer *de esta situación, esta situación*, que quedara librada a la mendicidá pública. (LI - 170c/d, itálicos nossos)

(b) Artigo definido > demonstrativo (Ad-D)

O antecedente tem como determinante um artigo demonstrativo. No caso abaixo, temos o antecedente com o artigo definido, sendo que aqui ele vem acompanhado por um modificador que é uma oração adjetiva.

(72) **Inf.** (...) *en la época de en que, porejemplo estaba de ministro el N.N. se dan muchas censuras que hacía el parlamento ¿no?, y tóos los que leíamos El Comercio que no éramos N.N. en esa época decíamos, que irresponsables son los N. N o los de la Policía Nacional cómo censuran a los ministros a cada rato, y ése fue con el caso de N.N* (LI- 50c, itálicos nossos)

(c) Artigo indefinido > demonstrativo (Ai-D)

O determinante do referente é um artigo indefinido. No exemplo abaixo, o antecedente é *un colegio* e a ED *ese colegio*.

(73) **Inf.** (...) *Es un colegio, uno de los más antiguos creo, en el Callao, y eh... todo mis hermano han estudiao ahí, debido a que i.. padre tenía... es exalumno de ese colegio, y tenía amigos, y él quería que nosotros tuviéramos su educación, creo.* (LI - 66a, itálicos nossos)

(d) Vazio > demonstrativo (V-D)

Foram classificados assim os casos em que o referente não apresentava determinante.

(74) **Inf.** Ah, bueno, paralelamente... un año justo en cuarto año, E... nosotros tenemos que tener cierto, ca, ciertos meses de *prácticas, profesionales*. Y... entré a practicar, gané un concurso, entré a Petroperú. Terminando *estas prácticas* te hacen una evaluación a todos los becarios que becario llaman allí en Petroperú a los que practican, ¿no? (LI - 76b, itálicos nossos)

(e) Indefinido > demonstrativo (In-D)

São os casos em que os determinantes dos referentes são expressões como *muchos, algunos, ciertos*, etc.

(75) **Inf.** (...) no sólo se cultiva una gran variedá sino que constantemente en la chacra de los campesinos atradicionales, hay un proceso, constante de selección, e... *de ciertas variedades que son favorables*,

para, parel campesino, digamos asú, e... resistencia a las heladas yal frío. Su precocidá e... su sabor, textura, decir una serie de características, y que los campesinos mantienen estas variedades, que constituyen, un aporte invaluable, digamos en su dieta. (LI - 33c, itálicos nossos)

(f) Possessivo > demonstrativo (P-D)

O determinante do referente é um possessivo.

(76) **Inf.** (...) Y, yo sostenía *mi teoría*, yo quería sostener *esta teoría*, frente a *CiroAlegría* hace muchos años. (LI - 172a, itálicos nossos)

(g) Numeral > demonstrativo (N-D)

O determinante do referente é um numeral.

(77) **Inf.** (...) Y ahora finalmente procesé toda esa información en tarjetaría de, tengo IBM, *noventamil datos* que manejar, ya se me ha hecho bastante difícil porque... los criterios cualitativos para... manejar *esos datos* e... han requerido mucho mayor estudio (LI - 163b, itálicos nossos)

(h) Demonstrativo > artigo indefinido (D-Ai)

Essa categoria foi criada para atender um caso de catáfora, ou seja, a ED precede o referente, estando esse depois no texto e tendo como determinante um artigo indefinido. Abaixo, colocamos o caso em que isso aconteceu, chamando a atenção para o fato que esse dado não constará das tabelas desta seção, uma vez que o único dado referente a essa categoria é uma catáfora e as tabelas tratam das anáforas.

(78) **Inf.** – Bueno --- fundamentalmente el italiano y el español sí; alguien l... anoté porque *ésta* es muy buena: *una española que vive en Ginebra vinculada a la OIT, la Organización Internacional del Trabajo que anualmente en julio hace siempre un congreso universal donde van las delegaciones argentinas.* (BA - 48a, itálicos nossos).

Abaixo colocamos a quantificação dos dados de anáforas claras por relação entre os determinantes, nos *corpora* de LI e BA em conjunto e separadamente. Cabe recordar, para maior entendimento dos dados, que não foram computadas, nesse momento, as

anáforas claras cujas características não permitem a relação entre a ED e o referente. É o caso de algumas anáforas claras pronominais, das anáforas claras que têm mais de um antecedente - sintetizadoras nominais - e das adjetivais.

TABELA 22

Frequência de anáforas claras por natureza do determinante - LI e BA

	D-D	Ad-D	Ai-D	V-D	In-D	P-D	N-D	Total
LI	29 (18,2%)	49 (30,8%)	30 (18,8%)	36 (22,6%)	5 (3,1%)	8 (5%)	2 (1,5%)	159 (100%)
BA	23 (23%)	32 (32%)	19 (19%)	23 (23%)	0 (0%)	1 (1%)	2 (2%)	100 (100%)

Na análise comparativa entre os dados de LI e BA em relação aos determinantes dos fóricos e antecedentes de anáforas claras, podemos observar uma grande homogeneidade entre os dois *corpora*.

Para LI, temos a hierarquia Ad-D > V-D > Ai-D > D-D > P-D > In-D > N-D. Constatamos, assim, que o tipo mais comum de determinante do referente é o artigo definido seguido da ausência de determinante, por sua vez seguido do artigo indefinido e artigo definido, uma vez que a frequências desses dois últimos é quase a mesma. Os determinantes indefinidos, possessivos e numerais são muito pouco representados no *corpus* de LI.

Para BA, a hierarquia encontrada foi Ad-D > V-D = D-D > Ai-D > N-D > P-D > In-D. Observamos novamente a prevalência de determinantes artigos definidos, uma frequência semelhante e considerável de ausência de determinantes, artigos indefinidos e demonstrativos e uma baixíssima frequência de determinantes numerais e possessivos, não havendo nenhum caso de indefinido.

Vamos agora estabelecer a relação entre os determinantes das anáforas claras com as formas, no intuito de verificar se há alguma influência de um fator sobre o outro.

TABELA 23

Frequência de anáforas claras por natureza do determinante e por forma - LI

	D-D	Ad-D	Ai-D	V-D	In-D	P-D	N-D	Total
F1	7 (10,4%)	21 (31,3%)	12 (17,9%)	19 (28,5%)	4 (6%)	3 (4,4%)	1 (1,5%)	67 (100%)
F2	19 (22,1%)	27 (31,4%)	16 (18,6%)	17 (19,8%)	1 (1,2%)	5 (5,7%)	1 (1,2%)	86 (100%)
F3	3 (50%)	1 (16,7%)	2 (33,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	6 (100%)

Em LI, para F1 temos Ad-D > V-D > Ai-D > D-D > In-D > P-D > N-D, de forma que temos praticamente o mesmo padrão observado para o *corpus* de maneira geral, havendo uma pequena alteração em relação à maior frequência de P-D em relação

In-D. Para F2, a hierarquia encontrada foi Ad-D > V-D > Ai-D > D-D > P-D > In-D = N-D, também praticamente a mesma ordem observada no *corpus* como um todo, com exceção da igualdade entre In-D e N-D. Em F3, temos D-D > Ai-D > Ad-D = V-D e nenhuma ocorrência de In-D, P-D e N-D. Aqui, então, temos uma ordenação diferente das já encontradas, podendo ser influenciada pelo pequeno número de dados.

TABELA 24

Frequência de anáforas claras por natureza do determinante e por forma - BA

	D-D	Ad-D	Ai-D	V-D	In-D	P-D	N-D	Total
F1	5 (50%)	2 (20%)	2 (20%)	1 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	10 (100%)
F2	18 (20,7%)	27 (31%)	17 (19,5%)	22 (25,3%)	0 (0%)	1 (1,2%)	2 (2,3%)	87 (100%)
F3	0 (0%)	3 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0(0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (100%)

Para BA, temos F1 com a seguinte hierarquia: D-D > Ad-D = Ai-D > V-D e nenhuma ocorrência de In-D, P-D e N-D. Diferentemente do encontrado para o *corpus* de maneira geral, o tipo de determinante mais frequente em F1 é o demonstrativo, seguido dos artigos definido e indefinidos, que, por sua vez são equivalentes. Para F2, a hierarquia é Ad-D > V-D > D-D > Ai-D > N-D > P-D, sem ocorrências para In-D. Aqui sim temos o maior número de casos como Ad-D, o que coincide com os dados de todas as formas. Como F2 é a forma mais frequente, naturalmente esse dado contribuiu para que Ad-D também prevalecesse quando feita a análise sem discriminação das formas. Os dados de F3 são apenas de determinantes como artigo definido.

4.2.2.4.1.2.2. Natureza do núcleo nominal

Outro tipo de classificação possível as para as anáforas claras é a da natureza do núcleo nominal da ED em relação ao referente. Foram criadas as categorias abaixo de acordo com os dados do *corpus*:

(a) Reiterado (R)

Foi chamado de *reiterado* o caso em que antecedente e ED apresentaram núcleo nominal idêntico.

(79) **Inf.** (...) Y si bien en... en *un año* se llega a exportar grandes cantidades, hubo un año que se abrió la exportación a Italia. Entonces exportaron *ese año* cincuenta mil cabezas a... de ganado vivo a Italia. (BA - 127f, itálicos nossos)

(b) Reiterado elíptico (Re)

Essa classificação foi estabelecida para os casos em que o núcleo nominal da ED e do antecedente era o mesmo, mas presente de forma elíptica, seja em um ou em outro. O tipo mais comum foi aquele em que temos um antecedente com núcleo e esse se encontra elíptico na ED, sendo essa um pronome neutro.

- (80) **Inf.** (...) E, aparte de que, en dos ocacione bueno conversé con gente, acá conocí a un judío, N.N. (Ya.) *Un judío, bueno quera, de la Sinagogael Callao, ¿no?* (Ya.) Toces *éste* bueno mecía ¿no? (LI - 186c, itálicos nossos)

Foram poucos os casos em que o núcleo do antecedente se encontrava elíptico, tendo sido mencionado anteriormente no discurso, e aparece explícito na ED como sinônimo da expressão que já havia aparecido.

- (81) **Inf.** (...) Grato recuerdo, bueno que, yo creo que pocas personas las pueden ----- ¿no? Mira de los muchachos ¿no? questuvieron el grupodeaspirante de lacción católica deaquella época ¿no?, conservoamistá polo menos con un... sesenta por ciento, cincuenta por ciento ¿no? (Ya.) Que los veo con alguna frecuencia ¿no? (Ya.) Algunos dellos pues ha, desarrollao una ví intelectual muy intensa. Y ahí, dos o tres, o especialmente *uno quehá destacado mucho. Este muchacho* está considerado en este momento comuno de los sociólogos ¿no? deorientación marsista más importante del país. (LI - 188j, itálicos nossos)

(c) Hiperônimo intrínseco (H)

Foi considerado como *hiperônimo intrínseco* o caso em que a relação entre o núcleo do antecedente e da ED era de hiperonímia, ou seja, que o alcance semântico do núcleo da ED inclui dentro de si o do núcleo do antecedente.

- (82) **Inf.** No... esoés... fue *el año setentaiséis*, pode todas maneras era barato, poque acá yá valía quinientosoles en *esa época* una cosasí. (LI - 47b, itálico nosso)

Observamos, assim como outros autores, que há hiperônimos usados de forma recorrente pelos falantes e, por isso, apresentamos abaixo uma lista de todos os hiperônimos surgidos em LI e BA:

- (i) Lista de hiperônimos (LI): *zona, época, mal, facheta, cargo, campo, idioma, deporte, máquina, hijo, maleza, hombre(s), días, nombre, año, gente, administrador de la fábrica, tipo de actividades, guarnición militar, animales, alimentos, casa, viaje, localismos, sevillano, publicación, libro(s), material, poetas.*
- (ii) Lista de hiperônimos (BA): *entonces, caso, conocimiento, puesta, enfermedad, manera, momento, animales, zona, barrio, hombre, cantidad, parte, epidemia, manera.*

Um caso menos comum de núcleo nominal como hiperônimo e que gerou dúvidas no momento de classificação foi o caso de mais de um SN sendo sintetizado na ED por meio de um hiperônimo. Nessas situações, a dúvida era se deveríamos classificar o dado como hiperônimo ou como sintetizador de sintagma nominal, classificação que será melhor detalhada posteriormente, mas que diz respeito aos casos em que a ED sintetiza um ou mais SNs. Fez-se a opção pela classificação de hiperônimo nos casos em que a relação de hiperonímia entre os sintagmas nominais e a expressão demonstrativa era clara.

- (83) **Inf.** La comida giró en torno *al plátano y la yuca*, y llegó un momento en que ya no nos importaba cómo nos era presentada, sino que simplemente la obligación y la consigna era comer; y como habíapetito, pues, ingeríamos *esos ya para nosotros monótonos alimentos*. (LI - 194a, itálicos nossos)

Algumas dúvidas surgidas nesses casos se deveram ao fato de que houve situações menos simples em que os SNs estavam pulverizados no discurso e até mesmo não era muito claro quais eram realmente retomados pela ED. Nessas situações, optou-se pela classificação de sintetizador escuro, que será apresentada mais adiante.

- (84) **Inf.** Me gustaba... leer casi too, te voy a decir, pero mucho eh... *Miguel Hernández, García Lorca, Neruda*; estoy hablándote de de tiempo a veces diversos, pero...*Machado* (Antonio Machado)...*Rafael Alberti*. Me gustaba mucho esa generación de García Lorca. Realmente, prácticamente todos ellos, *Luis Cernuda, todo esos poetas*... me llenaron muchísimo. (LI - 99a, itálicos nossos)

(d) Hipônimo (Hp)

Essa classificação abrange a relação entre núcleos de referentes e fóricos de hiponímia, ou seja, a ED representa uma parte de seu referente ou vice-versa. Os casos de hiponímia encontrados foram poucos e são muito semelhantes entre si. Abaixo um exemplo:

- (85) **Inf.** Las materias primeras--- Bueno, yo creo que... eh... lo que yo he visto, por lo menos en mi experiencia, es que *la gente que uno puede considerar verdaderos maestros* como ha sido, por ejemplo, Houssay como es --- Leloir, *ese tipo de gente* así, o Brown Menéndez, que murió hace ya... (BA - 106b, itálicos nossos)

Ao utilizar a expressão *tipo de*, o falante está se referindo a uma parte apenas do seu referente - gente - daí a classificação de hipônimo. Cabe ressaltar que os demais casos de hiponímia são dois e nessas EDs temos novamente a expressão tipo de.

(e) Sinônimo (Sn)

Foi considerado como *sinônimo* o caso de relação de sinonímia entre os núcleos do antecedente e da ED.

- (86) **Inf.** (...) tuvimos la desgracia pue yendo a Ayacucho como estáamos en Huancayo tomar *esa ruta de Huancavelica de Castrovirreina*, ¿no? una zona minera tamién, y no fuimos pues por *esa carretera*, en vez de haber ido por la de Nazca en fin, y resultó... (LI - 45b, itálicos nossos)

(f) Metonímia (Mt)

A categoria de metonímia foi criada para atender um caso em que o antecedente é o autor de uma peça de teatro - Brecht - mas tomado como a própria peça.

- (87) **Inf.** (...) Lo último que vi me gustó mucho en Buenos Aires es esté... *Atendiendo al señor Sloane* y en Montevideo vi hace poco *un excepcional Brecht*... esté... *Un cierto señor Púntila y su chofer*. (...)

Inf. ... y no con *esta puesta de... Brecht que es lo más importante que personalmente yo he visto*. (BA - 43c, itálicos nossos, com exceção dos nomes das peças teatrais)

(g) **Sintetizador de sintagma nominal (Ssn)**

Foram considerados como sintetizadores nominais os casos em que a ED retoma um ou mais SNs sem estabelecer com ele algum tipo de relação semântica como de hiperonímia.

(88) **Inf.** (...) toces para que *las investigaciones* no se pierdan, y tampoco *las clases que se dictaron*, se vuelca *todo eso* al papel, se le da forma de libro, y entonces es así como mucho salen publicados. (LI - 201h, itálicos nossos)

Nesses casos, os demais rótulos, como os relacionados à presença de modificadores ou determinantes, não são aplicados, uma vez que os antecedentes são múltiplos.

Abaixo apresentamos a tabela com a relação de ocorrências dos tipos de anáforas claras de acordo com a relação entre os núcleos do antecedente e da ED. Mais uma vez vale recordar que não entraram nesses dados anáforas claras pronominais cujos demonstrativos são neutros, uma vez que nesses casos não é possível estabelecer a relação de núcleo entre expressão demonstrativa e antecedente.¹²

TABELA 25

Frequência de anáforas claras por natureza do núcleo nominal - LI e BA

	R	Re	H	Hp	Sn	Mt	Ssn	Total
LI	87 (53,3%)	20 (12,2%)	43 (26,4%)	0 (0%)	9 (5,6%)	0 (0%)	4 (2,5%)	163 (100%)
BA	73 (69,5%)	7 (6,7%)	15 (14,3%)	3 (2,9%)	1 (0,9%)	1 (0,9%)	5 (4,8%)	105 (100%)

Em LI, temos a hierarquia de $R > H > Re > Sn > Ssn$, não havendo nenhum caso de hiponímia e metonímia. Chama a atenção o fato de o núcleo reiterado ser o mais frequente por uma grande porcentagem em relação aos demais e podemos dizer que boa parte das anáforas claras que puderam ser avaliadas de acordo com esse critério têm como relação entre núcleos das EDs e referentes três tipos de categorias: reiterado, reiterado elíptico e hiperônimo.

Em BA, a hierarquia encontrada foi $R > H > Re > Ssn > Hp > Sn = Mt$. Também se destaca o elevado número de ocorrências de núcleo reiterado e a concentração da maior parte dos dados entre núcleos reiterados, reiterados elípticos e hiperônimos.

¹² Dentre as tabelas referentes aos dados de anáforas claras, as tabelas de relação entre os núcleos são as únicas que contabilizam os dados de sintetizadores nominais, por isso a diferença entre o total de dados dessas tabelas e das demais.

Apresentamos agora separadamente os dados de LI e BA de acordo com a divisão dos tipos de relação entre núcleos e a forma.

TABELA 26

Frequência de anáforas claras por natureza do núcleo nominal e por forma - LI

	R	Re	H	Hp	Sn	Mt	Ssn	Total
F1	32 (47,7%)	12 (17,9%)	18 (26,9%)	0 (0%)	4 (6%)	0 (0%)	1 (1,5%)	67 (100%)
F2	52 (57,8%)	7 (7,8%)	23 (25,5%)	0 (0%)	5 (5,5%)	0 (0%)	3 (3,4%)	90 (100%)
F3	4 (57,2%)	1 (14,3%)	2 (28,5%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	7 (100%)

Para F1, F2 e F3, temos $R > H > Re > Sn > Ssn$, recordando que em LI não tivemos ocorrências para Hp e Mt e com a exceção de não haver nenhuma ocorrência de Sn ou Ssn para F3. Dessa maneira a hierarquia para todas as formas é muito semelhante entre si e também à encontrada para o *corpus* de maneira geral.

TABELA 27

Frequência de anáforas claras por natureza do núcleo nominal e por forma - BA

	R	Re	H	Hp	Sn	Mt	Ssn	Total
F1	5 (50%)	3 (30%)	1 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (10%)	0 (0%)	10 (100%)
F2	68 (74%)	1 (1%)	14 (15,2%)	3 (3,3%)	1 (1,1%)	0 (0%)	5 (5,4%)	92 (100%)
F3	0 (0%)	3 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (100%)

Em BA, temos a seguinte hierarquia para F1: $R > Re > H = Mt$, sem ocorrências para Sn e Ssn. Para F2: $R > H > Re > Ssn > Hp > Sn$, se nenhum caso de Mt. Chama a atenção a baixa frequência de Re, o que não acontece nos demais dados já analisados. Em F3 temos todos os dados de Re, com a ressalva de que são apenas três dados.

Concluimos, assim, que, de maneira geral, os tipos de relação entre núcleos se distribuem de forma semelhante entre as formas nos dois *corpora*, sendo a maior parte dos dados de núcleo reiterado, seguido de hiperônimo e reiterado elíptico, com alternância de prevalência entre essas duas últimas categorias.

4.2.2.4.1.2.3. Natureza do modificador

Dentro da classificação das anáforas claras, também é possível estabelecer a relação entre os modificadores dos fóricos e seus referentes.

Uma questão que se colocou em relação a essa categoria, apesar de não muito frequente, foi o tratamento a ser dado aos referentes acompanhados por apostos. O

aposto é tomado como parte do referente? É um tipo de modificador? Poderia ser ele mesmo o antecedente caso nele estivesse presente a expressão que fosse núcleo da ED? Nesses casos, qual referente escolher? A primeira menção, a menção feita no aposto por ser a última ou toda a expressão? No total, tivemos quatro casos de antecedentes com aposto, sendo três em LI e um em BA. Nos casos de LI, o aposto foi considerado como parte do antecedente, sendo um modificador. Isso não gerou dúvidas, uma vez que o aposto era claramente uma explicação do SN e esse, por sua vez, coincidia com a ED, como no exemplo abaixo.

(89) **Inf.** (...) *Es un colegio, uno de los más antiguos*, creo, en el Callao, y eh... todo mis hermano han estudiado ahí, debido a que i... padre tenía... es exalumno de *ese colegio* (...) (LI - 66a, itálicos nossos)

Na única ocorrência de BA, surgiu uma dúvida sobre o que considerar como antecedente uma vez que no aposto encontrava-se a mesma palavra da ED. Essa, porém, também aparecia antes, com o mesmo modificador presente na ED.

(90) **Inf.** (...) Después *el matrimonio inglés, un matrimonio que era "Buenos días" "Buenas noches"*, muy distante, que no sé cómo... es curioso porque porque *ese matrimonio inglés* era completamente gente muy educada y qué sé yo (...) (BA - 201a, itálicos nossos)

Se seguíssemos o critério de considerar a última menção, deveríamos considerar o aposto - *un matrimonio que era "Buenos días" "Buenas noches"* - como o antecedente. No entanto, não poderíamos ignorar o fato de que a ED - *ese matrimonio inglés* - havia aparecido antes de maneira idêntica. Nesse caso, optamos por considerar toda a expressão, sendo o aposto considerado um modificador.

Apresentamos a seguir as categorias consideradas:

(a) **Reiterado**

São considerados como reiterados, os casos em que os modificadores do antecedente e da ED coincidem. Entretanto, dentro dessa classificação foi estabelecida uma gradação na forma como essa reiteração ocorre.

(a1) Total (Rt)

Nessa categoria estão os casos em que houve repetição total dos modificadores do antecedente e da ED.

(91) **Inf.** ... yo le diría lo siguiente: evidentemente... eh... necesito... me gusta tener *una porción determinada de bienes materiales...* esté... para obtener *esa porción determinada de bienes materiales* tengo que m... entregar gran parte de mi tiempo a m... trabajar en algo particular ya sea profesional, comercial, etcétera. (BA - 37c, itálicos nossos)

(a2) Vazio (Rv)

Foram classificados assim os casos em que não havia modificadores nem no antecedente nem na ED.

(92) **Inf.** Bueno--- no se imagina--- además, en un barrio humilde como el que yo vivía en aquel momento, me había... esté... después de que estuvimos hasta los seis o siete años acá en... justo en--- la capital--- fuimos a *Lanús*. Bueno, en *ese barrio* cuando supieron que yo terminaba la escuela primaria y me iba a dedicar a la pintura--- como éramos todos muy amigos los vecinos y todo--- (BA - 140d, itálicos nossos)

(a3) Parcial (Rp)

Nesses casos, o modificador presente no referente aparecia em parte na ED.

(93) **Inf.** (...) Las pampas así naturales, *la pampa húmeda, natural...* este... es algo tangible, real, que existe... este... y entonces es lógico que en *esa pampa húmeda* se críe más fácilmente y a menores costos que en cualquier país europeo... (BA - 129c, itálicos nossos)

(b) Diferente

Nessa categoria, estão os usos em que há modificador presente seja no antecedente, na ED ou em ambos, mas o modificador utilizado não coincide.

(b1) Pleno (Dp)

Considerou-se modificador pleno a situação em que tanto antecedente quanto ED vinham com modificadores, sendo esses diferentes entre si. Uma

consideração interessante sobre esse tipo de modificador é que a maioria dos casos se refere a antecedentes e expressões demonstrativas cujos modificadores são orações relativas, como no exemplo abaixo.

(94) **Inf.** ... se sabe que se cultiva una gran variedad y que... no sólo se cultiva una gran variedad sino que constantemente en la chacra de los campesinos atradicionales, hay un proceso, constante de selección, e... *deciertas variedades que son favorables, para, parel campesino*, debido digamos asú, e... resistencia a las heladas y al frío. Su precocidá e... su sabor, textura, decir una serie de características, y que los campesinos mantienen *estas variedades, que constituyen, un aporte invalorable, digamos, en su dieta.* (LI - 33d, itálicos nossos)

(b2) Pleno > vazio (Dpv)

Essa categoria engloba os casos em que o antecedente apresenta modificador e a ED não.

(95) **Inf.** ... que eran a cada lado del pasillo, eran *dos literas superpuestas con una cortina.* Y entonces los chicos dormíamos generalmente en *esas literas* y los grandes dormían en las cabinas. (BA - 203e) (itálicos nossos)

(b3) Vazio > pleno (Dvp)

Trata-se dos casos em que o antecedente não possui modificador e a ED sim.

(96) **Inf.** ... Empieza, la primera parte lo del perro y la salida, que todo el mundo sabemos de memoria, después va a otra cosa sobre *niveles* y después va a sicoterapia. Cuando llega a sicoterapia --- hace un sicoanálisis vergonzante--- y recortado--- que no es ni sicoanálisis ni es nada--- pero--- entre *todos esos niveles* ellos no encuentran la manera de--- hacer un pasaje (BA - 220b, itálicos nossos)

Apresentamos abaixo as tabelas com as ocorrências dos tipos de anáforas claras de acordo com a relação entre os modificadores dos referentes e das EDs. Mais uma vez, recordamos que não entraram nesses dados alguns casos de anáforas claras em que não é possível estabelecer esse tipo de relação.

TABELA 28

Frequência de anáforas claras por natureza do modificador - LI e BA

	Rt	Rv	Rp	Dp	Dpv	Dvp	Total
LI	0 (0%)	73 (45,6%)	6 (3,8%)	15 (9,3%)	60 (37,6%)	6 (3,7%)	160 (100%)
BA	1 (1%)	44 (44%)	4 (4%)	5 (5%)	42 (42%)	4 (4%)	100 (100%)

Para LI, chegamos à hierarquia de $Rv > Dpv > Dp > Rp = Dvp$, sem ocorrências para Rt. Chama a atenção fato de ser menos frequente a presença de modificadores junto a ED, o que pode ser constatado através da alta frequência das categorias Rv - ausência de modificadores no referente e na ED - e Dpv - presença de modificadores no referente e ausência na ED. De certa forma, é possível dizer que isso é esperado uma vez que a anáfora está retomando uma informação já dada no texto.

Em BA, a hierarquia encontrada é a mesma de LI, com a diferença de uma ocorrência em Rt. Dentro disso, é interessante observar que a porcentagem de casos em que há uma repetição dos modificadores do antecedente e na ED, seja de maneira total ou parcial, é muito baixa.

Apresentamos agora a relação entre os tipos de modificadores e a forma por *corpus*.

TABELA 29

Frequência de anáforas claras por natureza do modificador e por forma - LI

	Rt	Rv	Rp	Dp	Dpv	Dvp	Total
F1	0 (0%)	24 (37,3%)	3 (4,5%)	9 (13,4%)	27 (40,3%)	3 (4,5%)	66 (100%)
F2	0 (0%)	45 (51,7%)	2 (2,4%)	5 (5,7%)	32 (36,8%)	3 (3,4%)	87 (100%)
F3	0 (0%)	4 (57,1%)	1 (14,3%)	1(14,3%)	1 (14,3%)	0 (0%)	7 (100%)

No *corpus* de LI, temos para F1: $Rv > Dpv > Dp > Rp = Dvp$, sem ocorrências para Rt. Em F2, chegou-se a hierarquia de $Rv > Dpv > Dp > Dvp > Rp$, sem nenhum caso de Rt. Para F3, temos $Rv > Dpv = Rp = Dp = Dpv$, sem ocorrências para Rt e Dvp. É possível constatar, de forma geral, que uma hierarquia semelhante é mantida em todas as formas e que essas são, por sua vez, próximas à hierarquia encontrada na análise sem discriminação de formas dos dados.

TABELA 30

Frequência de anáforas claras por natureza do modificador e por forma - BA

	Rt	Rv	Rp	Dp	Dpv	Dvp	Total
F1	0 (0%)	5 (50%)	1 (10%)	1 (10%)	2 (20%)	1 (10%)	10 (100%)
F2	1 (1,2%)	37 (42,5%)	3 (3,4%)	4 (4,6%)	39 (44,8%)	3 (3,5%)	87 (100%)
F3	0 (0%)	2 (66,6%)	0 (0%)	0 (%)	1 (33,4%)	0 (0%)	3 (100%)

Em F1 de BA, a hierarquia encontrada é $Rv > Dpv > Rp = Dp = Dvp$, sem ocorrências para Rt. Para F2: $Dpv > Rv > Dp > Rp > Rt$. É possível constatar duas diferenças em relação ao observado anteriormente: a ocorrência de um caso para Rt e a prevalência de Dpv sobre Rv, ainda que de maneira muito discreta. Em F3, temos

Rv>Dpv, sem nenhum caso de outras categorias. Sendo assim, da mesma maneira que em LI, é possível observar certa homogeneidade entre os dados nas três formas, que estão em consonância com os resultados alcançados na análise dos dados como um todo.

4.2.2.4.1.2.4. Número do núcleo

Nessa categoria analisou-se o número - singular e plural - do antecedente e da ED.

(a) Igual

Considerado quando antecedente e ED apresentam o mesmo número, havendo duas possibilidades, ambos em singular ou ambos em plural.

(a1) Singular (Is)

(97) **Inf.** (...) Ella era más vale mala --- la... la alemana, y tenía *una chica* que era pero divina, divina, chiquita, tendría seis o siete años, mala, que *esa chica* debe haber sido la perversidad con pollera. (BA - 200d, itálicos nossos)

(a2) Plural (Ip)

(98) **Inf.** (...) Este... cuando uno piensa que se juegan *millones de pesos* por... por reunión... este... y que *esos millones de pesos* saldrán en parte... este... de gente que los tiene y que lo hace por una distracción... (BA - 124i, itálicos nossos)

(b) Diferente

Categoria em que o número do antecedente e da expressão demonstrativa não coincide.

(b1) Singular > plural (Dsp)

Casos em que o antecedente estava em singular e a ED em plural.

(99) **Inf.** (...) Es decir que--- en un solo animal se están moviendo cuarenta y dos o sesenta millones de pesos --- y eso incluye lógicamente un riesgo mayor--- pero tiene su atractivo --- no sé si por el riesgo en sí o por el hecho de ver *un animal que vale tanto dinero*. Cómo pueden llegar *esos animales* a valer tanto es una larga historia... (BA – 123g, itálicos nossos)

(b2) Plural > singular (Dps)

Casos em que o antecedente estava em plural e a ED em singular.

(100) **Inf.** (...) Y... y junto con la guitarrista tiene un álbum, así de... de *esos métodos* que aprende a tocar de oído. Bueno, yo algo de música... así de armonía conozco, ¿no? Entonces, había unas letras y estaban los acordes. Decía: “Tónica, dominante...” Qué sé yo. Es decir, traté de descifrar las claves que... *ese método* tenía, y cantaba unos tangos... (BA- 23e) (itálicos nossos)

(b3) Singular > neutro (Dsn)

Casos em que o demonstrativo era neutro, sendo portanto invariável. Dessa maneira, foi necessária a criação de uma categoria específica para essa situação.

(101) **Inf.** (...) Después, de este bachillerato uno se saca el título profesional de ingeniero ¿no? Y *ques la, tesis de grado que le llaman* ¿no? (Sí) E... con *esta ques ya un trabajo práctico*, (ya) (LI - 75d, itálicos nossos)

Apresentamos abaixo a frequência de cada tipo para os dois *corpora*.

TABELA 31

Frequência de anáforas claras por número do núcleo e por forma - LI e BA

	Is	Ip	Dsp	Dps	Dsn	Total
LI	106 (66,2%)	29 (18,1%)	12 (7,5%)	9 (5,6%)	4 (2,6%)	160 (100%)
BA	65 (65%)	22 (22%)	4 (4%)	9 (9%)	0 (0%)	100 (100%)

Na frequência por relação entre número do núcleo, encontramos para LI a seguinte hierarquia: Is > Ip > Dsp > Dps > Dsn. Para BA, temos: Is > Ip > Dps > Dsp, sem ocorrências para Dsn.

TABELA 32

Frequência de anáforas claras por número do núcleo e por forma - LI

	Is	Ip	Dsp	Dps	Dsn	Total
F1	36 (54,6%)	21 (31,9%)	5 (7,5%)	2 (3%)	2 (3%)	66 (100%)
F2	66 (75,9%)	6 (6,9%)	6 (6,9%)	7 (8%)	2 (2,3%)	87 (100%)
F3	4 (57,1%)	2 (28,6%)	1 (14,3%)	0 (0%)	0 (0%)	7 (100%)

Relacionando o número do núcleo com forma, para LI chegamos à seguinte hierarquia em F1: Is>Ip>Dsp>Dps=Dsn. Para F2, temos Is>Dps>Ip=Dsp>Dsn. E para F3, Is>Ip>Dsp, com nenhuma ocorrência de Dps e Dsn.

TABELA 33

Frequência de anáforas claras por número do núcleo e por forma - BA

	Is	Ip	Dsp	Dps	Dsn	Total
F1	8 (80%)	1 (10%)	1 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	10 (100%)
F2	56 (64,4%)	21 (24,1%)	3 (3,5%)	7 (8%)	0 (0%)	87 (100%)
F3	1 (33,3%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (66,7%)	0 (0%)	3 (100%)

Para F1 de BA, temos a hierarquia Is > Ip = Dsp, sem casos de Dps e Dsn. Em F2, Is > Ip > Dps > Dsp, sem ocorrências para Dsn. Em F3, a hierarquia encontrada foi Dps > Is, sem ocorrências nas demais categorias.

4.2.2.4.1.2.5. Relação não-substantiva

As categorias apresentadas anteriormente se aplicam ao maior número de casos de anáforas claras, que são as que apresentam uma relação substantiva entre antecedente e ED. No entanto, há a ocorrência de um tipo de relação não-substantiva, que denominamos de adjetival, uma vez que o antecedente é um adjetivo, que é retomado pela ED.

(a) Adjetival (Aj)

(102) **Inf.** Muy pocas, muy limitadas no, incluso e... los que más se quedan ahí ya por obligación por estudio son *arqueólogos*, gente que se dedica a *esta* especialidad, pero así el turismo en general no, no se queda nel hotel. (LI - 56a, itálicos nossos)

Foram encontrados sete casos de anáforas adjetivas em LI e quatro casos em BA.

4.2.2.4.1.3. Anáforas escuras: relação formal entre referente e fórico

No caso das anáforas escuras é possível estabelecer critérios para caracterizar a relação entre o fórico e o provável referente. Dessa maneira, foram criadas algumas categorias nesse sentido para descrevermos esse tipo de relação.

(a) Referente implícito (Im)¹³

Foram considerados como casos de referente implícito aqueles em que o elemento introduzido na ED não é mencionado de maneira direta no discurso, mas é desencadeado por um elemento linguístico presente nesse que ativa o seu conhecimento para locutor e interlocutor. No exemplo abaixo, o entrevistado menciona a questão de diálogos chatos em um filme sem ter antes falado nada sobre diálogos. No entanto, ao tratar do tema de filmes, naturalmente o termo diálogo também fica ativado na mente do falante e do interlocutor.

(103) **Inf.** Bueno, una *película* que, por ejemplo, me... me gustó fue *Los monstruos*, italiana, muy ágil; porque además me aburren mucho *esos diálogos* --- *pesados* y todo eso me aburre demasiado. (BA – 21h, itálicos nossos, com exceção do nome do filme)

Uma dificuldade nesse tipo de caso foi estabelecer um critério preciso para estabelecer a diferença entre ele e os casos de catáfora, ou seja, casos em que o elemento novo é introduzido após a expressão demonstrativa.

(b) Sintetizador de orações (So)

O caso do sintetizador de orações engloba desde casos mais simples com orações referentes evidentes e delimitáveis até casos bastante complexos em que o

¹³ Apesar de GONZÁLEZ ÁLVAREZ usar o termo *participante implícito*, preferimos utilizar o termo *referente implícito* para não haver confusão com o termo utilizado por nós *participante de ato de fala*.

referente não se encontra em um único bloco ou que não é nem mesmo facilmente compreensível. Em um determinado momento de nossa pesquisa fizemos a tentativa de estabelecer uma gradação para esses casos, no entanto, as categorias definidas nesse sentido se mostraram subjetivas e não foi possível estabelecer critérios precisos e aplicáveis a todos os casos. Dessa maneira, optamos por manter apenas a categoria de sintetizador oracional escuro.

(104) **Inf.** (...) hay que com, hay que mirarse un espicio y ver *a qué clase pertenece uno, a qué raza pertenece uno* pue también es importante *eso* (LI - 49f, itálicos nossos)

Um tipo de sintetizador escuro interessante e que ocorreu de maneira reiterada foi o dos adjetivos temporais, como *en esa época, en ese momento*. Eles sintetizam um período de tempo que é detalhado no discurso, mas não explicitado de maneira direta.

(c) **Sintetizador amplificante (Sa)**

Essa categoria se mostrou relativamente produtiva tanto no *corpus* de LI como de BA. Tratam-se dos casos de sintetizadores que se referem a algo mencionado ou a mencionar pelo falante, mas que deixam claro que ele está englobando outros aspectos que são do conhecimento também do interlocutor, mas que não serão, por algum motivo, mencionados explicitamente. Em alguns casos isso fica bastante evidente porque o antecedente é apenas um SN, mas a ED se encontra no plural, deixando claro o desejo de a ampliação do escopo.

(105) **Inf.** (...) Y un churrasco ya costaba pues, acá en Lima por lo menos doscientossoles, ya costaba, al menos en *el Rincón Gaucho*, en *esositios*, valía así... (LI - 47c) (itálicos nossos)

Nos casos em que a ED faz referência a mais de um SN, por exemplo, a decisão de classificar o dado como um sintetizador amplificante é mais difícil, porém perceptível na interpretação do discurso. Nessa situação, a dúvida é se se trataria de um sintetizador de sintagma nominal claro ou de um sintetizador amplificante. No exemplo abaixo, o entrevistado fala sobre os vários aspectos tratados em um livro seu. Ao retomar os aspectos mencionados utiliza uma ED que possibilita que o interlocutor se

remeta a outros aspectos que possam ter sido abordados no livro além daqueles explicitados no discurso.

(106) **Inf.** (...) Alguna me costó trabajo entonces llegar, yohe comenzado el año... treintaicinco, de manera que se libro, hecho así con una especie de... lazo dunión *distoria y geografía y folklor y paisaje y... ciertas canciones*, (Sí) y *descripcion de campanas*, y *todaquello*, una visión un poco me parece ahora un poco idealizada (LI - 248d) (itálicos nossos)

Em nosso *corpus* observamos que algumas EDs são usadas de maneira recorrente como sintetizadoras amplificantes. VIGARA TAUSTE (1992) *apud* COLANTONI (2000) analisa com detalhe o uso de expressões *y eso*, *y todo eso*, *y todo esto* e afirma que costumam fechar a frase ou enumeração insinuando que há algo mais que o interlocutor pode supor ou adivinhar facilmente por se relacionar ao dito anteriormente ou ao conhecimento comum das pessoas. Abaixo apresentamos uma lista das EDs que aparecem como sintetizadoras amplificantes em LI e BA.

EDs que aparecem como sintetizadoras amplificantes em LI: *esos temas, todo eso/ esto, esas cosas, todos esos sitios, todas esas materias, toda esa gente, todas esas cosas, toda esa zona, esos lujos, nada de esas cosas, nada de eso, en algún sitio de esos, todos aquellos lugares, todaquello*.

EDs que aparecem como sintetizadoras amplificantes em BA: *todas esas cosas, ese tipo de cosas, todas esas actividades, ese tipo de actividades, todo eso, nada de eso, cualquier sastrería de esas*.

TABELA 34

Frequência por tipo de anáfora escura - LI e BA

	Im	Sa	So	Total
LI	50 (15%)	27 (8,1%)	256 (76,9%)	333 (100%)
BA	43 (17,2%)	16 (6,4%)	191 (76,4%)	250 (100%)

Na frequência por tipo de anáfora escura de LI, temos a hierarquia de $So > Im > Sa$. Para BA, temos a mesma hierarquia, com uma grande homogeneidade em relação a LI.

TABELA 35a

Frequência por tipo de anáfora escura e por forma - LI

	Im	Sa	So	Total
F1	20 (23,5%)	1 (1,2%)	64 (75,3%)	85 (100%)
F2	29 (12,4%)	21 (9%)	183 (78,5%)	233 (100%)
F3	1 (6,7%)	5 (33,3%)	9 (60%)	15 (100%)

TABELA 35b**Frequência por tipo de anáfora escura e por forma - LI**

	Im	Sa	So
F1	20 (40%)	1 (3,7%)	64 (25%)
F2	29 (58%)	21 (77,8%)	183 (71,5%)
F3	1 (2%)	5 (18,5%)	9 (3,5%)
Total	50 (100%)	27 (100%)	256 (100%)

Na tabela 35a, referente à relação entre tipo de anáfora escura e forma de LI, para F1 temos: So > Im > Sa. Para F2, a hierarquia é a mesma: So > Im > Sa. Para F3, já temos So > Sa > Im. Temos, assim, que So é o tipo de anáfora escura mais comum em todas as formas.

Na tabela 35b, chama a atenção o fato de F2 ser a forma mais frequente em todas as categorias. Apenas em Im há um número maior de F1, mas ainda assim, a superioridade de dados para F2 é considerável.

TABELA 36a**Frequência por tipo de anáfora escura e por forma - BA**

	Im	Sa	So	Total
F1	6 (27,3%)	0 (0%)	16 (72,7%)	22 (100%)
F2	34 (15,1%)	16 (7,1%)	175 (77,8%)	225 (100%)
F3	3 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (100%)

TABELA 36b**Frequência por tipo de anáfora escura e por forma - BA**

	Im	Sa	So
F1	6 (14%)	0 (0%)	16 (8,4%)
F2	34 (79%)	16 (100%)	175 (91,6%)
F3	3 (7%)	0 (0%)	0 (0%)
Total	43 (100%)	16 (100%)	191 (100%)

Na tabela 36a, para F1, a hierarquia é So > Im, sem ocorrências para Sa. Para F2, temos So > Im > Sa e para F3 só temos casos para Im. É interessante observar que Sa só aparece em F2.

Na tabela 36b, mais uma vez, chama a atenção a grande prevalência de F2 em todas as categorias de forma mais acentuada do que em LI.

Apresentamos agora o tipo de anáfora escura por classe, uma vez que essa classificação tem se mostrado proveitosa para o entendimento dos fenômenos envolvendo os demonstrativos.

TABELA 37a**Frequência por tipo de anáfora escura e por classe morfológica - LI**

	Im	Sa	So	Total
Adjetivos	50 (35%)	18 (12,6%)	75 (52,4%)	143 (100%)
Pronomes	1 (0,5%)	8 (4,3%)	181 (95,2%)	190 (100%)

TABELA 37b**Frequência por tipo de anáfora escura e por classe morfológica - LI**

	Im	Sa	So
Adjetivos	50 (100%)	18 (66,7%)	75 (29,3%)
Pronomes	0 (0%)	9 (33,3%)	181 (70,7%)
Total	50 (100%)	27 (100%)	256 (100%)

A tabela 37a nos indica que a categoria de sintetizador oracional é a mais frequente tanto como adjetivo como pronome. Entretanto, a prevalência dessa categoria nos pronomes se destaca de maneira importante (95,2%).

Através da tabela 37b concluímos que os dados de anáforas escuras implícitas e sintetizadoras amplificantes são consideravelmente mais frequentes na função de adjetivo, enquanto as anáforas escuras sintetizadoras oracionais são mais comuns na função de pronome. Isso provavelmente se deve ao fato de que as duas primeiras precisam de um adjetivo que complete o seu significado para que o referente fique claro enquanto a terceira precisa de um pronome que resuma uma ideia normalmente complexa e bem difusa no discurso.

TABELA 38a**Frequência por tipo de anáfora escura e por classe morfológica - BA**

	Im	Sa	So	Total
Adjetivos	43 (42,2%)	10 (9,8%)	49 (48%)	102 (100%)
Pronomes	0 (0%)	6 (4,1%)	142 (95,9%)	148 (100%)

TABELA 38b**Frequência por tipo de anáfora escura e por classe morfológica - BA**

	Im	Sa	So
Adjetivos	43 (100%)	10 (62,5%)	49 (25,7%)
Pronomes	0 (0%)	6 (37,5%)	142 (74,3%)
Total	43 (100%)	16 (100%)	191 (100%)

Observamos na tabela 38a a mesma situação de LI: o sintetizador oracional é a categoria mais frequente, sendo sua prevalência na classe dos pronomes muito acentuada.

A diferença é que temos em BA uma porcentagem também alta de dados de referente implícito na classe dos adjetivos.

Na tabela 38b novamente observamos as mesmas tendências de LI: Im e Sa mais frequentes na função de adjetivo e So mais frequente na função de pronome.

4.2.2.4.1.4. Dêixis textual

É chamado de dêixis textual o caso em que a endófora - anáfora ou catáfora- diz respeito à ordenação do discurso mais do que em relação ao conteúdo do discurso em si. Abaixo o único exemplo encontrado em nosso *corpus*. Nesse, o informante está falando sobre dois gêneros musicais de que gosta, o tango e o folclore, e, em seguida destaca que gosta deles na ordem em que foram ditos. Dessa maneira, temos que a ED diz respeito à forma como o discurso se organiza e não ao que transmite propriamente dito.

(107) **Inf.** Bueno, el [sic] Colón voy menos, porque la música no es lo que más me atrae, sinceramente, salvo dos... esté... géneros: *el tango y el folclore...*

Enc. Ah, qué bien.

Inf. ... y en *este orden*. (BA - 43e, itálicos nossos)

4.2.2.5. Pragmática

4.2.2.5.1 Participantes do ato de fala

Foi feita a identificação em cada ocorrência a respeito de a qual participante do ato de fala o antecedente ou conseqüente da expressão demonstrativa se refere - locutor ou interlocutor -, uma vez que esse é um aspecto que historicamente parece interferir na escolha do falante a respeito do uso de F1 ou F2. Abaixo primeiramente um exemplo de expressão demonstrativa referente à fala do próprio falante, em seguida outro referente à fala do interlocutor e ainda um exemplo em que o demonstrativo faz menção ao dito tanto pelo locutor como interlocutor, pois, tratando-se de ana-catáforas, temos tanto antecedentes como conseqüentes.

(a) **Locutor**

(108) **Inf.** Porque hay gente que cree que el buen abogado es el que... sabe manejar el código, las leyes, ¿no? saber triquiñuelas, yo creo que dees..., vincularse al derecho con la ciencia sociales para que el abogado tenga un conocimiento amplio de *la realidad*; entonces de acuerdo al conocimiento de *esa realidad*, aplique el derecho, y que vea lo obsoletas, ¿están las normas, o el grado de justicia... (LI - 41a, itálicos nossos)

(b) **Interlocutor**

(109) **Enc.** Recién nos dijo el doctor B., justamente, que acá en el instituto trabajaban... eh... en problemas de nefritis y con drogas inmunosupresoras; ¿usted es el que está haciendo *esas investigaciones*?

Inf. No, no. Yo eh... *esas investigaciones* las hace más bien la parte clínica, los clínicos, o sea, los nefrólogos clínicos. (BA - 100a, itálico nosso)

(c) **Locutor e interlocutor**

(110) (Ya. Y... por ejemplo e... tú ponte... o sea te recibiste con tesis o... cuál ha sido *el procedimiento* para recibirte.)¹⁴

Inf. No, actualmente, e... e está siguiendo el, *este procedimiento* ¿no? *Uno sale, e termina los estudios, tiene que sacar su bachillerato. Con una monografía en alguno de los cursos queha estudiao en el último ciclo, o año. Después, de este bachillerato uno se saca el título de profesional de ingeniero ¿no? Y ques la, tesis de grado que le llaman ¿no? (Sí) E... con esta ques ya un trabajo práctico...* (LI - 75b, itálico nosso)

TABELA 39

Frequência de endóforas por participante de ato de fala – LI e BA

	Locutor	Interlocutor	Locutor e interlocutor	Total
LI	548 (95,5%)	24 (4,2%)	2 (0,3%)	574 (100%)
BA	332 (86,2%)	51 (13,3%)	2 (0,5%)	385 (100%)

Na tabela acima fica clara a prevalência do uso das EDs para que o locutor se refira a sua própria fala tanto em LI como em BA, sendo em LI 95,5% das ocorrências e BA, 86,9%. São poucos os casos em que a ED se refere a um trecho do discurso do interlocutor e menos ainda aqueles em que ela se refere a um trecho do discurso de ambos.

¹⁴ Nas entrevistas de LI, as falas do documentador aparecem entre parênteses.

TABELA 40a

Frequência de endóforas por participante de ato de fala e por forma – LI

	Locutor	Interlocutor	Locutor e interlocutor	Total
F1	153 (93,3%)	10 (6,1%)	1 (0,6%)	164 (100%)
F2	339 (96,3%)	13 (3,7%)	0 (0%)	352 (100%)
F3	20 (95,2%)	1 (4,8%)	0 (0%)	21 (100%)

TABELA 40b

Frequência de endóforas por participante de ato de fala e por forma – LI

	Locutor	Interlocutor	Locutor e interlocutor
F1	153 (29,9%)	10 (41,6%)	1 (100%)
F2	339 (66,2%)	13 (54,2%)	0 (0%)
F3	20 (3,9%)	1 (4,2%)	0 (0%)
Total	512 (100%)	24 (100%)	1 (100%)

Na tabela 40a, observamos que a grande maioria das endóforas em todas as formas se dá sendo o participante do ato de fala o próprio locutor. Quando esse é o interlocutor, a distribuição entre F1, F2 e F3 é equilibrada. Chama a atenção o fato de quando o participante do ato de fala é o locutor e o interlocutor só ocorrerem dados em F1.

Nos dados da tabela 40b temos que em todas as formas o mais comum é que a ED se refira à fala do próprio locutor. F1 e F2 são ambas usadas para quando o locutor faz referência à fala do interlocutor e há apenas dois casos que a ED faz referência a informações presentes tanto no discurso do falante como do seu interlocutor, ambos de F1.

TABELA 41a

Frequência de endóforas por participante de ato de fala e por forma – BA

	Locutor	Interlocutor	Locutor e interlocutor	Total
F1	37 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	37 (100%)
F2	291 (85,1%)	51 (14,9%)	0 (0%)	342 (100%)
F3	6 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	6 (100%)

TABELA 41b

Frequência de endóforas por participante de ato de fala e por forma – BA

	Locutor	Interlocutor	Locutor e interlocutor
F1	37 (11,1%)	0 (0%)	0 (0%)
F2	291 (87,1%)	51 (100%)	0 (0%)
F3	6 (1,8%)	0 (0%)	0 (0%)
Total	334 (100%)	51 (100%)	0 (0%)

Na tabela 41a, observamos a grande predominância dos dados em que o participante do ato de fala é o locutor em todas as formas. Destaca-se, porém, um número considerável de dados em que o participante do ato de fala é o interlocutor em F2.

Na tabela 41b, assim como na tabela corresponde para LI, também se destaca a predominância das EDs com referente no discurso do próprio locutor. No entanto, nos dados de BA, chama a atenção o fato de que todas as vezes em que o referente se encontra no discurso do interlocutor é feito o uso de F2. Esse dado coincide com o fato de que F2 é usado para referir-se à segunda pessoa do discurso.

4.2.3. Fatores extra-linguísticos

4.2.3.1. Geração e entrevista

Em vista das hipóteses surgidas acima, outro tipo de análise importante em relação à distribuição e uso dos fóricos é a sua ocorrência por geração para identificarmos processos de variação e mudança através do tempo aparente, caso observemos que as diferentes gerações utilizam mais ou menos alguma das formas.

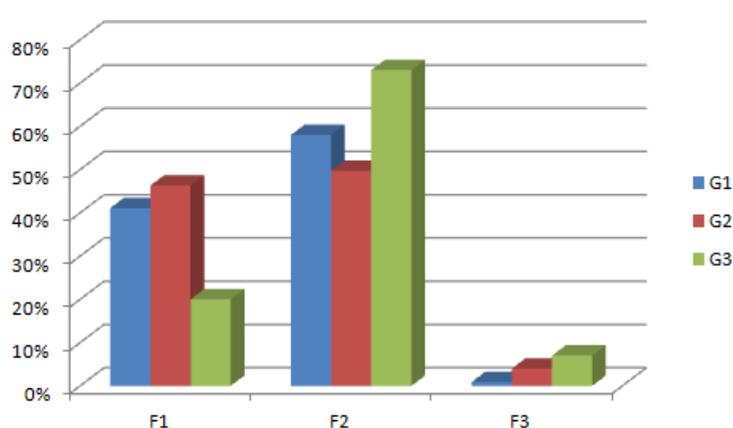
TABELA 42

Frequência de fóricos por forma e por geração - LI

Forma	F1	F2	F3	Total
G1	102 (41,1%)	144 (58%)	2 (0,9%)	248 (100%)
G2	82 (46,3%)	88 (49,7%)	7 (4%)	177 (100%)
G3	37 (20%)	135 (73%)	13 (7%)	185 (100%)

GRÁFICO 15

Frequência de fóricos por forma e por geração - LI



Para a primeira geração de LI, encontramos F2 levemente como a forma mais frequente, seguida de F1 e de F3, essa última com um número de ocorrências baixíssimo. O mesmo é observado na segunda geração, sendo a diferença entre F2 e F1

ainda menor. Já na terceira geração, apesar da hierarquia entre as formas ser a mesma, a diferença entre F2 e F1 é muito acentuada (53%), sendo o uso de F1 relativamente baixo em relação às duas primeiras gerações. Esses dados, em princípio, podem ser tomados como indício de uma mudança em curso, uma vez que F1 é pouco utilizado pela geração mais velha e mais utilizado pelas gerações mais novas.

Outro aspecto relevante extraído dos dados é o aumento no uso de F3 pela terceira geração. Sendo assim, F3 também poderia estar passando por processo de mudança, tendo seu uso diminuído. No entanto, essas diferenças podem também ser fruto de outras questões. No que diz respeito ao maior número de F3 na terceira geração, o fato de esses informantes relatarem fatos ocorridos em um passado mais distante, poderia justificar o maior uso de F3.

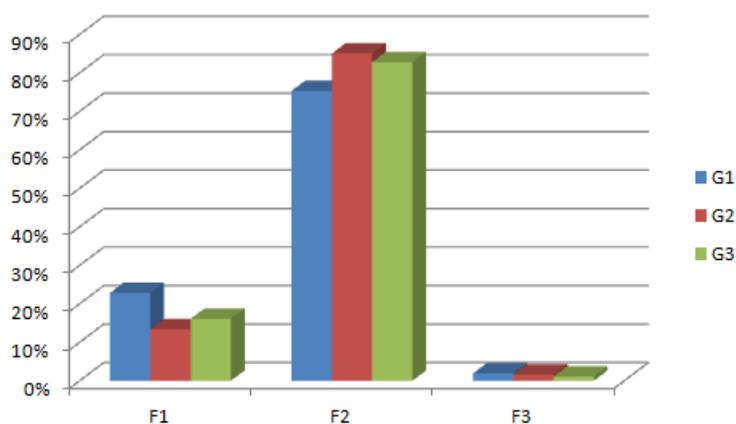
TABELA 43

Frequência de fóricos por forma e por geração - BA

Forma	F1	F2	F3	Total
G1	36 (22,8%)	119 (75,3%)	3 (1,9%)	158 (100%)
G2	25 (13,4%)	159 (85%)	3 (1,6%)	187 (100%)
G3	14 (15%)	78 (83,9%)	1 (1,1%)	93 (100%)

GRÁFICO 16

Frequência de fóricos por forma e por geração - BA



Nos dados de BA, encontramos uma grande prevalência de F2 em todas as gerações. A diferença entre o número de ocorrências de F2 em relação a F1, segunda forma mais frequente, é grande – para a primeira geração, 52,5%, para a segunda, 71,6% e para a terceira, 66,7%. O uso de F3 é extremamente baixo em todas as gerações. Dessa maneira, é possível concluir que, de forma geral, há um padrão comum a todas as gerações.

Comparando os dados encontrados para cada geração de LI e BA, verificamos que, de maneira global, o que é observado nos dados totais se reflete nos dados por geração.

Apresentamos agora os dados relacionados às formas para cada entrevista. Isso se faz necessário para a identificação de informantes que apresentem alguma característica diferente da que é observada no conjunto ou mesmo algum dado muito particular ou extremo, o que poderia alterar o resultado geral, impedindo a identificação de um padrão comum à maioria das entrevistas ou ainda gerando um falso padrão.

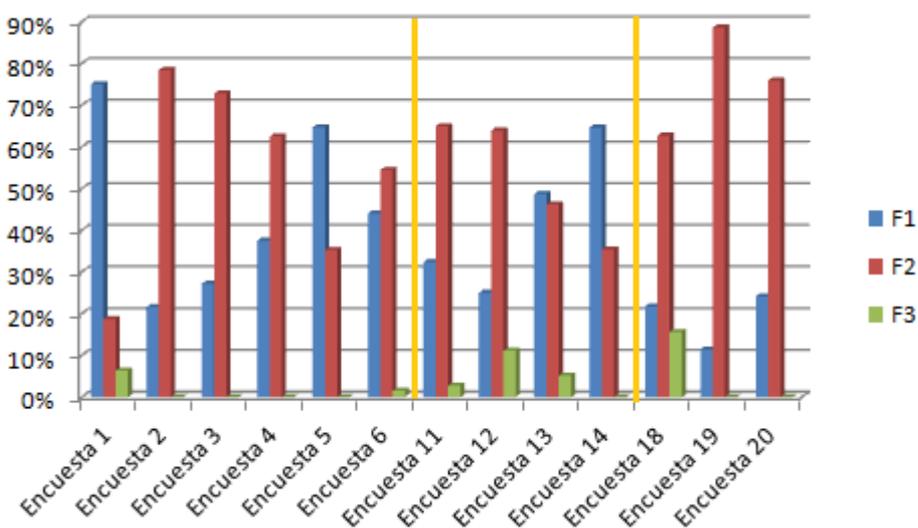
TABELA 44

Frequência de fóricos por forma, por geração e por entrevista - LI

Geração	Diálogos	F1	F2	F3	Total
G1	Encuesta 1	12 (75%)	3 (18,7%)	1 (6,3%)	16 (100%)
	Encuesta 2	19 (21,6%)	69 (78,4%)	0 (0%)	88 (100%)
	Encuesta 3	3 (27,2%)	8 (72,8%)	0 (0%)	11 (0%)
	Encuesta 4	6 (37,5%)	10 (62,5%)	0 (0%)	16 (100%)
	Encuesta 5	33 (64,7%)	18 (35,3%)	0 (0%)	51 (100%)
	Encuesta 6	29 (44%)	36 (54,5%)	1 (1,5%)	66 (100%)
G2	Encuesta 11	12 (32,4%)	24 (64,9%)	1 (2,7%)	37 (100%)
	Encuesta 12	9 (25%)	23 (63,9%)	4 (11,1%)	36 (100%)
	Encuesta 13	19 (48,7%)	18 (46,2%)	2 (5,1%)	39 (100%)
	Encuesta 14	42 (64,6%)	23 (35,4%)	0 (0%)	65 (100%)
G3	Encuesta 18	18 (21,7%)	52 (62,7%)	13 (15,6%)	83 (100%)
	Encuesta 19	5 (11,4%)	39 (88,6%)	0 (0%)	44 (100%)
	Encuesta 20	14 (24,1%)	44 (75,9%)	0 (0%)	58 (100%)

GRÁFICO 17

Frequência de fóricos por forma, por geração e por entrevista - LI



Na primeira geração de LI, observamos que a maioria das entrevistas segue o padrão encontrado para o conjunto – F2 > F1 > F3. No entanto, nas entrevistas 1 e 5, o número de F1 é consideravelmente maior. Na segunda geração, isso ocorre nas entrevistas 13 e 14, sendo que, na 13, F1 e F2 praticamente se equivalem, e na 14, F1 é maior que F2. Nas entrevistas da terceira geração, o padrão em relação a F1 e F2 é seguido em todas as entrevistas. Entretanto, no que diz respeito a F3, encontramos 13 ocorrências na entrevista 18, enquanto nas demais não há nenhuma. Nesse caso, podemos concluir que o aumento de F3 na terceira geração se deu por influência de um informante apenas e, por isso, não podemos considerar que falantes dessa geração fazem maior uso de F3, o que invalida a hipótese que levantamos anteriormente.

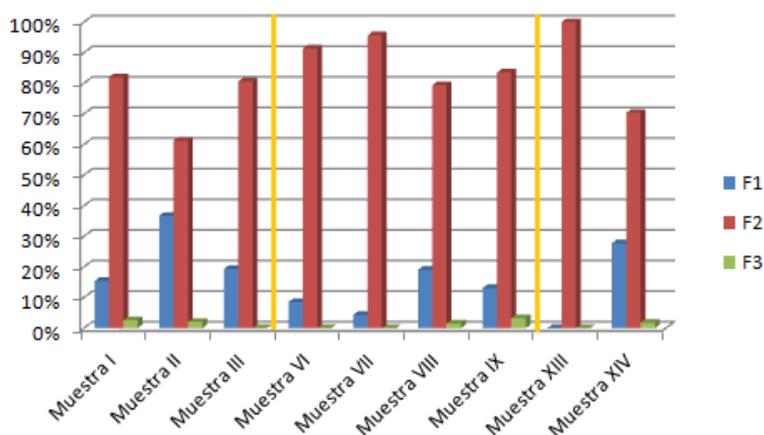
TABELA 45

Frequência de fóricos por forma, por geração e por entrevista - BA

Geração	Diálogos	F1	F2	F3	Total
G1	Muestra I	12 (15,4%)	64 (82%)	2 (2,6%)	78 (100%)
	Muestra II	18 (36,7%)	30 (61,3%)	1 (2%)	49 (100%)
	Muestra III	6 (19,4%)	25 (80,6%)	0 (0%)	31 (100%)
G2	Muestra VI	3 (8,6%)	32 (91,4%)	0(0%)	35 (100%)
	Muestra VII	1 (4,3%)	22 (95,7%)	0 (0%)	23 (100%)
	Muestra VIII	13 (19,1%)	54 (79,4%)	1 (1,5%)	68 (100%)
	Muestra IX	8 (13,1%)	51 (83,6%)	2 (3,3%)	61 (100%)
G3	Muestra XIII	0 (0%)	39 (100%)	0 (%)	39 (100%)
	Muestra XIV	14 (25,9%)	39 (72,2%)	1 (1,9%)	54 (100%)

GRÁFICO 18

Frequência de fóricos por forma, por geração e por entrevista - BA



Nas entrevistas de BA, todas, de forma geral, seguem o padrão identificado no conjunto de entrevistas. Em algumas a diferença entre F2 e F1 é um pouco menor, porém essa é sempre significativa.

4.2.4. Variação

Através da análise dos dados, fica evidente que temos casos de variação na distribuição das formas dos demonstrativos nas categorias mais abrangentes propostas por nossa classificação. Para identificar quais seriam esses casos propusemos a análise dos dados considerando as seguintes categorias: anáforas claras e escuras por classe de palavra, participante do ato de fala e por forma. Faremos a análise por tabelas, identificando aqueles casos em que há sobreposição de formas para as mesmas categorias analisadas e apresentando exemplos de como isso aconteceu nos *corpora*. Preferencialmente os exemplos apresentados serão do mesmo falante para fortalecer a hipótese de variação. Entretanto, em alguns casos isso não é possível, por haverem poucos dados - às vezes somente um - para a categoria considerada.

As duas primeiras tabelas dizem respeito às anáforas claras de LI e BA, sendo considerado cada *corpus* separadamente. Os dados foram separados em anáforas adjetivais e pronominais, por participante do ato de fala e por forma.

TABELA 46

Frequência de anáfora clara por classe de palavra, por participante do ato de fala e por forma - LI

	Adjetival			Pronominal		
	Locutor	Interlocutor	Locutor/ interlocutor	Locutor	Interlocutor	Locutor/ interlocutor
F1	55 (39%)	4 (50%)	–	20 (38,5%)	1 (33,3%)	–
F2	80 (56,7%)	4 (50%)	–	32 (61,5%)	2 (66,7%)	–
F3	6 (4,3%)	–	–	–	–	–
Total	141 (100%)	8 (100%)	–	52 (100%)	3 (100%)	–

Na tabela acima, temos quatro casos de variação. O primeiro caso trata das anáforas claras adjetivais cujo referente se encontra no discurso do próprio locutor. Vê-se que esse caso aparece em EDs em F1, F2 e F3, sendo a predominância dos dados de F2, mas havendo um número considerável de dados de F1. Colocamos abaixo um exemplo de cada forma, sendo o primeiro do falante 12 e os demais do falante 18.

- (111) **Inf.** En San Salvador, la cosa es distinta porque, *todas las casas de la gente pudiente* y los hoteles de lujo están, al borde del... volcán. *Todas estas casa* tienen cuatro metros de altura... (LI - 169c, itálicos nossos)
- (112) **Inf.** Nohabía elementos mecánicos, nohabía registros de... más aún, las tesis, a mí mismo me... abochorna un poco, *ver mi tesis doctoral que fue sobre, América en el teatro de Lope de Vega*. Meagrada que, *quesa tesis* ha sido comentada por N.N. (LI - 243f, itálicos nossos)
- (113) **Inf.** Lo más questado ha sidún prácticamente un par de años... (ya, ¿dónde?)... *una vueltal mundo*. En los viejos tiempos en que la vueltal mundo han sí en barco. Por lo tanto nohabía la rapidez del avión y uno podía darse el lujo de quedarse un tiempo largo. Pasé un año en Asia, yotro año en Europa cuando terminé mis estudios. (Ya.) Estupendo aprendizaje. Incluso, incluso desde el punto de vista español. Interesante porquestuve allí en Filipinas, en Manila cuando sehablaba mucho español en la parte central.----- comercial y algunas personas de... lo llamaban entonces, porque ya no sehablasí, la sociedad alta de... Manila. Había un grupo español muy fuerte, muy importante. Cuandohe vuelto después a Manila en dos ocasiones posteriores, ya prácticamente no se habla, es lamentable. Después también era interesante en *aquel viaje* e... cuandoestuve en... El Cairo, y en Estambul. (LI - 240g, itálicos nossos)

O segundo caso diz respeito às anáforas adjetivais em que o referente se encontra no discurso do interlocutor. Para esse caso, os dados se encontram divididos de maneira equilibrada, sendo 50% dos dados de F1 e 50% de F2. O primeiro exemplo, referente a F1, é do falante 5 e o segundo, referente a F2, é do falante 2.

- (114) (Ya. dime de qué manera aplicas tú... lo que has aprendido, como ingeniero industrial, digamos, a *este trabajo de vendedor*).
Inf. - ¿A *esta nueva facheta*? (LI - 76e, 76g, falante 5, itálicos nossos)
- (115) (Pero mira, *el seguro* no es un modelo de eficacia, ¿no?, el seguro...)
Inf. - No es un modelo de eficacia, sencillamente porque se mantienen dos sistemas juntos. Yo no creo que sea posible pues de lo...; haya médicos en el seguro, o un hospital tan chico, donde hay que hacer tanta cola, donde los médicos en fin a la gente ni la tocan, ¿no? la miran de lejos, ¿no? la miran de lejos y la receta. yo creo que no es posible, ¿porqué? porque se médico, lo único que tiene interés ahí es de practicar un poco y de salir, y trabajar en su consultorio, que se va a ganar; o de palanquearse esa gente para su consultorio, pero si todos están dentro de *ese régimen*, yo creo que sí puede ser... (LI - 43d, itálicos nossos)

O terceiro caso trata das anáforas pronominais claras em que o participante do ato de fala é o próprio locutor. A maior parte dos dados é de F2, porém há um número

considerável de dados em F1. Apresentamos abaixo exemplos de F1 e F2, ambos do falante 2.

(116) **Inf.** Y ahora con esto del, *Acuerdo de Cartagena*, *eseste* masamplo, ¿no? (LI - 40c, itálicos nossos)

(117) **Inf.**...ahora que incluso húdo un ministerio de integración; peroahoray solamente una oficina nacioá de *integra esa* es mi especialidad teórica (LI - 40d, itálicos nossos)

O quarto caso trata das anáforas claras pronominais cujo participante do ato de fala é o interlocutor. São apenas três casos, sendo um de F1 e dois de F2. O primeiro exemplo é do falante 1 e o segundo do falante 6.

(118) (Y *el paisaje quiteño*, ¿qué tal es?)

Inf. - Bueno es muy bonito ¿no? Es *este* un paisaje bueno, serrano, e... (LI - 29a, itálicos nossos)

(119) (¿Algo vinculado con *la hidroeléctrica de Machu Picchu*?)

Inf. - Sí,... Sí, sí, sí, sí... *esa* es exacto. (LI - 94a, itálicos nossos)

Na tabela abaixo, apresentamos os dados das anáforas claras de BA. É interessante observar que, assim como em LI, temos também variação nas anáforas adjetivais e pronominais referentes ao referente na fala do próprio falante. A única categoria em que há dados mas a escolha por F2 é categórica é a de anáforas adjetivais cujo participante do ato de fala é o interlocutor.

TABELA 47

Frequência de anáfora clara por classe de palavra, por participante do ato de fala e por forma - BA

	Adjetival			Pronominal		
	Locutor	Interlocutor	Locutor/ interlocutor	Locutor	Interlocutor	Locutor/ interlocutor
F1	10 (10,5%)	–	–	5 (15,6%)	–	–
F2	85 (89,5%)	8 (100%)	–	24 (75%)	–	–
F3	–	–	–	3 (9,4%)	–	–
Total	95 (100%)	8 (100%)	–	32 (100%)	–	–

Na tabela de anáforas claras de BA, o primeiro caso de variação se dá nas anáforas adjetivais sendo o participante do ato de fala o próprio locutor. Apesar de

10,5% dos dados serem de F1, F2 tem uma predominância nos dados considerável (89,5%). Abaixo os exemplos, ambos do informante 8:

(120) **Inf.** Las otras razas, las --- que nosotros más conocemos, Shorthorn, Heresford, son *animales que --- al engordar mucho, al llegar a los cuatrocientos cincuenta kilos, quinientos... eh... tienen mucha grasa*. Y ese tipo de carne nos gusta en los países don--- van *estos animales*. (BA - 127b, itálicos nossos)

(121) **Inf.** Bueno, sí, tiene una justificación que me parece noble. Ahora que se pague... este... cuarenta y dos millones de pesos, sesenta millones de pesos por *un caballo de carrera...* este... ya no me parece tan noble, hay allí un juego de intereses... este... sobre todo-- basado actualmente en un... en una especie... la palabra vicio es fea, es desagradable, incluso creo que no... no va, pero en una afición que en última instancia es poco constructiva, puesto que--- todo el objeto de los... de los que lo importan es hacer un negocio. *Ese caballo* da otros caballos que se venden no sólo aquí sino que se exportan. (BA - 123l, itálicos nossos)

O segundo caso se dá nas anáforas pronominais cujo participante do ato de fala é o locutor. Nesse, a hierarquia é F2 > F1 > F3, porém F2 mais uma vez se destaca, aparecendo em 75% dos dados. Abaixo, os exemplos, todos do informante 8.

(122) **Inf.** ... se producen verdaderos vapores de amoníaco y demás que... eh... perjudican al animal, *el animal* come menos, sobre todo *éstos* son animales que van para consumo allá. (BA - 126m, itálicos nossos)

(123) **Inf.** Entonces la importación sólo se realiza para ---tra... trayendo padres de alta calidad. Se traen, fundamentalmente, se traen de Inglaterra que es el origen... el país de origen de las razas principales aquí en la Argentina, el Heresford, el Shorthorn, el Aberdeen Angus y el... *Shorthorn, Heresford, Aberdeen Angus*, bueno *esas* son las tres razas inglesas... este... principales. (BA-123a, itálicos nossos).

(124) **Inf.** (...) Córdoba también, es decir, Córdoba, en el sur de Córdoba, pero sobre todo en *la zona central y norte de Santa Fe*, ¿Por qué se cría allá? Porque *aquella* es una zona--- muy subdividida, donde hay... eh... gran cantidad de tambos... (BA - 130l, itálicos nossos)

Nas próximas tabelas, apresentamos os dados de anáforas escuras. Separamos esses dados de acordo com a classe de palavras para poder contemplar os três valores possíveis para as anáforas escuras - implícita, sintetizadora amplificante e sintetizadora oracional - considerando também o participante do ato de fala. A primeira tabela

corresponde aos dados das anáforas escuras adjetivais de LI, a segunda aos dados das anáforas escuras adjetivais de BA, a terceira aos dados das anáforas escuras pronominais de LI e a quarta aos dados das anáforas escuras pronominais de BA.

TABELA 48¹⁵

Frequência de anáfora escura adjetival por participante do ato de fala, por valor e por forma - LI

	Locutor			Interlocutor			Locutor/ interlocutor		
	Im	Sa	So	Im	Sa	So	Im	Sa	So
F1	18 (37,5%)	–	21 (28,4%)	2 (100%)	–	–	–	–	–
F2	29 (60,4%)	16 (88,9%)	47 (63,5%)	–	–	–	–	–	–
F3	1 (2,1%)	2 (11,1%)	6 (8,1%)	–	–	1 (100%)	–	–	–
Total	48 (100%)	18 (100%)	74 (100%)	2 (100%)	–	1 (100%)	–	–	–

Nesta tabela, temos três categorias em variação, todas referentes ao locutor como participante do ato de fala. As categorias de anáforas implícitas e sintetizadoras oracionais cujo participante do ato de fala é o interlocutor apresentam escolhas categóricas do falante, a primeira por F1 e a segunda por F3 (nessa há apenas um dado).

O primeiro caso de variação é o das anáforas escuras implícitas que correspondem ao participante do ato de fala como o próprio falante. Destaca-se a predominância de F2, havendo porém um grande número de dados em F1. Abaixo os exemplos para cada forma em variação. O primeiro exemplo é do falante 5 e os outros dois do falante 6.

(125) **Inf.** Salí del colegio y... entré a la universidad al año siguiente. Sesentaiocho entráo. Y he salido en el, setentaitrés. E... *esta demora* porque la carrera se (...) (LI - 74d, itálico nosso)

(126) **Inf.** Lo cual no significa que reniegue de la base ¿ah? Creo que el hecho de haber estudiao ingeniería civil, y en la N.N., con *ese grupo de profesores...* (LI - 98e, itálico nosso)

(127) **Inf.** Bueno... eso era lo que... lo que la actividad que tenía, en realidá como te digo la he... abandonao por múltiples razones... la... Otra pasión de mí vía ha sido el canto en verdá, a mí siempre me gustó mucho cantar; pero nunca tuve ocasión de cantar realmente hasta que tuve una maestra, tú sabes... yo te conté, la señora Natalia; la cual abrió para mí... todo un universo.. que era desconocido, verdaderamente...eh... esta señora pues desgraciadamente murió. Entonce de-e *aquel entonces* hasta ahora (...) (LI - 99d, itálico nosso)

¹⁵ Relembrando as abreviaturas: Im = implícito, Sa = sintetizador amplificante, e So = sintetizador oracional.

O segundo caso é de anáforas sintetizadoras amplificantes. Apesar de a grande maioria dos dados se encontrarem em F2, também temos dois dados de F3. Abaixo os exemplos, ambos do falante 11:

- (128) **Inf.** De ahí ya ingresé a la Universidad N. N. si o sea crucé lavenida Uruguay todo muy cercano, y efectivamente *toda esas cosas* no chocan a los limeños porque ahora las distancias son de decenas de kilómetros no para cada movimiento (...) (LI - 159a, itálico nosso)
- (129) **Inf.** Yo... estuve en Chile en Chile de milnovecientos sesentaiséis a milnovecientos sesetaiocho; dos años, y... se vivía la época de Frei; leocracia cristiana en fin *aquellas cosas*, pero no se prefiguraba (...) (LI - 162b, itálico nosso)

O terceiro caso é o de anáforas sintetizadoras oracionais cujo participante do ato de fala é o próprio locutor. Temos dados nas três formas configurando a variação, sendo a prevalência dos dados de F2, havendo um número importante de dados de F1. Cabe ressaltar que todos os exemplos de F3 vêm acompanhado de uma expressão temporal. Abaixo os exemplos, o primeiro do falante 1, o segundo do falante 11 e o terceiro do falante 18.

- (130) **Inf.** Ponte a pensar tú, qué hace un campesino, con variedades grandes de papas a cuatro mil metros de alturas, donde no hay leña para cocinar, donde noha combustibles para la cocina, mucho más difícil una mata de papas, que vienen un montón de papas pequeñas que una mata rinda cinco papas grandes. Si bien el mercado de Lima puede tener otras exigencias. Hay una serie de problemas *deste tipo*. (LI - 34d, itálico nosso)
- (131) **Inf.** Ahora estoy solamente la N.N.; solamente allí, y... prefiero porque *desa manera* puedo trabajar (...) (LI - 156d, itálico nosso)
- (132) **Inf.** Pero tiene su razón histórica, no solamente contra la palabra en sí en España, sino otra razón además histórica, tradicional, y podríamos decirse haasta sentimental., en el Perú, hasta... hace pocos años. Bueno, en realidá es un libro que hice yo con mucho cariño, mejor dicho noera libro, fueron artículos publicaos en N.N. Yo viajaba en *aquella época* yo fui, a lugares que, que, a la escuela e era difícil... llegar, y era difícil alojarse. (LI - 247i, itálico nosso)

TABELA 49

Frequência de anáfora escura adjetival por participante do ato de fala, por valor e por forma - BA

	Locutor			Interlocutor			Locutor/ interlocutor		
	Im	Sa	So	Im	Sa	So	Im	Sa	So
F1	6 (14%)	–	9 (23,1%)	–	–	–	–	–	–
F2	34 (79,1%)	8 (100%)	30 (76,9%)	–	2 (100%)	10 (100%)	–	–	–
F3	3 (6,9%)	–	–	–	–	–	–	–	–
Total	43 (100%)	8 (100%)	39 (100%)	–	2 (100%)	10 (100%)	–	–	–

A tabela acima diz respeito às anáforas escuras adjetivais de BA. Nela, identificamos dois casos de variação, as anáforas implícitas e as sintetizadoras oracionais cujo participante do ato de fala é o locutor. As categorias de sintetizadoras amplificantes com o participante de fala sendo o locutor, as sintetizadoras amplificantes e as oracionais com o participante de fala sendo interlocutor tiveram ocorrências registradas, todas em F2.

Nas anáforas implícitas temos dados das três formas, sendo a hierarquia F2 > F1 > F3, com uma predominância importante de F2. Os dois primeiros exemplos são da entrevista III, onde cabe recordar que há dois entrevistados, mas só foram considerados os dados do entrevistado A, uma vez que nosso foco eram os falantes homens. O terceiro exemplo é da entrevista II.

(133) **Inf. A** - Ahora yo creo que en general el domingo actualmente en Buenos Aires la gente trata de salir mucho. Salir afuera, sí, sí, sí.

Inf. B - Salir afuera y salir a sitios.

Inf. A - Y que *esta invasión de autos que ha habido*, ¿no? esta invasión de autos esté... facilita muchísimo la salida. (BA - 66b, itálico nosso)

(134) **Enc.** Qué aspecto tiene Buenos Aires, ¿cómo se vive?

Inf B. Es múltiple.

Inf. A. Es despilfarradora sí--- sí--- el gran derroche--- el gran derroche. Y *toda esa vida así del centro* es una... es una cosa que te atrae ¿no? (BA - 57a, itálico nosso)

(135) **Inf.** O sea, esta acción es a *aquella reacción* o... (BA - 50e, itálico nosso)

Nas anáforas sintetizadoras oracionais cujo participante do ato de fala é o locutor, temos duas formas em variação, F1 e F2, havendo grande predominância de F2, novamente. O primeiro exemplo é do falante 8 e o segundo é o falante 1.

(136) **Inf.** (...) cómo se ha alimentado ese hombre, y entonces el... el japonés cambiaría, sería otro tipo de... de estructura física, pero lo que era principal, o lo que es principal en *este caso*, que costaría mucho alimentarlo porque habría que darle carne. (BA - 134l, itálico nosso)

(137) **Inf.** Seguramente muy... una característica muy porteña. Se da la gran posibilidad de que... de... de que uno conoce a todo el mundo y no conoce a nadie; o siempre puede esté... estar un poco así en las tinieblas *en ese aspecto*. (BA - 21c, itálicos nossos)

TABELA 50

Frequência de anáfora escura pronominal por participante do ato de fala, por valor e por forma - LI

	Locutor			Interlocutor			Locutor/ interlocutor		
	Im	Sa	So	Im	Sa	So	Im	Sa	So
F1	1 (100%)	–	40 (23,3%)	–	–	3 (30%)	–	–	1 (100%)
F2	–	5 (62,5%)	129 (75,5%)	–	–	7 (70%)	–	–	–
F3	–	3 (37,5%)	2 (1,2%)	–	–	–	–	–	–
Total	1 (100%)	8 (100%)	171 (100%)	–	–	10 (100%)	–	–	1 (100%)

A tabela acima diz respeito aos dados das anáforas escuras pronominais. Temos três categorias em variação: a dos sintetizadores amplificantes e a dos sintetizadores oracionais cujo participante de fala é o locutor e a dos sintetizadores oracionais cujo participante do ato de fala é o interlocutor. As anáforas implícitas cujo participante do ato de fala é o locutor teve um dado registrado em F1 e a sintetizadora oracional cujo participante do ato de fala é o locutor e o interlocutor teve um dado registrado também em F1.

O primeiro caso é o dos sintetizadores amplificantes sendo o participante do ato de fala o locutor. Nessa categoria, temos a hierarquia F2 > F3, não havendo casos de F1 e sendo a predominância de F2 considerável. Os dois exemplos são do falante 11.

(138) **Inf.** Bastante curiosa, meimagino que las paredes de la torreta son aligeradas y *todo eso*, pero de todas maneras era un timbre de gloria para él. (LI - 161a, itálico nosso)

(139) **Inf.** Yo... estuve en Chile de milnovecientos sesentaiséis a milnovecientos sesentaiocho; dos años, y... se vivía la época de Frei; democracia cristiana en fin *aquellas cosas*, pero no se prefiguraba todo lo que iba ocurrir nada no se prefiguraba, al contrario. (LI - 162b, itálico nosso)

O segundo caso é o dos sintetizadores oracionais cujo participante do ato de fala é o interlocutor. Temos ocorrências de todas as formas nesse caso, sendo, porém a predominância de F2a considerável, seguida a distância por F1 e sendo que de F3 há apenas duas ocorrências. O primeiro exemplo é do falante 4, o segundo do falante 2 e o terceiro do falante 18.

(140) **Inf.** Claro, y también de... el tranvía daba la Pun, daba la vuelta a la gorrea lo tranvía más todavía, hay un urbanito. El urbanito iba a... o venía del Callao, daba la vuelta a la Punta, y... nos cobraba por *esto* veinte centavos. (LI - 65a, itálico nosso)

(141) **Inf.** (...) lo que nunca dijeron fue que N.Nb. fue censurado por una matanza de campesinos, que hubo en el Departamento de Apurímac, de donde es originario N.N., por *eso* se le censuró, pero eso nunca dijo el Comercio (LI - 50f, itálico nosso)

(142) **Inf.** Pues esa, esa la llamo yo justamente, llamo Costa, Sierra y Montaña. (...) Cuando yo estaba en el colegio, volviendo *aquello*, se decía con un cierto... sonsonete, o cierto canto rítmico, el Perú está dividido en tres regiones, costa, sierra y montaña. (LI - 247h, itálico nosso)

O último caso diz respeito às anáforas sintetizadoras escuras cujo participante de fala é o interlocutor, no qual temos uma predominância relevante de F2. Os dois exemplos foram extraídos da entrevista 13.

(143) (Ajá. Sí. Y además N.N. por ahí, ha estado encontrando antecedentes judíos por ese lado.)

Inf. - Claro, sí. Y que, sí efectivamente ¿no? Que *esto* bueno yo lo sé por a través de otra fuente ¿no? (LI - 186b, itálicos nossos)

(144) (Claro. Ya y dime, como especialista en ciencias políticas, ahora tú debes de tener alguna interpretación de lo que está ocurriendo en este momento en nuestro país. Pero una interpretación mucho más... científica si se quiere, ya no impresionista, que es la de todo el mundo, una interpretación vulgar o simple ¿no?)

Inf. - Ah claro, por supuesto, *esa* es una cosa sum, sumamente compleja. (LI - 183a, itálico nosso)

TABELA 51

Frequência de anáfora escura pronominal por participante do ato de fala, por valor e por forma - BA

	Locutor			Interlocutor			Locutor/ interlocutor		
	Im	Sa	So	Im	Sa	So	Im	Sa	So
F1	-	-	6 (5,6%)	-	-	-	-	-	-
F2	-	6 (100%)	102 (94,4%)	-	-	32 (100%)	-	-	-
F3	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	-	6 (100%)	108 (100%)	-	-	32 (100%)	-	-	-

Na tabela acima temos os dados das anáforas escuras pronominais de BA. Aparece apenas uma categoria em variação, a de sintetizadoras oracionais cujo participante do ato de fala é o locutor. As anáforas sintetizadoras amplificantes cujo participante do ato de fala é o locutor e as sintetizadoras oracionais cujo participante do ato de fala é o interlocutor tiveram casos registrados, todos em F2.

No caso das sintetizadoras oracionais em que o participante do ato de fala é o locutor ocorreram as formas F1 e F2, sendo importante a predominância de F2.

(145) **Inf.** Mire el otro día sube al colectivo un porteño, bien bien calibradamente porteño. Y el que manejaba el colectivo--- era otro bien calibradamente porteño, esos que manejan de costado--- en ángulo de cuarenta y cinco grados con respecto al volante. Éste no sé si le pagó con cien pesos o con quinientos y el otro le dio un vuelto... esté... marcadamente en monedas--- cualquier cantidad. Entonces éste cuando recibió ese impacto de todas las monedas que no se lo esperaba, quedó ahí con la mano todavía en forma de balanza pesándola y mirando ese paquete brutal de monedas. Y lo miró fijo y provocativamente al colectivero, y todo lo que dijo es: "¿Mucho no?". Y el colectivero cancheramente lo miró de costado y perdonándole la vida le dijo: "Comprate caramelos". Yo creo que de *esto* solamente nos podemos reír los porteños. (BA - 52i, itálico nosso)

(146) **Inf.** (...) que hay muchos investigadores en el mundo y son muy pocos los que son conocidos y sobresalen, pero *eso* no quiere decir que los otros no sean importantes (...) (BA - 103i, itálico nosso)

4.3. Truncados

CAMBRAIA (2009, p. 25), retomando RONCARATI (2003), afirma que os dados truncados ou de busca lexical são, de forma geral, resultado do processo de formulação da mensagem. Assim como na pesquisa do autor em nosso *corpus* os dados truncados se devem ao fato de que o falante repete o demonstrativo até que se decida sobre como continuar seu discurso. Seguem abaixo dois exemplos desse tipo de uso, o primeiro é de LI e nele acontece a repetição do demonstrativo, sendo a primeira ocorrência considerada como truncamento. O segundo foi extraído de BA e nele observa-se que o falante, após uma hesitação muda o rumo do discurso, deixando o pensamento do qual fazia parte o demonstrativo sem continuidade.

(147) **Inf.** Etoces todoshabían ido con pareja, y como yo me escribí último, entonces me quedé sin pareja. Y me puse... donde caí y allí estuvo *esta*, esta chica, al lao... (LI, 94i, itálico nosso)

(148) **Inf.** Sin embargo --- hay que verlo, ¿no? Es decir--- es demasiado amplio y *eso* de... después uno se va a empezar a entusiasmar con el estudio. (BA - 17c, itálico nosso)

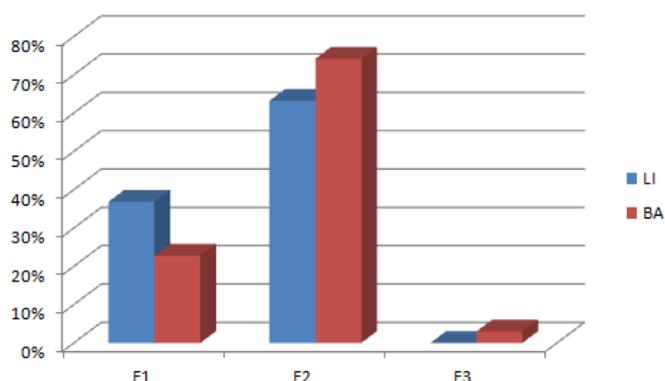
TABELA 52

Frequência de truncados por forma – LI e BA

Forma	F1	F2	F3	Total
LI	21(36,8%)	36 (63,2%)	0 (0%)	57 (100%)
BA	8 (22,8%)	26 (74,2%)	1 (3%)	35 (100%)

GRÁFICO 19

Frequência de truncados por forma – LI e BA



Através da tabela e do gráfico acima, observa-se que tanto em LI como BA as formas truncadas ocorrem com maior frequência em F2.

Apresentaremos agora a frequência dos dados truncados por geração com o intuito de identificar diferenças.

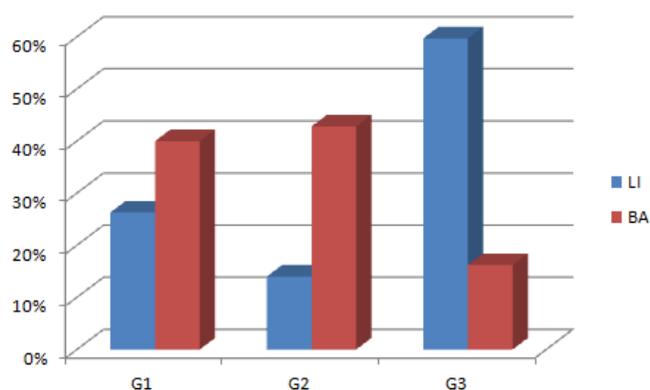
TABELA 53

Frequência de truncados por geração – LI e BA

	G1	G2	G3	Total
LI	15 (26,3%)	8 (14%)	34 (59,7%)	57 (100%)
BA	14 (40%)	15 (42,8%)	6 (16,2%)	35 (100%)

GRÁFICO 20

Frequência de truncados por geração – LI e BA



Em LI se destaca uma grande frequência de formas truncadas em G3, diminuindo nas outras gerações, apesar da frequência ser maior em G1 que em G2, o que poderia ser justificado pelo maior número de entrevistas em G2 que em G1.

Em BA, temos a hierarquia $G2 > G1 > G3$, sendo G2 e G1 praticamente equivalentes e G3 com o número muito baixo.

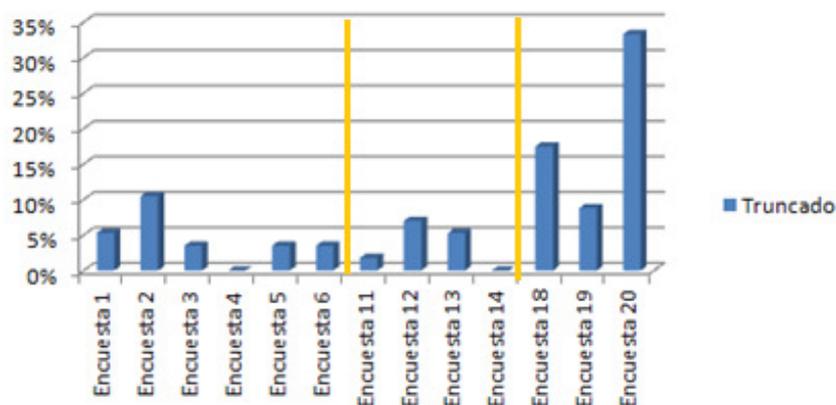
TABELA 54

Frequência de truncados por geração e por entrevista - LI

Geração	Entrevista	Truncado
G1	Encuesta 1	3 (5,3%)
	Encuesta 2	6 (10,5%)
	Encuesta 3	2 (3,5%)
	Encuesta 4	0 (0%)
	Encuesta 5	2 (3,5%)
	Encuesta 6	2 (3,5%)
G2	Encuesta 11	1 (1,8%)
	Encuesta 12	4 (7%)
	Encuesta 13	3 (5,3%)
	Encuesta 14	0 (0%)
G3	Encuesta 18	10 (17,5%)
	Encuesta 19	5 (8,8%)
	Encuesta 20	19 (33,3%)

GRÁFICO 21

Frequência de truncados por geração e por entrevista - LI



Chama a atenção a grande frequência do uso do demonstrativo truncado pelo informante da entrevista 20. De forma geral, os falantes da G3 utilizaram mais as formas truncadas do que os falantes das demais gerações.

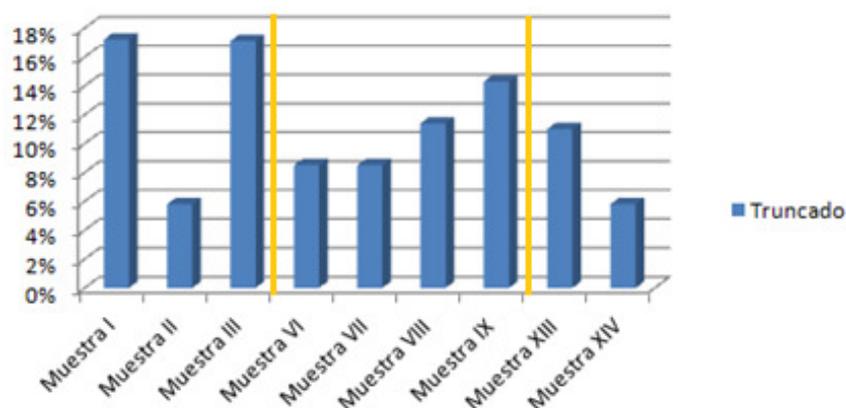
TABELA 55

Frequência de truncados por geração e por entrevista - BA

Geração	Diálogos	Truncado
G1	Muestra I	6 (17,2%)
	Muestra II	2 (5,8%)
	Muestra III	6 (17,1%)
G2	Muestra VI	3 (8,5%)
	Muestra VII	3 (8,5%)
	Muestra VIII	4 (11,4%)
	Muestra IX	5 (14,3%)
G3	Muestra XIII	4 (11,%)
	Muestra XIV	2 (5,8%)

GRÁFICO 22

Frequência de truncados por geração e por entrevista - BA



Diferentemente de LI, em BA as formas truncadas não apresentam uma distribuição com padrões claros, apesar de se notar que os usos mais frequentes foram nas entrevistas I e III, pertencentes à G1.

4.4. Fáticos

O uso fático, como já mencionado anteriormente, se dá no espanhol por meio da primeira pessoa de F1 (*este*). CAMBRAIA (2009, p. 29) ressalta que é um uso bem diferente da repetição que se dá nos casos truncados, pois o fático aparece em um contexto linguístico em que não haveria espaço para o uso de um demonstrativo. O uso fático do demonstrativo é um caso de gramaticalização, como já especificado por COLANTONI (2000). Seguem abaixo dois exemplos desse tipo de uso, o primeiro de LI e o segundo de BA.

(149) **Inf.** E... recuerdo básicamente de mi casa, el barrio en torno a mi casa. E... algunos acontecimientos, y... y bueno, algunas *este...* algunos amigos dinfanzia, si bien no tenía mayormente amigos e dominicanos. (LI - 85a, itálico nosso)

(150) **Inf.** Entonces me compré un departamento --- con idea de hacerlo oficina, por el centro, y *esté...* bueno... cambié el auto también. (BA - 16i, itálico nosso)

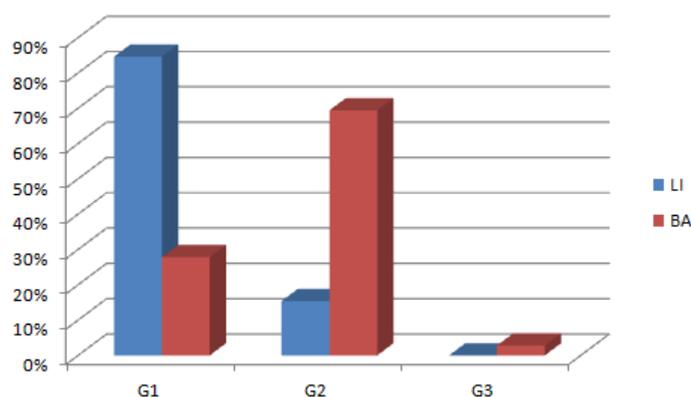
TABELA 56

Frequência de fáticos por geração – LI e BA

	G1	G2	G3	Total
LI	55 (84,6%)	10 (15,4%)	0 (0%)	65 (100%)
BA	71 (27,8%)	177 (69,4%)	7 (2,8%)	255 (100%)

GRÁFICO 23

Frequência de fáticos por geração – LI e BA



Em LI, temos $G1 > G2 > G3$, o que sugere um aumento do uso de demonstrativos em função fática, determinando uma mudança em tempo aparente. Em BA, temos $G2 > G1 > G3$.

Abaixo, as tabelas e gráficos das ocorrências de fáticos por entrevista com o objetivo de identificar algum falante que faz um uso distinto dos fáticos podendo gerar resultados inconsistentes.

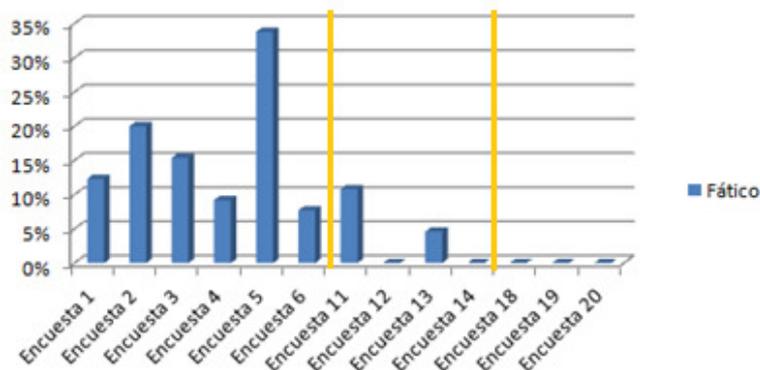
TABELA 57

Frequência de fáticos por entrevista - LI

Geração	Entrevista	Fático
G1	Encuesta 1	8 (12,3%)
	Encuesta 2	13 (20%)
	Encuesta 3	1 (15,4%)
	Encuesta 4	6 (9,2%)
	Encuesta 5	22 (33,8%)
	Encuesta 6	5 (7,7%)
G2	Encuesta 11	7 (10,8%)
	Encuesta 12	0 (0%)
	Encuesta 13	3 (4,6%)
	Encuesta 14	0 (0%)
G3	Encuesta 18	0 (0%)
	Encuesta 19	0 (0%)
	Encuesta 20	0 (0%)

GRÁFICO 24

Frequência de fáticos por entrevista - LI



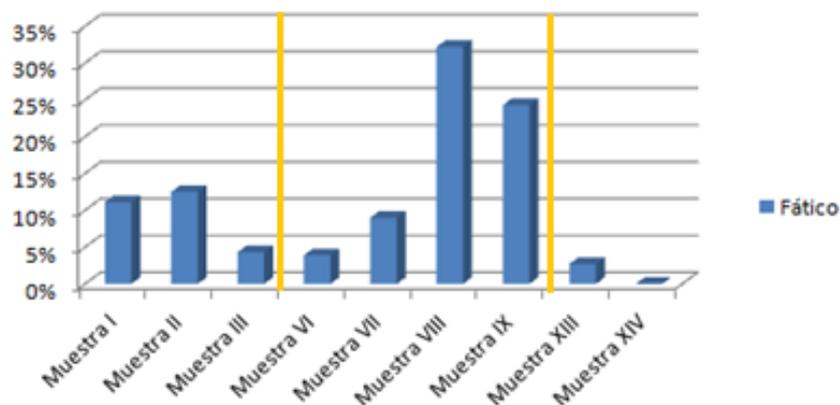
Destaca-se a entrevista 5 pelo grande número de usos fáticos, no entanto, o quadro de que a primeira geração faz maior uso de fáticos que as demais é claro.

TABELA 58

Frequência de fáticos por entrevista - BA

Geração	Diálogos	Fático
G1	Muestra I	28 (11,1%)
	Muestra II	32 (12,5%)
	Muestra III	11 (4,3%)
G2	Muestra VI	10 (3,9%)
	Muestra VII	23 (9%)
	Muestra VIII	82 (32,2%)
	Muestra IX	62 (24,3%)
G3	Muestra XIII	7 (2,7%)
	Muestra XIV	0 (0%)

GRÁFICO 25
Frequência de fáticos por entrevista - BA



As entrevistas VIII e IX se destacam pelo alto número de fáticos. De forma geral, porém, não é possível detectar nenhum padrão ao analisar individualmente as entrevistas.

4.5. Avaliando as hipóteses

Na seção 3.2 formulamos quatro hipóteses de trabalho para o presente estudo. Na presente seção discutiremos o que os dados apresentados e analisados neste capítulo permitem dizer em relação às hipóteses.

Segundo a **hipótese 1**, a escolha das formas de demonstrativo é sensível à função que o demonstrativo cumpre na frase, assim como identificado por GONZÁLEZ ÁLVAREZ (2006) para o EM, sendo possível identificar padrões de uso comuns às variantes do espanhol americano.

Os dados apurados na presente pesquisa demonstraram que efetivamente a escolha das formas é sensível à função, uma vez que, para cada função, há via de regra uma forma predominante. Por exemplo, para a função de endófora predomina F2 enquanto para a de exófora predomina F1, tanto em LI quanto em BA (cf. TABELAS 16b e 17b).

Entretanto, é importante salientar que se trata de predominância, pois nem sempre a seleção de uma forma é categórica. Assim, por exemplo, no caso de um dos tipos de endóforas, as anáforas, emprega-se F2 em 65% dos casos em LI e em 88% dos casos em BA. Chama a atenção que é justamente em BA, variedade com grande

predominância de F2 nas anáforas, que aparece a ocorrência, ainda que única, de F2 com valor de exófora temporal para marcação de tempo presente (cf. exemplo (64) à p. 81). Embora a ocorrência única exija prudência em sua interpretação, pois pode tratar-se de lapso de transcrição, constituiria, se for real, um caso semelhante ao do PB, em que F2 já tomou o lugar de F1 mesmo nos referidos casos de exófora (CAMBRAIA, 2012).

De acordo com a **hipótese 2**, o sistema de demonstrativos do espanhol de LI e o de BA apresentam tendência ao binarismo, estando em desaparecimento *aquel* (F3) em detrimento de *ese* (F2), como já constatado por alguns autores para o espanhol latino-americano, como CAMBRAIA (2009, 2012) e STRADIOTO (2012) sobre o EM.

Os dados apurados na presente pesquisa demonstraram que há evidências de tendência ao binarismo, pois o uso de F3 no *corpus* foi extremamente baixo: 3,6% para LI e 1,6% para BA. Embora CAMBRAIA (2012) tenha chamado a atenção para a existência de uma correlação entre uso de demonstrativos e gênero textual, o que nos levaria a pensar que o baixo uso de F3 seria decorrência do gênero do *corpus* adotado, lembramos que CAMBRAIA (2009) encontrou, em estudo baseado no mesmo gênero textual deste trabalho (entrevistas do projeto NURC) 1% de F3 no EM e 29% no PB, ou seja, o gênero textual em questão permite sim a ocorrência de F3 (tanto que há em PB), mas esta forma não ocorre em LI, BA e EM em função da especificidade dessas três variedades linguísticas do espanhol.

Um dado interessante do ponto de vista sociolinguístico é que, em LI (cf. TABELA 41), a frequência de F3 é G3 (7%) > G2 (4%) > G1 (0,9%), distribuição compatível com o padrão de mudança no tempo aparente em termos labovianos, ou seja, quando mais jovem a geração, menos se usa F3, forma em desaparecimento. Já para BA (cf. TABELA 42), a distribuição é mais ou menos equivalente: G3 (1,1%), G2 (1,6%) e G3 (1,9%). Embora haja uma leve diferença entre elas, pode-se considerá-la estatisticamente não-significativa. A referida distribuição equivalente em BA poderia ser sinal de que a mudança (perda de F3) já estaria em uma fase mais avançada, apresentando apenas casos residuais.

Também digno de atenção é o fato de que F3 em G3 de LI está todo concentrado na fala de um só informante: o da Encuesta 18 (cf. TABELA 43), sugerindo assim que, mesmo em G3, já haveria falantes mais avançados no processo de perda de F3. Em BA, apesar da distribuição equivalente entre as gerações, em G3 a ocorrência de F3 (aliás, única) se dá em apenas um falante: o da Muestra XIV (cf. TABELA 44).

Segundo a **hipótese 3**, o processo de binarização do sistema de demonstrativos de LI e BA deve envolver variação entre formas, pois as mudanças linguísticas são precedidas de variação entre formas concorrentes, como assinala LABOV (1995, 2001).

Os dados apurados na presente pesquisa demonstraram que há efetivamente variação no uso dos demonstrativos, como já se comentou na seção 4.2.6. Essa variação ocorre em diferentes estruturas, tais como anáfora clara adjetival com referência ao locutor, em que aparecem F1, F2 e F3 em LI (cf. TABELA 46) e F1 e F2 em BA (cf. TABELA 47) ou ainda anáfora escura adjetival com referência ao locutor e com referente implícito (cf. TABELA 48), em que aparecem F1, F2 e F3 em LI (cf. TABELA XX) e em BA (cf. TABELA 49), dentre as 16 estruturas com variação identificadas (11 de LI e 5 de BA).

De acordo com a **hipótese 4**, dada a semelhança entre diferentes variedades do espanhol latino-americano, prevê-se que a gramaticalização do uso fático se manifeste nos dados de BA, como sugere o estudo de COLANTONI (2000), e ainda nos dados de LI.

Os dados apurados na presente pesquisa demonstraram que há efetivamente o uso fático de demonstrativos (cf. TABELA 1), especificamente de F1, tanto em LI (8,9%) quanto em BA (35%). Salta aos olhos, no entanto, a discrepância nos valores: quase 4 vezes mais em BA do que em LI. Isso demonstra que, embora já se tenha afirmado que esse uso seria comum nas variedades latino-americanas (apesar de existir em menor proporção no espanhol europeu)¹⁶, há ainda uma lacuna importante: a diferença de vitalidade desse uso nas referidas variedades. O presente estudo apresenta uma contribuição para o preenchimento dessa lacuna demonstrando sua maior vitalidade em BA do que em LI.

Um dado interessante do ponto de vista sociolinguístico é que, em LI (cf. TABELA 56), a frequência de fático é G1 (84,6%) > G2 (15,4%) > G3 (0%), distribuição compatível com o padrão de mudança no tempo aparente em termos labovianos, ou seja, quando mais jovem a geração, mais se faz o uso fático, uso inovador. Já para BA (cf. TABELA 56), a distribuição não apresenta padrão tão nítido: G2 (69,4%) > G1 (27,8%) > G3 (2,8%). Embora a baixa frequência em G3 frente a G1 e

¹⁶ KANY (1994, p. 171-172) menciona o fato em relação ao espanhol de Cuba, Venezuela, Equador, Chile, Argentina e Uruguai; REYES BENÍTEZ (1991, p. 557), quanto ao de Porto Rico; e SOLER ARECHALDE (2006), quanto ao do México.

G2 possa sugerir igualmente mudança em implementação, a maior frequência em G2 frente a G1 (quase o dobro) indica uma situação mais complexa.

Novamente não se pode deixar de assinalar que a distribuição desses usos pelos falantes do *corpus* apresenta certas concentrações: no caso de LI, 33,8% dos usos estão apenas em um falante (o da Encuesta 5, um engenheiro industrial, pertencente a G1) e, no caso de BA, 32,2% no da Muestra VIII (um contador público, pertencente a G2).

Em síntese, as quatro hipóteses formuladas no início deste trabalho, extraídas de resultados de estudos prévios sobre os demonstrativos em língua espanhola, foram confirmadas pelos dados apurados na presente pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho nos propusemos a realizar um estudo sobre o uso de demonstrativos no espanhol de Lima e no de Buenos Aires. Tomando como referência teórica funcionalismo, gramaticalização e variação e adotando um *corpus* formado pelos dados das entrevistas do Projeto NURC de falantes do sexo masculino, realizamos uma descrição detalhada das formas em questão, contemplando aspectos intralinguísticos (morfologia, sintaxe e semântica) e extralinguísticos (geração e entrevistas). Com base nessa análise pudemos avaliar a procedência de quatro hipóteses formuladas ao início do trabalho e verificamos que todas elas procedem: (a) existe uma relação entre forma e função no uso de demonstrativos, com a predominância de certas formas em contextos específicos; (b) há uma tendência à binarização do sistema, com predominância de F2 (maior) e de F1 (menor) frente a F3 (em desaparecimento); (c) há variação no uso dos demonstrativos; e (d) há o uso gramaticalizado de demonstrativos com valor fático, sendo mais frequente no espanhol de Buenos Aires do que no de Lima.

Este trabalho, porém, é apenas uma contribuição modesta frente a um objeto de estudo tão complexo, como são demonstrativos. Consideramos que contribuímos para o progresso do estudo nessa área ao oferecermos um sistema de descrição detalhado que certamente poderá ser aplicado ao estudo de outras variedades não apenas do espanhol como também de outras línguas românicas, permitindo, assim, a realização adequada de estudos comparados entre línguas românicas, requisito defendido por CAMBRAIA e BIANCHET (2008, p. 35). Nossas hipóteses devem também ser testadas em novos *corpora*, incluindo, por exemplo, novos fatores, como, por exemplo, *gênero/sexo* (utilizamos apenas dados de falantes do sexo masculino, mas o Projeto NURC coletou também dados de falantes do sexo feminino); *gênero textual* (utilizamos entrevistas entre informante e documentador); e sobretudo *variedades diatópicas* (adotados um *corpus* com espanhol de Lima e Buenos Aires, mas o Projeto NURC incluiu o espanhol de capitais de outras partes de América Latina, bem como o português de cinco diferentes capitais do Brasil).

REFERÊNCIAS

- BARRENECHEA, A. M. *El habla culta de la ciudad de Buenos Aires: materiales para su estudio*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Buenos Aires, 1987. 2 tomos.
- BENÍTEZ ROSETE, V. A. *No es lo mismo 'el este rollo' que 'el rollo este': interfaz sintáctico-pragmática de los demostrativos*. Cidade do México, 2011. (Dissertação, Mestrado em Lingüística Hispânica)
- BLANCH, J. M. L. *El estudio del español hablado culto: historia de un proyecto*. México D. F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 1986.
- BRUGMANN, K. Die Demonstrativpronomina der indogermanischen Sprachen: eine bedeutungsgeschichtliche Untersuchung. *Abhandlungen der Sächsischen Gesellschaft der Wissenschaften*, Leipzig, n. 22. p. 1-50, 1904.
- BÜHLER, K. *Sprachtheorie: die Darstellungsfunktion der Sprache*. Stuttgart: G. Fischer, 1934.
- CÂMARA JR. J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CAMBRAIA, C. N. Demonstrativos na România Nova: português brasileiro x espanhol mexicano (dados de diálogos entre informante e documentador). *Caligrama*, Belo Horizonte, n. 14, p. 7-34, 2009.
- CAMBRAIA, C. N. *Assimetrias românicas: sistemas de demonstrativos (português do Brasil x espanhol do México) [fase I]*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012. (Relatório final de pesquisa de Bolsa de Produtividade do CNPq, 2009-2012)
- CAMBRAIA, C. N. & BIANCHET, S. M. G. Caleidoscópio latino-românico: demonstrativos. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 35, p. 15-36, 2008.
- CARAVEDO, R. *El español de Lima: materiales para el estudio del habla culta*. Peru: Pontificia Universidad Católica del Peru Fondo Editorial, 1989.
- CARBONERO CANO, P. *Deíxis espacial y temporal en el sistema lingüístico*. Espanha: Universidad de Sevilla, 1979.
- CASTILHO, A. T. Os mostrativos no português falado. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *Gramática do português falado: as abordagens*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. Vol. 3, p. 119-147.
- CHARAUDEAU, P. *Cours de linguistique*. Paris: Centre de Documentation Universitaire, 1970. p. 47-55 (Les démonstratifs: description sémantique de quelques systèmes grammaticaux de l'espagnol actuel). [Rep.: CHARAUDEAU, P. Le système des démonstratifs en espagnol. *Les Langues Modernes*, Paris, n. 65, p. 95-102, 1971]
- CID, O.; COSTA, M. C.; OLIVEIRA, C. T. *Este e esse na fala culta do Rio de Janeiro. Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 5, p. 195-208, 1986.
- COLANTONI, Laura. Los demostrativos en el español de la Argentina: de los usos prototípicos a los gramaticalizados. El caso de "este" y "eso". *Español Actual*, Madrid, n. 74, p. 71-82, 2000.
- CROFT, W. *Typology and universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- CUNHA, F. C. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.) *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2010.
- DIESSEL, H. *Demonstratives: form, function and grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 1999.
- DIK, C. S. *Functional Grammar*. Dordrecht / Cinnaminson: Foris Publications, 1978.

- DIK, C. S. *The theory of functional grammar*. Dordrecht / Providence RI-EUA: Foris Publications, 1989.
- EGUREN, L. J. Pronombres y adverbios demostrativos: las relaciones deícticas. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Dir). *Gramática descriptiva de la lengua española*: primera parte: sintaxis básica de las clases de palabras. Madrid: Espasa Calpe, 1999.
- GIVÓN, T. *Topic continuity in discourse: a quantitative cross-language study*, Amsterdam: John Benjamins, 1983.
- GIVÓN, T. *Syntax I*. Nova York: Academic Press, 1984.
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2001. 2v.
- GOMÉZ TORREGO, L. *Gramática didáctica del español*. 9. ed. Madrid: Ediciones SM, 2007.
- GONZÁLEZ ÁLVAREZ, E. A. del S. C. de J. *Usos de los demostrativos en las hablas culta y popular de la ciudad de México*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006. (Master en Letras: Lingüística Hispánica)
- HALLIDAY, M. A. K & HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- HEINE, B. & REH, M. *Grammatical categories in African languages*. Hamburgo: Helmut Buske, 1984.
- HEINE, B. *et al.* From cognition to grammar - Evidence from African languages. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (Eds). *Approaches to grammaticalization*, v. 1, Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1991, pp. 149-187.
- HIMMELMANN, N. P. Demonstrative in narrative discourse: a taxonomy of universal uses. In: FOX, Barbara. (Ed.) *Studies in anaphora*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996. p. 205-255.
- HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. Transitivity in grammar discourse. *Language*, v. 56, n. 2. jun. 1980, pp. 251-299.
- HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization I*, Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, p. 17-35, 1991.
- JUNGBLUTH, K. O uso dos demonstrativos em textos semi-orais: o caso dos folhetos nordestinos do Brasil. In: GROSSE, S. & ZIMMERMANN, K. (Eds.). *"Substandard" e mudança no português do Brasil*. Frankfurt: TFM, 1998. p. 329-355.
- KANY, C. E. *Sintaxis hispanoamericana*. 2. reimpr. Madrid: Gredos, 1994.
- KATO, M. A.; DUARTE, M. E L. & BARBOSA, P. Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 4, n. 2, p. 11-52, 2005.
- KOCK, J. de & GÓMEZ MOLINA, C. Los pronombres demostrativos en registros análogos y diferentes. In: KOCK, J. de; GÓMEZ MOLINA, C. & VERDONK, R. A. *Gramática española: enseñanza e investigación*. Salamanca: Ediciones Universidad, 1992. Vol. II Gramática, 5. Los pronombres demostrativos y relativos. p. 9-90.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Reprint. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1995.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 2001.

- LAUSBERG, H. *Linguística românica*. 2. Ed. Lisboa: Calouste Gulbekian, 1981.
- LAVRIC, E. Aquellos misteriosos demostrativos pospuestos. In: CICHON, P.; HASSAUER, F.; KREMNITZ, G. & MARTÍNEZ, P. (Eds.). *Actas de las Primeras Jornadas de Hispanistas en Austria* (Wien, 19-20 de mayo 1995). Wien: Edition Praesens, 1996. p. 106-113.
- LÁZARO CARRETER, F. *Dicionário de termos filológicos*. 3. ed. 7. reimpr. Madrid: Gredos, 1987.
- LEVINSON, S. C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MARINE, T. de C. *O binarismo dos pronomes demonstrativos no século XX: este vs. aquele ou esse vs. aquele*. Araraquara: FCL/ UNESP, 2004. (Dissertação, Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa).
- MARINE, T. de C. *Um estudo sócio-discursivo do sistema pronominal dos demonstrativos no português contemporâneo*. Araraquara: FCL/UNESP, 2009. (Doutorado, Linguística e Língua Portuguesa)
- MARTELOTTA, M. E. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. & CEZÁRIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MATTE BON, F. *Gramática comunicativa del español*. Madrid: Edelsa, 1995. Tomo I.
- MEILLET, A. L. L'evolution des formes gramaticales. In: MEILLET, A. L. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, [1912] /1948, pp. 130-148.
- MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C. ; BRAGA, M. L. (Orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- NICHOLS, J. Functional theories of grammar. *Annual Review of Anthropology*, v. 43, 1984, pp. 97-117.
- PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações no tempo real. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- PAVANI, S. *Os demonstrativos este, esse e aquele no português culto falado em São Paulo*. Dissertação (Mestrado) UNICAMP, Campinas, 1987.
- PEREIRA, H. B. *'Esse' versus 'este' no português brasileiro e no europeu*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2005.
- RAMALHO, V. H. B. *Posposição de demonstrativos na história do português e do espanhol: estudo histórico e comparado das estruturas articuladas e não-articuladas*. 2012. 200 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais.
- REYES BENÍTEZ, I. Y. La deixis demostrativa en la lengua hablada de Madrid y de San Juan de Puerto Rico. In: HERNÁNDEZ ALONSO, C. et al. (Eds.) *El español de América*. Salamanca: Junta de Castilla y León, 1991. V. 1, p. 551-559
- RONCARATI, C. Os mostrativos na variedade carioca falada. In: PAIVA, M. da C. & DUARTE, M. E. L. (Org.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 139-157.
- SOLER ARECHALDE, M. Á. El uso de *este*... en el habla de la Ciudad de México. In: ESPINOZA, A. V. (Org.). *ACTAS DEL XIV CONGRESO INTERNACIONAL DE ALFAL* (Monterrey, 17-21 Octubre 2005). Santiago de Chile: ALFAL, 2006.

- STRADIOTO, S. *Dêixis na România Nova: o lugar dos demonstrativos no português de Belo Horizonte e no espanhol da Cidade do México*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2012.
- VIGARA TAUSTE, A. M. *Morfosintaxis del español coloquial*. Madrid: Gredos, 1992.
- WACKERNAGEL, J. *Vorlesungen über Syntax mit besonderer Berücksichtigung von Griechisch, Lateinisch und Deutsch*. Basel: Birkhäuser, 1926-1928. Vol. II, p. 101-110.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory in language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, pp. 95-188.